PORT 2113
Módulo 1

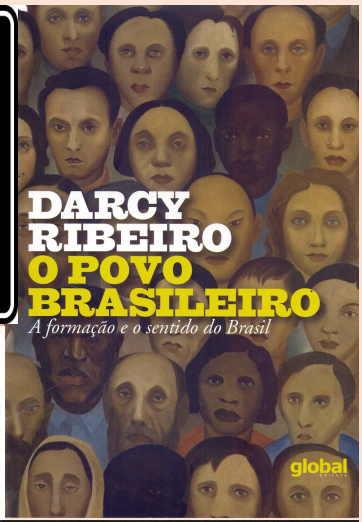
















PORT 2113 – Módulo 1

Índice

	Conteúdo	Página
1	Glossário	2
2	Quadrinhos	12
3	Oficina de Texto	34
4	Vocabulário	74
5	Crônica	96
6	Arte	103
7	Música	152
8	Entrevista	160
9	Gramática	167
10	Poesia	182
11	Reportagem	189
12	Ensaio	192
13	Vídeo	235
14	Jogo	239

1. Glossário
Relacionamentos

PORT 2113 – Módulo 1

1. Reflita sobre o tema do glossário

- Em que situações você fala sobre esse assunto?
- Com quem?
- Existe uma maneira formal/técnica e outra informal/cotidiana de se expressar sobre esse assunto?
- Quais são as coisas difíceis [ou delicadas] de explicar nesse tema?
- Pode haver diferenças puramente linguísticas, puramente culturais ou de fundo linguistico e cultural, e essas diferenças pedem traduções e explicações bem claras.

2. Seleção dos verbetes

- Os verbetes no glossário incluem todos os termos necessários para ler e/ou se expressar sobre aquele assunto.

3. Criando um verbete

Namorar (v):

To date as in a relationship. “Com” is an optional preposition frequently used, but not mandatory. To date as in going out is “sair com” as in “Eu convidei Mark para sair no sábado.”

Exemplos e traduções:

Eu namorei John durante seis meses. [I dated John for six months.]
John e Stuart estão namorando. [J and S are dating.]
Nunca namorei com um atleta. [I’ve never dated/had a relationship an athlete]

4. Expandindo verbetes

Verbo	Substantivo	Adjetivo	Expressão	Sinônimo	Antônimo
Amar	o amor	Amoroso	Morrer de amor	Adorar	Detestar
		Amante	Amar de paixão		Odiar
Namorar	o namoro	NamoradeirX	Começar a …	São namorados	Terminar
	namorado/a				

5. Revisão dos verbetes

O verbete precisa ser sintético e curto. Ele explica um termo de forma clara e factual e ensina a usá-lo corretamente (significado claro/exato, preposições, expressões, conjugações). Ele contém exemplos claros e comuns, quando necessário.

Exemplo: **Ficar** é beijar uma pessoa apenas numa noite, sem compromisso de namoro. Pode-se traduzir como "make out". Ela **ficou com** Jorge ontem na festa. Eles andaram **ficando**, mas hoje são apenas bons amigos.

6. Utilize fontes confiáveis!

- Use somente fontes confiáveis para dar mais credibilidade ao seu trabalho. Atenção com os registros formal e informal, porque eles pedem por fontes diferentes.

Algumas Fontes confiáveis:

Português-Inglês e Inglês-Português

- https://www.wordreference.com/

Português

- https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/
- https://www.dicio.com.br/

Inglês

- https://www.merriam-webster.com/

Vamos Praticar?

Escolha uma das palavras abaixo para elaborar um verbete:

- padrinho
- ciúmes
- conhecido
- paquera
- casamento
- casal
- aliança
- fofocar

Tarefa

1. Seu glossário deve ter no mínimo 10 verbetes. As instruções e dicas sobre fazer um glossário estão aqui [ver slide 4]
2. Faça uma tabela com expansões dos 10 verbetes [ver slide 5].
3. Você pode fazer perguntas e resolver suas dúvidas com seu professor por email

2. Quadrinhos

Dona Morte de Maurício de Souza

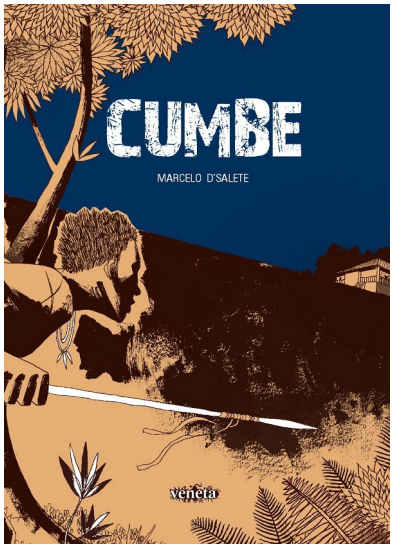
PORT 2113 – Módulo 1

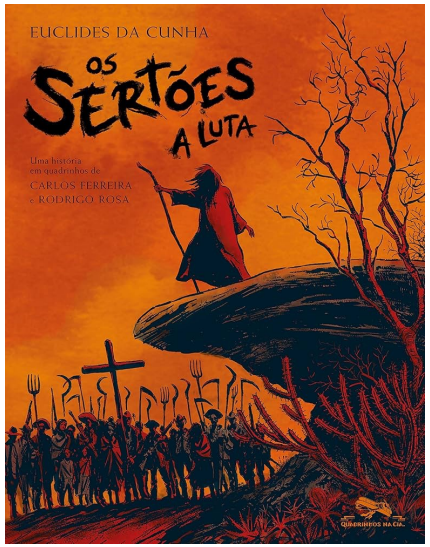


Charge

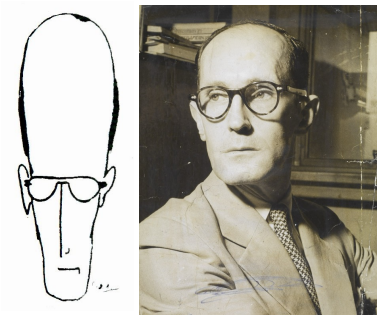


Tira ou Tirinha





Revistinha ou HQ



Caricatura

Quatro gêneros textuais







Típica Banca de Jornal

Revistinhas



Maurício de Sousa

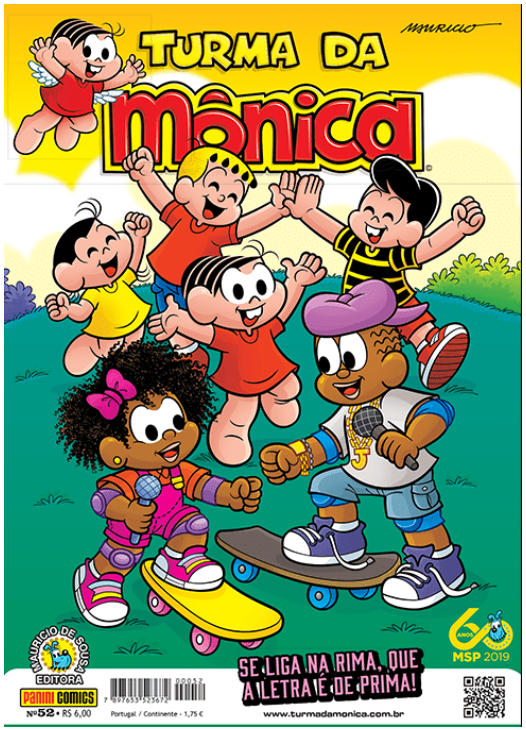




- Mauricio de Sousa nasceu em 1935 em Santa Isabel, no interior de São Paulo.
- Mudou-se para a capital do estado em 1954 e trabalhou como reporter policial por cinco anos.
- Em 1959 publicou sua primeira tirinha (com Bidu e Franjinha) no jornal *Folha da Tarde*.
- Apesar de não se envolver em política, perdeu seu emprego e foi colocado numa lista negra de cartunistas durante a ditadura.
- Lançou sua primeira revistinha em 1970. Em 59 anos a Mauricio de Sousa Produções já publicou um bilhão de revistas e, atualmente, representa 86% das vendas de HQ no Brasil. O material também é exportado para cerca de 30 países.

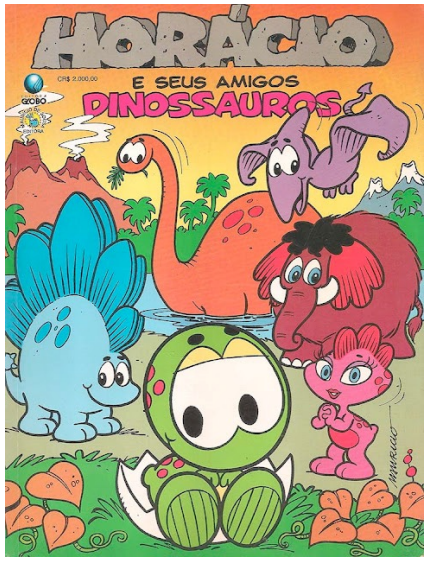
Fonte: https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/mauricio-de-sousa-conheca-trajetoria-do-criador-da-turma-da-monica.html

Turmas


TURMA DA
mônica
SE LIGA NA RIMA, QUE A LETRA É DE PRIMA!
MSP 2019
www.turmadamonica.com.br


TURMA DA
MÔNICA
JOVEM


TURMA DO
CHICO BENTO


HORÁCIO
E SEUS AMIGOS
DINOSSAURIOS

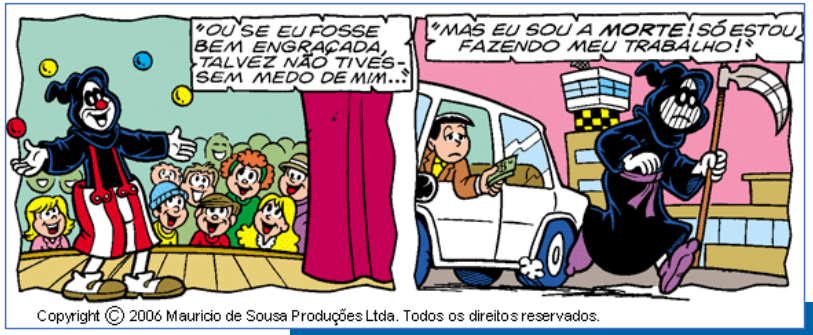

ALMANAQUE TURMA DA
Tina

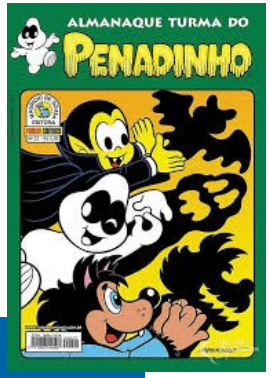

BIÔNICA FILMES, QUINTAL DIGITAL, MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES,
LATINA ESTÚDIO, PARAMOUNT PICTURES, PARIS FILMES E DOWNTOWN FILMES APRESENTAM
UMA AVENTURA DO TAMANHO DESSA AMIZADE NÃO CABIA SÓ NOS QUADRINHOS
TURMA DA
mônica
Laços
BASEADO NA OBRA DE
MAURICIO DE SOUSA
DIREÇÃO
DANIEL REZENDE
GIULLIA BENITE
KEVIN VECHIATTO
LAURA RAUSEO
GABRIEL MOREIRA
MONICA IOZZI
PAULO VILHENA
FAFA RENNÓ
RAVEL CABRAL
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
RODRIGO SANTORO
VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
@turmadamonicaoficial
@turmadamonicaoficial
#TURMADAMONICAOFILME





Dona Morte







Turma do Penadinho

"Na conversa das pessoas de antigamente, minha avó, meu bisavô, era tão natural o ciclo da vida e da morte, que isso era repassado para os filhos, os netos. Nós percebíamos como algo realmente natural: triste, mas não lancinante. E com isso, no momento em que eu estava fazendo história em quadrinhos, eu achei que podia falar alguma coisa sobre a morte de outra maneira: não com choro, com tristeza, que eu podia fazer um pouco de filosofia".

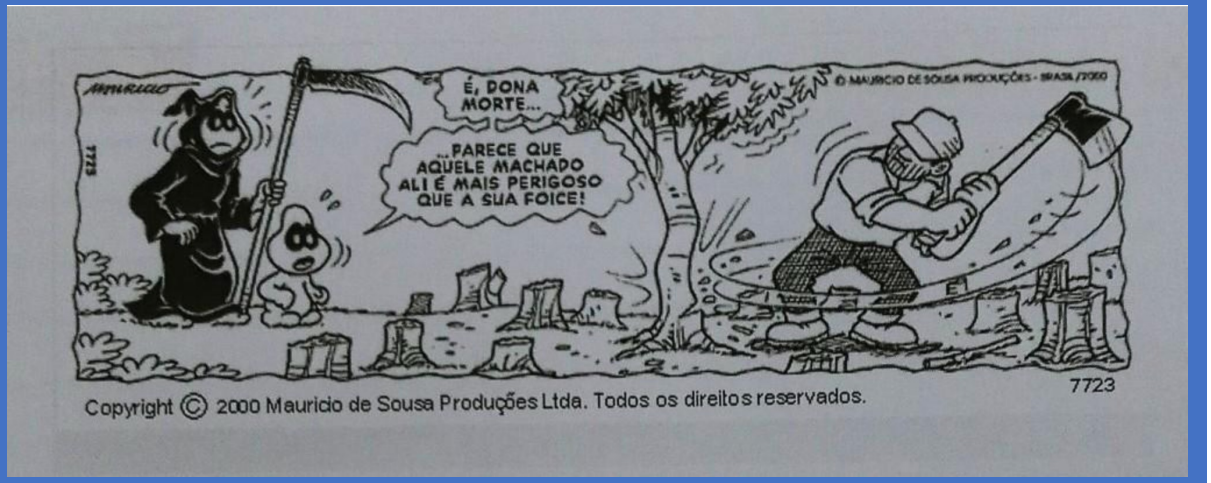
“Uma conversa com Mauricio sobre a (Dona) Morte”
Folha de São Paulo, 28/4/2022



Índice

“Dona Morte e o mundo” / “Aquele machado”	Slide 10
“O último servicinho do ano”	Slide 11
“A morte ataca outra vez”	Slides 12-14
“Antes da hora”	Slides 15-18
“Insubstituível”	Slides 19-21


Dona Morte e o MUNDO
MAURICIO
NÃO OLHEM PRA MIM! NÃO TENHO NADA A VER COM TUDO ISSO!
FIM


MAURICIO
É, DONA MORTE...
...PARECE QUE AQUELE MACHADO ALI É MAIS PERIGOSO QUE A SUA FOICE!
7723
Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



"O último servicinho do ano"
Cascão Nº 77 (Ed. Globo, 1989)

"A Morte ataca outra vez"
Cascão Nº 3
(Ed. Globo, 1987)





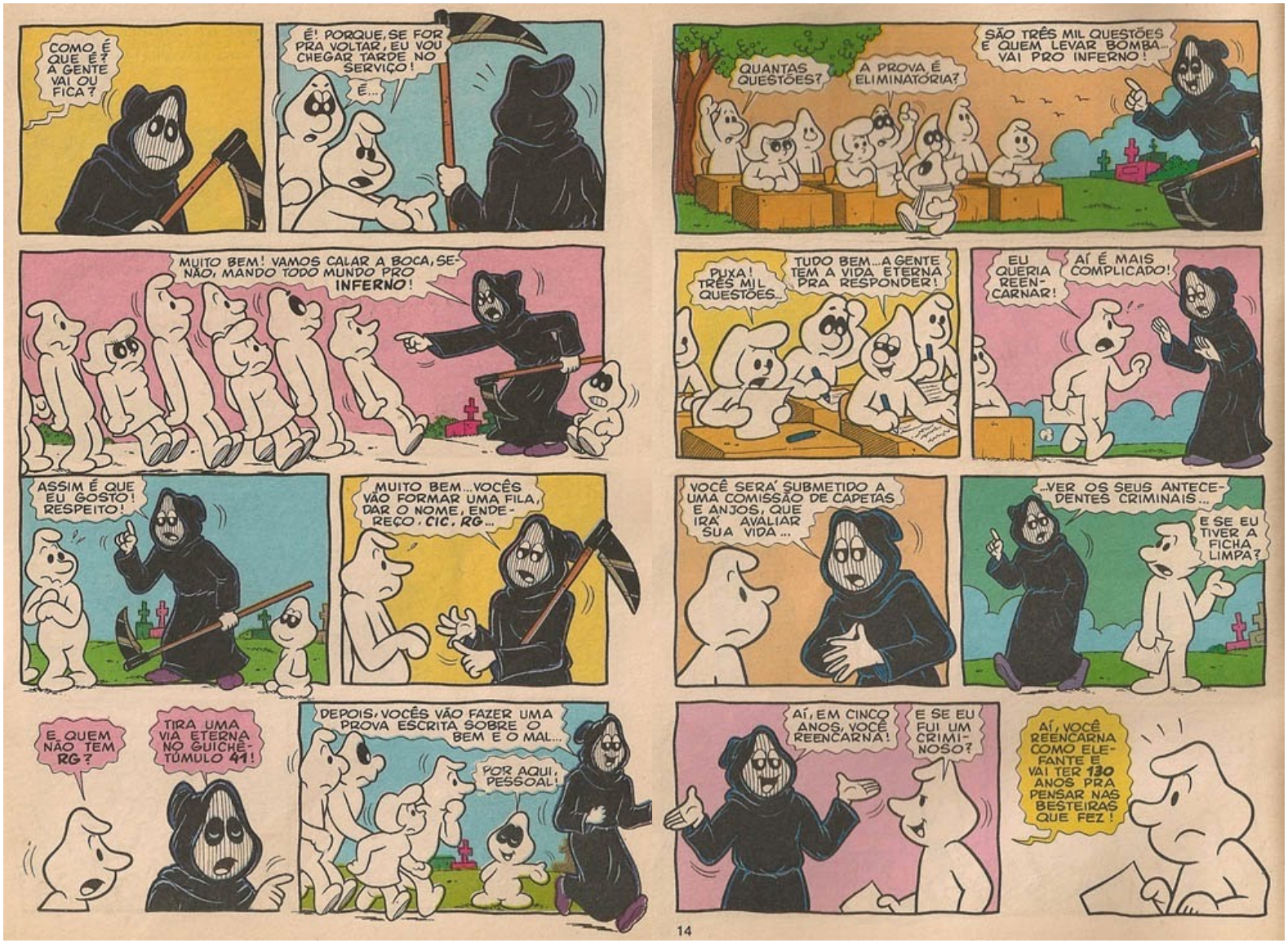

AI! DEPOIS DESSA, EU PERCO O EMPREGO!
ESQUINDÔ! ESQUINDÔ! CHEGUEI, PESSOAL!
UÉ! OUTRA FANTASIA DE MORTE?!
COMO, OUTRA?! NÃO VÁ DIZER QUE ALGUÉM TEVE A MESMA IDEIA?!
CLARO! O FRANCIS, ALI!
MAS O FRANCIS SOU EU!
EPA! É MESMO! CONHEÇO ESSA BARRIGUINHA!
MAS ENTÃO... QUEM É QUE ESTÁ DANÇANDO COM A FABIANA?
PODE IR LARGANDO A MINHA GAROTA, SEU IMPOSTOR!
OH! ESSA VOZ!
É O FRANCIS! MAS... MAS...
GRRR! VOU LHE DAR UMA LIÇÃO!
AH, É?
CALMA, GENTE! NÃO VAMOS BRIGAR!
FOI SÓ UMA CONFUSÃO!
TÁ BEM! NÃO QUERO ESTRAGAR A FESTA!
MAS QUE ISSO NÃO SE REPITA!
QUER UMA BEBIDA, AMIGO?
NADA DISSO!
POR FALAR NISSO, QUEM É VOCÊ, AFINAL? AH! APOSTO QUE É O FÁBIO!
JÁ CHEGA DE TANTA CONFUSÃO!
MEU ASSUNTO AQUI É OUTRO!
VIM PARA LEVÁ-LOS! CHEGOU A SUA HORA!
É VERDADE! CHEGOU A HORA!
É MEIA-NOITE, PESSOAL! É HORA DE TIRARMOS AS MÁSCARAS!
UPIIII!
VAMOS! NÃO VAI TIRAR O CAPUZ?
EU... NÃO POSSO...
TUDO BEM! EU AJUDO VOCÊ!


OH!
VOCÊ... VOCÊ NÃO É HUMANO!
ELE É... É...
ISSO MESMO! SOU A MORTE, EM PESSOA!
SE É QUE POSSO DIZER ASSIM!
OOOH!
ENTÃO NÓS VAMOS...
SIM! TODOS VOCÊS!
MAS... MAS COMO?
UM AVIÃO VAI CAIR SOBRE ESTA CASA, DAQUI A INSTANTES!
ESSA NÃO!
TSC! TSC! TODOS DIZEM O MESMO!
QUE TRAGÉDIA!
MAS SOMOS TÃO JOVENS!
É, MORRER COM ESTA FANTASIA RIDÍCULA!


ESCUTE, SEU... DONA... HÃ... NÃO DÁ PRA QUEBRAR O NOSSO GALHO?
IMPOSSÍVEL!
EU SOU CRUEL! SOU IMPLACÁVEL!
TENHO UM NOME A ZELAR! E UMA COTA A CUMPRIR! JÁ PERDI MUITO TEMPO AQUI!
E... E...
CHUIF!
CHUIF!
BUAÁÁ!
DROGA! DETESTO SER UM DESMANCHA-FESTAS!
SIM... LÁ VAI A MORTE! A INVENCÍVEL! A INFALÍVEL, A...
EI! MAS ONDE ESTÃO SUAS VÍTIMAS?
PSST! NÃO INTERESSA, SEU XERETA!
ATÉ EU POSSO TER UM CORAÇÃO MOLE DE VEZ EM QUANDO, NÉ?
FIM



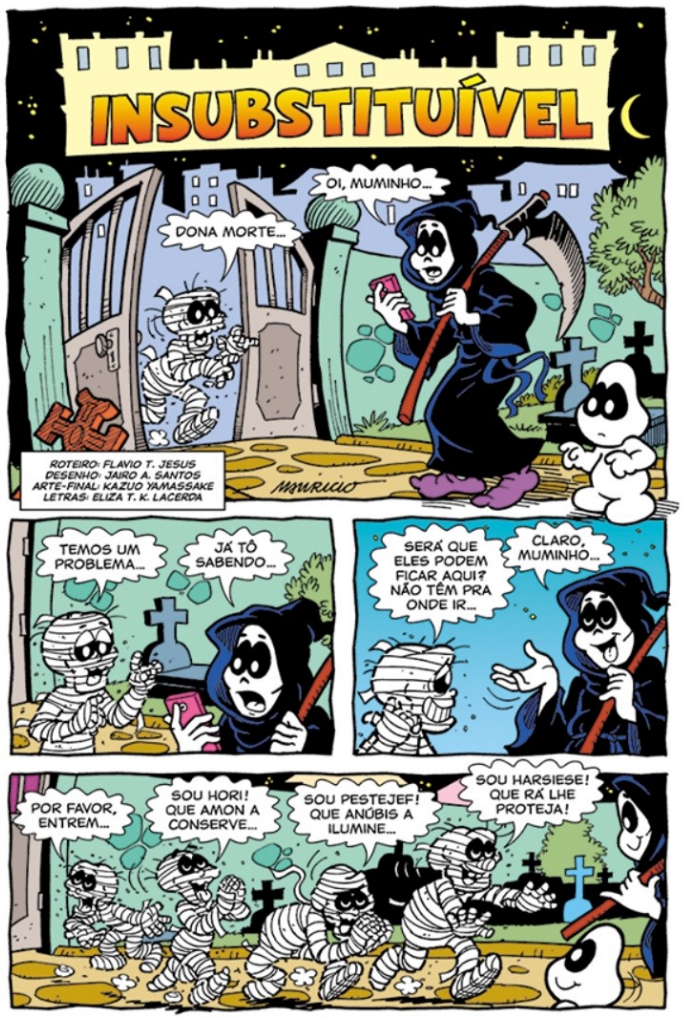
"Antes da Hora"
Cebolinha Nº 75
(Ed. Globo, 1993)


COMO É QUE É? A GENTE VAI OU FICA?
É! PORQUE, SE FOR PRA VOLTAR, EU VOU CHEGAR TARDE NO SERVIÇO!
É...
QUANTAS QUESTÕES?
A PROVA É ELIMINATÓRIA?
SÃO TRÊS MIL QUESTÕES E QUEM LEVAR BOMBA... VAI PRO INFERNO!
MUITO BEM! VAMOS CALAR A BOCA, SENÃO, MANDO TODO MUNDO PRO INFERNO!
PUXA! TRÊS MIL QUESTÕES...
TUDO BEM... A GENTE TEM A VIDA ETERNA PRA RESPONDER!
EU QUERIA REENCARNAR!
AÍ É MAIS COMPLICADO!
ASSIM É QUE EU GOSTO! RESPEITO!
MUITO BEM... VOCÊS VÃO FORMAR UMA FILA, DAR O NOME, ENDEREÇO, CIC, RG...
VOCÊ SERÁ SUBMETIDO A UMA COMISSÃO DE CAPETAS E ANJOS, QUE IRÁ AVALIAR SUA VIDA...
...VER OS SEUS ANTECEDENTES CRIMINAIS...
E SE EU TIVER A FICHA LIMPA?
E QUEM NÃO TEM RG?
TIRA UMA VIA ETERNA NO GUICHÊ-TÚMULO 41!
DEPOIS, VOCÊS VÃO FAZER UMA PROVA ESCRITA SOBRE O BEM E O MAL...
POR AQUI, PESSOAL!
AÍ, EM CINCO ANOS, VOCÊ REENCARNA!
E SE EU FUI UM CRIMINOSO?
AÍ, VOCÊ REENCARNA COMO ELEFANTE E VAI TER 130 ANOS PRA PENSAR NAS BESTEIRAS QUE FEZ!


GLUP! FOI SÓ UMA HIPÓTESE ... HE! HE!
BOM...
...DEPOIS DE PREENCHIDO O QUESTIONÁRIO, VOCÊS VÃO ASSINAR SEU NOME NO LISTÃO...
QUANTA BUROCRACIA...
É! NEM MORRENDO A GENTE SE LIVRA DELA...
...E, FINALMENTE, VOCÊS IRÃO RECEBER UMA SENHA, VERMELHA OU AZUL...
...VERMELHA, PEGUEM O ELEVADOR DE SERVIÇO E EMBARQUEM PRO INFERNO...
DESCE...
... AZUL, PEGUEM O ELEVADOR SOCIAL E SUBAM PRO CÉU!
EI, ESPERA AÍ... É O PURGATÓRIO?
É! NÃO TEM UM MEIO-TERMO, NÃO?
O PURGATÓRIO ESTÁ SUPERLOTADO... SÓ ANO QUE VEM...
ABRAM NOVAS VAGAS...
SÓ ANO QUE VEM! ORDENS DO CRIADOR...
CHEGOU UM FAX, DONA MORTE...
HUM... BOAS NOTÍCIAS, PESSOAL! ABRIRAM MIL VAGAS NO PURGATÓRIO...
DESCULPEM... EU SOU LEIGO NO ASSUNTO... O QUE A GENTE FAZ NO PURGATÓRIO? TOMA PURGANTE?
AH! AH! AH! AH! AH!
PURGATÓRIO É UMA ESPÉCIE DE SALA DE ESPERA...
...ENTRE O CÉU E O INFERNO!
MUITO BEM, PESSOAL! CHEGA DE ENROLAÇÃO, E VAMOS FORMAR AS FILAS...
AH! AH! PURGANTE! CADA UM QUE APARECE...

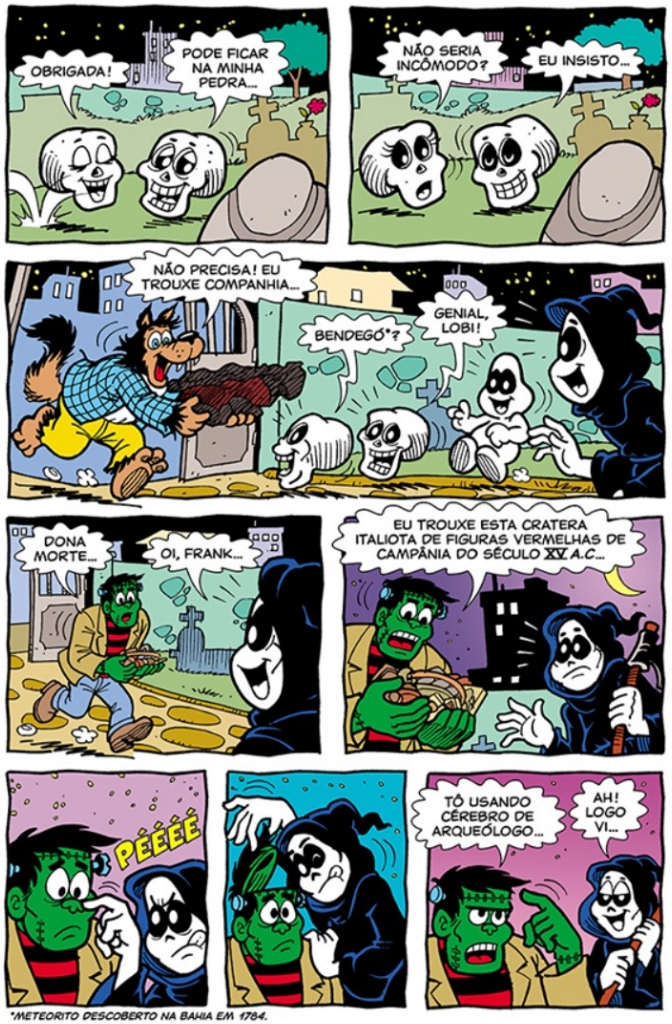

UFA! QUE DIA...
DETESTO ESTES SERVIÇOS EXTRAS, QUE APARECEM NA ÚLTIMA HORA...
DONA MORTE!
AH, NÃO, PENADINHO... MAIS ALMAS?!
OLHA AQUI, PESSOAL... JÁ ENCERREI O EXPEDIENTE! VOLTEM AMANHÃ!
É QUE NÓS SOMOS DO CEMITÉRIO VIZINHO... FOMOS EXPULSOS DE LÁ... ALGUM EXORCISTA?
NÃO! DESAPROPRIARAM A ÁREA PRA CONSTRUÍREM UM SHOPPING!
ERA SÓ O QUE ME FALTAVA... "ALMAS SEM TETO"!
ENTREM... EU DOU UM JEITO!
VALEU, DONA MORTE...


TAMBÉM, ACHO QUE POR HOJE, CHEGA...
DESCULPE INCOMODÁ-LA A ESTA HORA, DONA MORTE...
FALE! CEDO DEMAIS...
SOMOS UM GRUPO QUE VEIO DE MUITO LONGE... DE UMA GUERRA E...
ENTREM... ENTREM...
SIMPÁTICA, NÃO?
ER... BEM... EU VIM DE UM ASSALTO, E...
ENTRANDO!
PUXA! ACIDENTE DE CARRO, AVIÃO, TREM, GUERRAS, ASSALTOS...
...FICA DIFÍCIL TRAZER AS PESSOAS PRA CÁ DE MODO NORMAL...
...QUANDO SE TEM O SER HUMANO COMO CONCORRENTE!
FIM





*LUZIA É A REPRESENTANTE HUMANA MAIS ANTIGA ENCONTRADA NO CONTINENTE SUL-AMERICANO.


OBRIGADA!
PODE FICAR NA MINHA PEDRA...
NÃO SERIA INCÔMODO?
EU INSISTO...
NÃO PRECISA! EU TROUXE COMPANHIA...
BENDEGÓ*?
GENIAL, LOBI!
DONA MORTE...
OI, FRANK...
EU TROUXE ESTA CRATERA ITALIOTA DE FIGURAS VERMELHAS DE CAMPÂNIA DO SÉCULO XV A.C...
PEEEE
TÔ USANDO CÉREBRO DE ARQUEÓLOGO...
AH! LOGO VI...
*METEORITO DESCOBERTO NA BAHIA EM 1784.


ESTÁ EM CAQUINHOS...
...MAS EU SOU BOM COM QUEBRA-CABEÇAS...
ISSO É MESMO!
VAI, FRANK... PODE ENTRAR!
VALEU, MORTINHA!
EI! Ó O RESPEITO, MENINO!
DONA MOR...
PODE ENTRAR...
VALEU!
TÁ LIBERADO, GALERA...
OBRIGADO!
DISPONHA...





HOMENAGEM AO MUSEU NACIONAL - RIO DE JANEIRO

Tarefa:

1. Escolha uma página de uma história da Dona Morte e traduza todos os balões.

2. Num texto curto [250 palavras] escolha sua história preferida e explique.



3. Oficina de Texto:

Descrições & Comparações

Módulo 1 - PORT 2113

Descrições

Vocabulário para descrever lugares, paisagens, ambientes

Localização Geográfica	Localização Temporal
Perto / Longe [de]	Agora
Na frente / atrás	Antes / depois
Dentro / fora	Mais tarde
À direita / esquerda	Quando / enquanto
Em cima / embaixo	Nunca / às vezes / sempre
No meio / no centro	Todo dia / mês / ano
A uma hora de carro	Mês / Dia do mês
Nos arredores	Na infância / adolescência


Rio de Janeiro

São Paulo




Lisboa



Parque Municipal – Belo Horizonte

Ouro Preto





Pernambuco, Franz Post, 1650

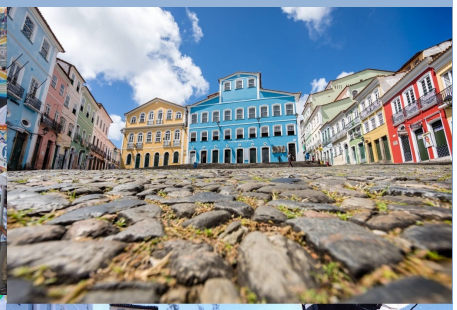
Pelourinho

O **Pelourinho**, popularmente chamado de ***Pelô***, é um bairro da cidade de Salvador, no estado da Bahia, na região nordeste do Brasil. Fica no Centro Histórico da cidade. O Largo do Pelourinho tem um conjunto de edifícios preservados que é parte do patrimônio histórico da ONU (Organização das Nações Unidas).

O Pelourinho tem ruas estreitas, enladeiradas e com calçamento de pedra. Situado no coração do centro histórico da cidade, oferece opções de comércio, além de atrações artísticas. Há muitos bares, restaurantes, boutiques, museus, teatros, igrejas e outros monumentos de valor histórico. Hoje em dia, o Pelourinho está revitalizado e colorido, cheio de atividades culturais e eventos, especialmente à noite. Há os ensaios do Grupo Olodum cada domingo e terça-feira. O afoxé Filhos de Ghandi também fazem ensaios no Pelourinho nos meses que antecedem o carnaval. No Pelourinho estão sedes de várias organizações, tais como *Casa de Jorge Amado*, *Grupo Gay da Bahia* e *Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural* (IPAC).











Vocabulário para descrever objetos

Forma	Dimensões	Material	Utilidade
quadrado	alto / baixo	áspero / suave	bom para...
retangular	grosso / fino	de papel, plástico	se usa para...
redondo	leve / pesado	de lã, algodão	serve para...
oval	grande / pequeno	de madeira, borracha	é feito para
triangular	Minúsculo / gigantesco	cores	prático
parecido com...	do tamanho de...	padrões	útil / inútil

Mate, cuia e bomba



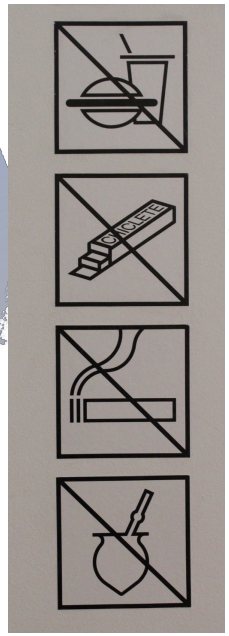
Bomba

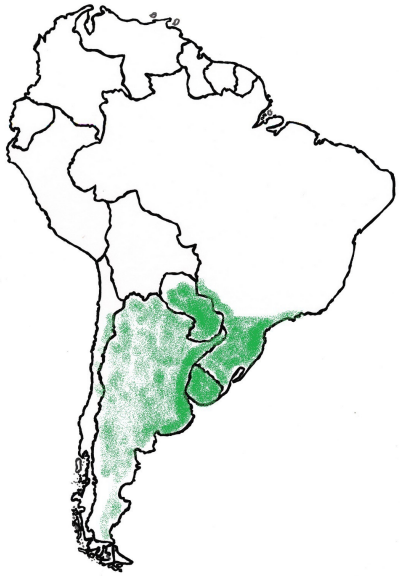


Cuia



Mate









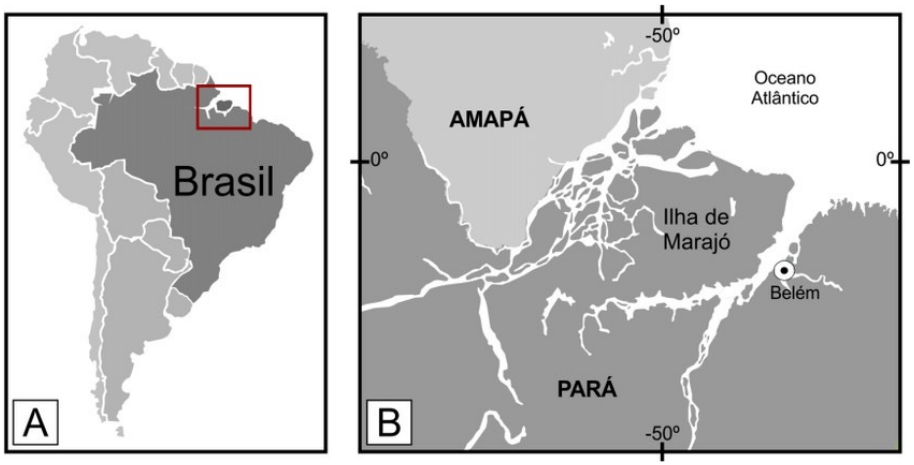





Pepper in Olive
White Rice
Collards Greens
Fried Mandioc
Oranges
Farofa
Pork Scratchings
Bean Sauce
Feijoada

peneiras marajoaras







Este pequeno objeto que agora descrevemos encontra-se sobre uma mesa de escritório e sua função é a de prender folhas de papel.

Tem o formato semelhante ao de uma torre de igreja. É constituído por um único fio metálico que, dando voltas sobre si mesmo, faz dois desenhos (um dentro do outro),. Essa forma é composta por duas figuras geométricas: um retângulo cujo lado maior apresenta aproximadamente três centímetros e um lado menor de cerca de um centímetro e meio; um dos seus lados menores é, ao mesmo tempo, a base de um triângulo equilátero, o que acaba por torná-lo um objeto ligeiramente pontiagudo. O material metálico de que é feito é muito leve. Por ser niquelado, o metal tem um brilho suave. Prendemos as folhas de papel fazendo com que elas se encaixem no meio dele.

Está presente em todos os escritórios ou locais onde seja necessário separar folhas em blocos diferentes. Embora aparentemente insignificante pelo seu tamanho é muito útil na organização de papéis.

Vocabulário dara descrever pessoas

Características Externas	Características Internas
Idade: criança, jovem, adulto, velho, idoso	Virtudes: honestidade, lealdade, sinceridade, carinho, compaixão, humildade
Estatura: alto, baixo, meia-altura, atlético, corpulento, franzino	Preferências: esporte preferido, lazer preferido, estilo de roupa, comida favorita
Traços faciais: nariz, barba, bigode, testa, bochechas, dentes	Comportamento: calmo, agitado, nervoso, colérico, frenético, melancólico
Partes do corpo: cabeça, pescoço, costas, tronco, barriga, mãos, pernas, braços, pés	Qualidades: extrovertido, introvertido, honesto, emotivo, charmoso, falante, calado, inteligente, paciente, esforçado
Voz: rouca, suave, áspera, aguda, grave, alta, baixa, bonita	Defeitos: falso, briguento, violento, arrogante, vaidoso, preguiçoso, desconfiado, ingênuo, mentiroso
Cabelo: castanho, ruivo, preto, louro, liso, cacheado, ondulado, crespo	Personalidade: inovador, diplomático, analítico, criativo, melancólico, egoísta, simples
Jeito de se vestir: elegante, informal, esportivo, cafona, descrever roupas	
Olhos: castanhos, verdes, azuis, negros, claros, escuros, grandes, puxados	

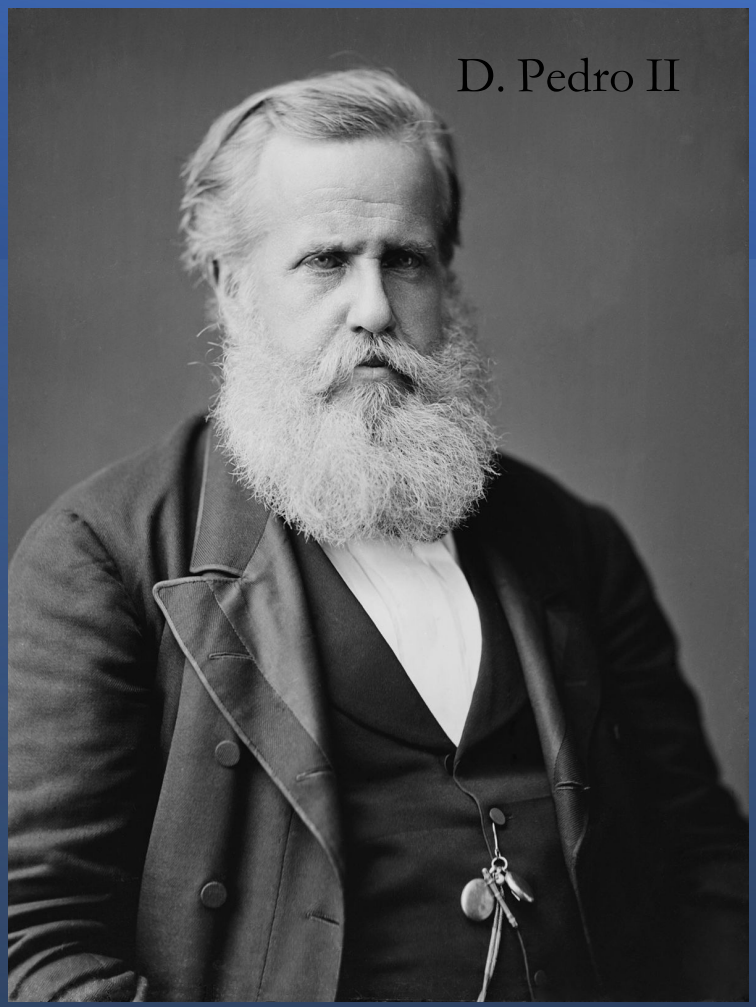
Vocabulário para descrever o corpo [externas]



Vocabulário para descrever a personalidade [características internas]






D. Pedro II


Clarice Lispector



Cassia Eller


Alcione

Dilma Rousseff





Gilberto Gil


Polo Base Uraricoera
Boqueirão
Hospital Geral de Roraima
Helipa
Alto Alegre
Boa Vista
CASAI Yanomami
VENEZUELA
TI YANOMAMI
RORAIMA
AMAZONAS
LEGENDA
Estados
TI Yanomami
Região de garimpo
Localidades
TERRA INDÍGENA YANOMAMI
Davi Kopenawa

Tarefa:

- Escolha uma paisagem, uma pessoa ou um objeto para descrever.
- Cole uma imagem do que você escolheu para descrever no seu texto.
- Escreva um texto de 250 palavras.

Comparações

Para comparar

Adjetivos

X é mais _____ do que_____
X é menos _____ do que _____

X é tão _____ quanto _____

X é o mais _____ da escola.

Advérbios

X trabalha/canta/estuda mais _____ do que _____
X trabalha/canta/estuda mais _____ do que _____

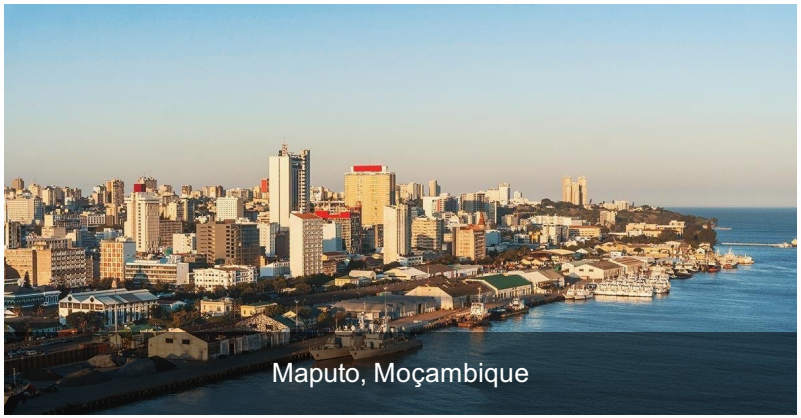
X trabalha/canta/estuda tanto quanto _____

X é que mais trabalha/canta/estuda na escola.

Exceções:

Maior
Menor
Melhor
Pior

Cidades



Maputo, Moçambique

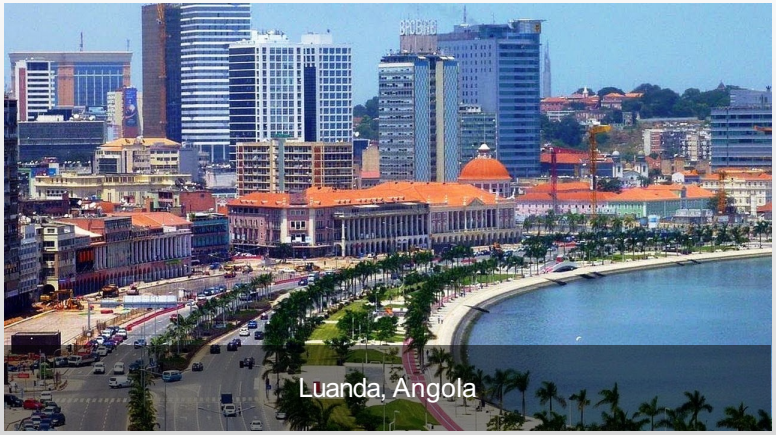


Tiradentes, MG

Cidades



Trancoso, Bahia



Luanda, Angola

Praias



Copacabana, Brasil



Tambaqui, Sergipe

Camas



Museu Imperial, Petrópolis



Irmãos Campana

Poltronas





Irmãos Campana

Chapéus



De feltro, Portugal



De palha, Cabo Verde

Quadros



"Fernand Cortez S'Oposant a Des Sacrifices Humains" Nicolás Eustache Maurin, 1840

Ministerio de Educación, Cultura y Deporte



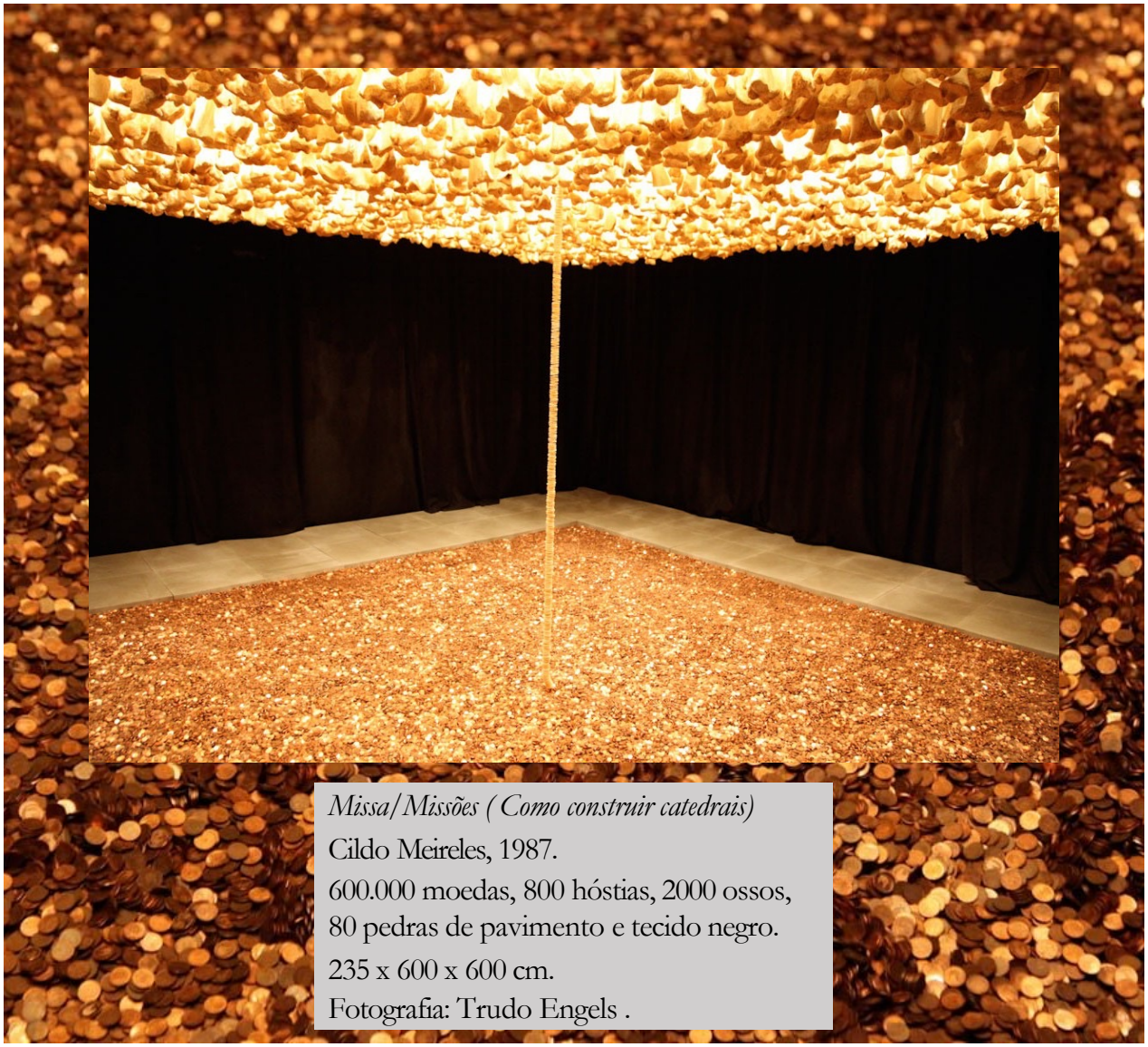
"La colonización o la llegada de Hernán Cortés a Veracruz" Diego Rivera, 1951

Catedrais





Catedral de Brasília, Niemeyer, 1958-1970



Missa/Missões (Como construir catedrais)
Cildo Meireles, 1987.
600.000 moedas, 800 hóstias, 2000 ossos, 80 pedras de pavimento e tecido negro.
235 x 600 x 600 cm.
Fotografia: Trudo Engels .

Atrizes



Ruth de Souza



Taís Araújo

Atletas



Pelé [1940-2022]
1.279 gols
3 copas do mundo



Messi [1987]
859 gols
1 copa do mundo

Escritores



Itamar Vieira Jr.
Brasil, 1979



Isabel Figueiredo
Moçambique, 1963

Tarefa:

- Escolha uma paisagem, uma pessoa ou um objeto para descrever.
- Cole uma imagem do que você escolheu para descrever no seu texto.
- Escreva um texto de 250 palavras.

4. Vocabulário: Expressões com animais

PORT 2113 – Módulo 1









Jogo do bicho





Animais 1

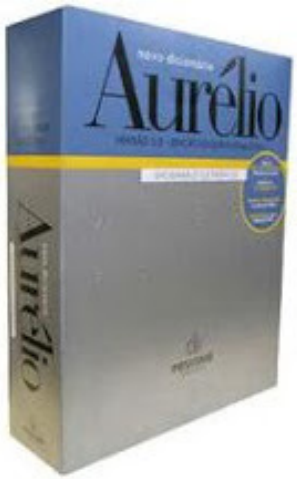
- Cachorro
- Gato
- Papagaio
- Hamster
- Rato
- Peixe
- Tartaruga
- Lagarto
- Sapo
- Perereca

- Cavalo
- Burro
- Vaca
- Porco
- Galinha
- Pato
- Peru
- Carneiro
- Grilo
- Formiga
- Abelha





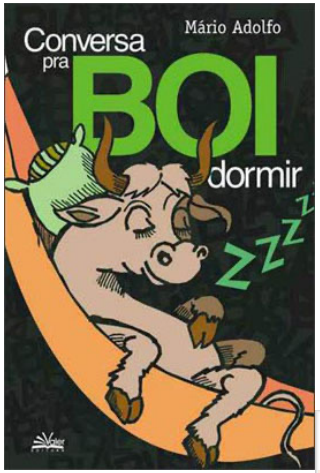




BOM
PRA
BURRO.



PODE TIRAR O  DA 





por o carro na frente dos bois






DEVIA HAVER VACINA CONTRA ESPÍRITO DE PORCO!...


Porcaria


VOTE

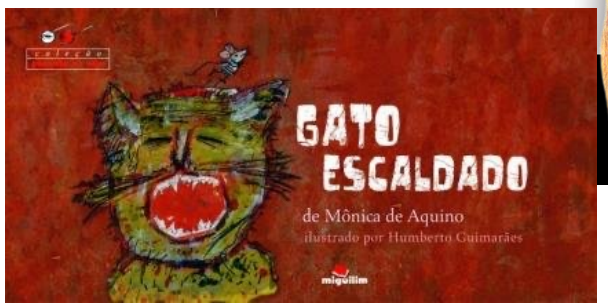
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MÉ
MERDA


COMI SEU TRABALHO E NINGUÉM VAI ACREDITAR EM VOCÊ

BRIGA DE CACHORRO GRANDE
COMO A APPLE E O GOOGLE FORAM À GUERRA E COMEÇARAM UMA REVOLUÇÃO
Fred Vogelstein

Cachorro que late
não morde...
Enquanto late!
frasescurtas.com.br



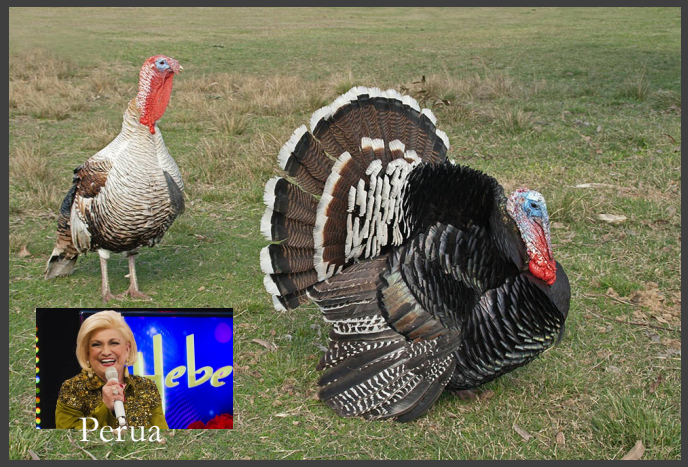

GATO ESCALDADO
de Mônica de Aquino
ilustrado por Humberto Guimarães
miguilim


Não leve gato por lebre.
Escolha Telhas Perkus.
A ÚNICA telha cerâmica esmaltada prensada com certificação pela NBR 15.310/2009, conforme as normas da ABNT e ainda com 30 ANOS DE GARANTIA TOTAL.
Produzido por
casagrande
PERKUS
www.telhasperkus.com.br


CHEGA DE
PAGAR O PATO

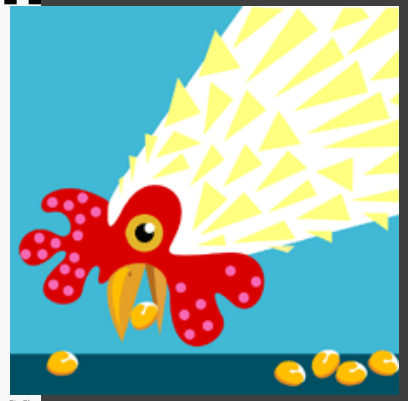

Foi ele que
me ensinou
a cantar
de GALO no
terreiro!
WWW.FALAGALO.COM.BR
FALAGALO13

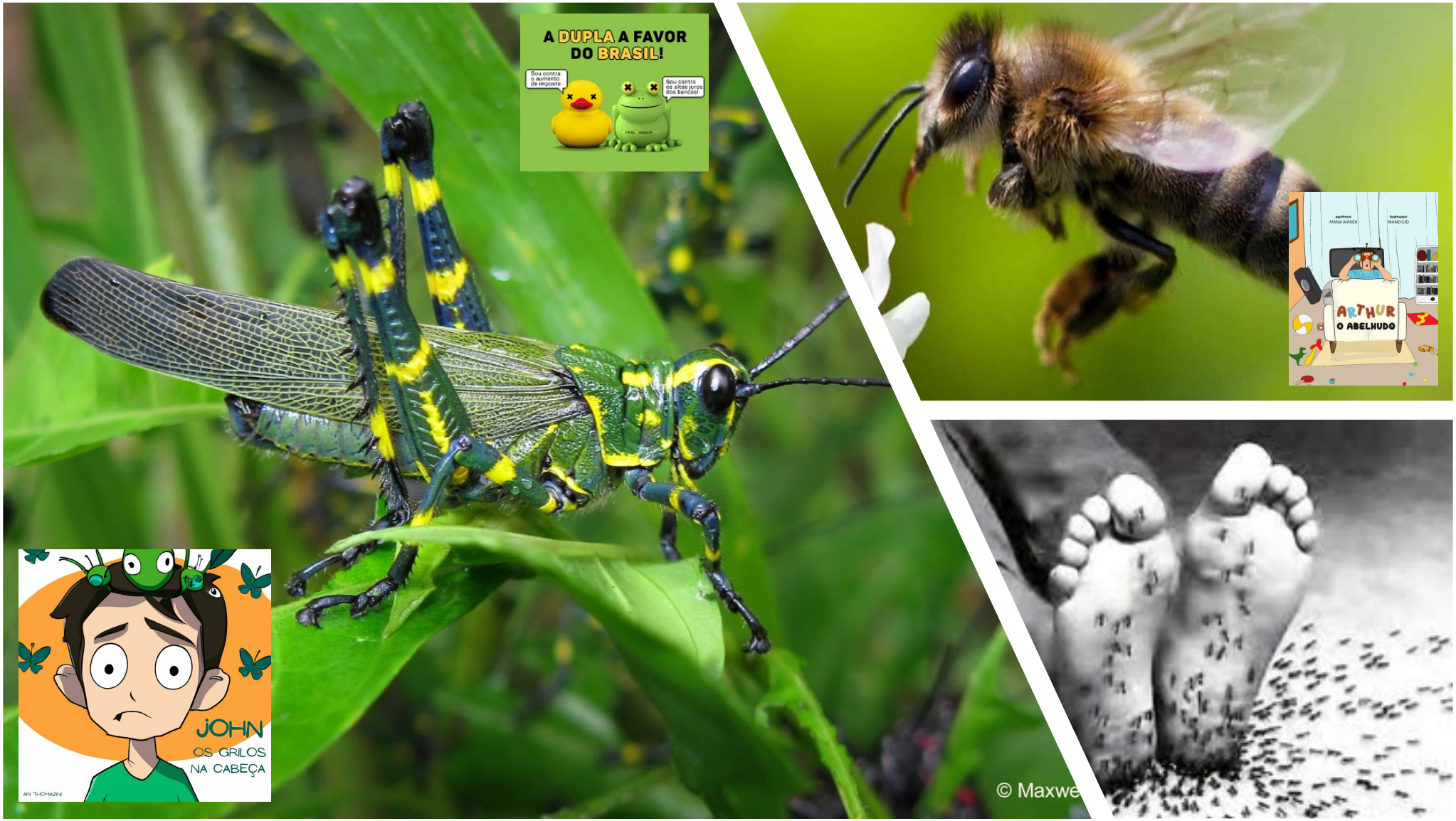



Perua


Keep calm
que no fim de semana
vamos
SOLTAR A FRANGA


De grão em
grão, a
galinha
enche o
papo.
FindYouByZ




A DUPLA A FAVOR DO BRASIL!
Sou contra o aumento de imposto
Sou contra os altos juros dos bancos!
ARTHUR O ABELHUDO
JOHN OS GRILOS NA CABEÇA
ARI THOMAZINI
© Maxwe

Eufemismos para partes íntimas do corpo:



Perereca







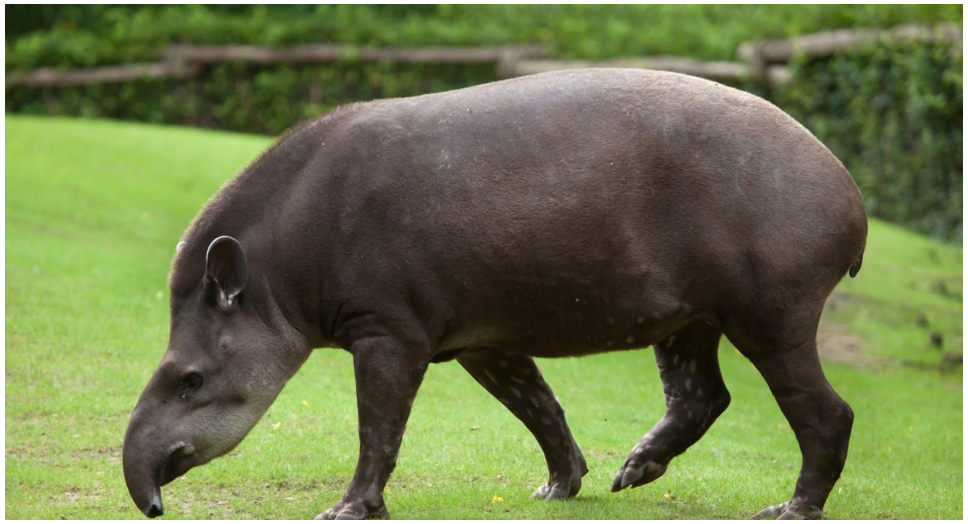
Peru e Pinto

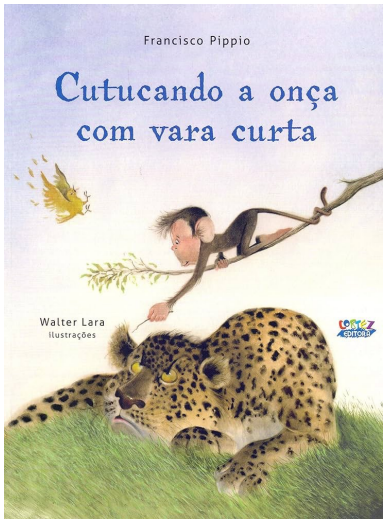
Animais selvagens

- Sapo
- Cobra
- Jacaré
- Anta
- Onça
- Toupeira
- Bagre
- Macaco
- Coruja

- Pulga
- Carrapato
- Barata
- Mosca
- Lesma
- Minhoca






Francisco Pippio
Cutucando a onça com vara curta
Walter Lara
Ilustrações

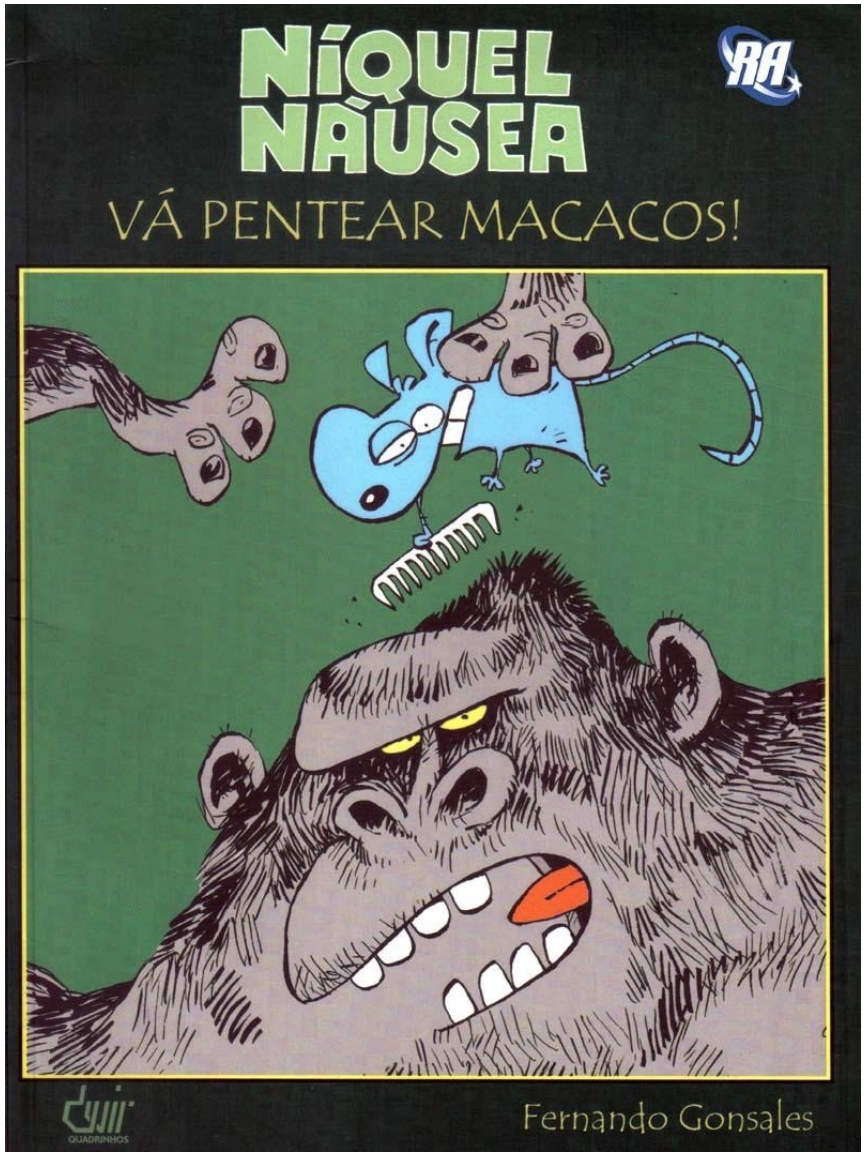

FELIZ DIA DOS ANIMAIS PRA VOCÊ
@artesdepressao
QUE É UMA ANTA
Artes Depressão




SOGRA
Agora você já sabe o que dar de presente para aquela jararaca


TÔ COM A MACACA


A toupeira sem entender nada:


NÍQUEL NÁUSEA
VÁ PENTEAR MACACOS!
Fernando Gonsales

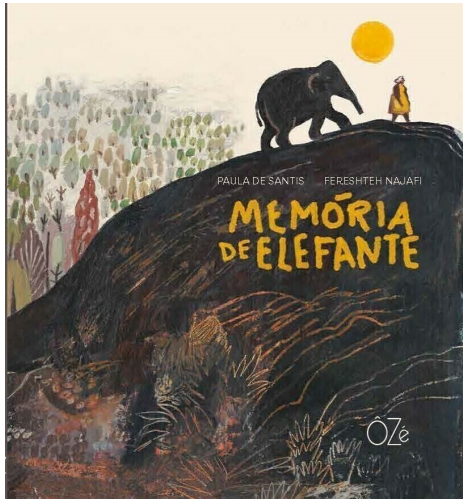

MACACO VELHO
NÃO PÕE A MÃO
EM CUMBUCA


MATAR UM LEÃO POR DIA É FÁCIL
DIFÍCIL É EVITAR AS ANTAS

Me joga
na parede
e me chama de
lagartixa


















Seleção, apenas um time comum

Já não é brasileiro o melhor futebol do mundo. E como encarar tal realidade?

TONICO DUARTE

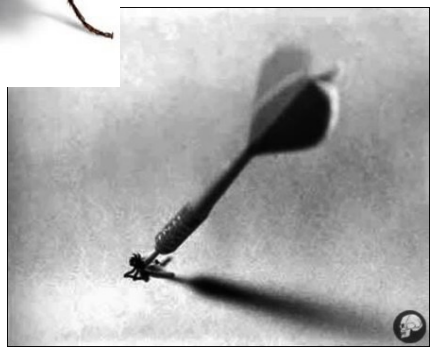
LEÃO
FALCÃO
SÓCRATES
ZICO
ZÉ SÉRGIO

Há um festival de cabeças-de-bagre












ANDAR
COMO
BARATA
TONTA


SEi LÁ, E´ COMO SE EU
ESTIVESSE CHEIA DE
MINHOCAS NA CABEÇA










Oi bonita
"se um homem te
Faz ter pulga atrás
da Orelha, minhocas
na cabeça, Grilos...
Minha amiga,
Isso não é homem,
É uma praga!
DETETIZAAA!
www.mulheresfataisepoderosas.com.br

PORT 2113 – Módulo 1 - Expressões com animais

1. ser um bicho-de-sete-cabeças
2. ser um animal
3. bichado

Domésticos

4. "pode tirar o cavalo da chuva"
5. "cavalo dado não se olha os dentes"
6. "teimoso como uma mula"
7. burro
8. burrice
9. para burro [adv.]
10. "a vaca foi para o brejo"
11. "nem que a vaca tussa"
12. "conversa para boi dormir"
13. "por o carro na frente dos bois"
14. porcaria
15. espírito de porco
16. "a ovelha-negra da família"
17. "lobo na pele de cordeiro"
18. "velha raposa da política"
19. "cachorro que late não morde"
20. briga de cachorro grande
21. fazer uma cachorrada
22. "meter o rabo entre as pernas"
23. ser um gato/a
24. "gato escaldado tem medo de água fria"
25. "comprar gato por lebre"
26. "cantar de galo no terreiro"
27. "de grão em grão a galinha enche o papo"
28. "soltar a franga"
29. "mais feliz que pinto no lixo"
30. perua
31. pai-coruja
32. pagar o pato
33. engolir sapo
34. perereca & peru/pinto

Selvagens

35. anta
36. toupeira
37. "amigo da onça"
38. "cutucar a onça com vara curta"
39. "estar com a macaca"
40. "macaco velho não põe a mão em cumbuca"
41. "vá pentear macaco"
42. jararaca
43. pegar jacaré
44. "lágrimas de crocodilo"
45. crocodilagem
46. lagartear [sul]
47. "sentir-se como um peixe fora d'água"
48. cabeça de bagre
49. fazer boca de siri
50. cara de fuinha
51. ter uma memória de elefante
52. matar um leão por dia

Insetos

53. ser um abelhudo
54. grilo
55. "feito uma barata tonta"
56. ser uma lesma
57. acertar na mosca
58. ter minhocas na cabeça
59. "ficar com a pulga atrás da orelha"
60. formigamento

Tarefa:

Escolha cinco expressões da lista e escreva frases ou diálogos para elas.



Tarefa:

A. Escolha a melhor alternativa:

1. José Carlos é muito lindo. Na minha opinião, ele é um _____ .
a) gato b) burro c) porco

2. Rafael come com a boca aberta e até as roupas dele cheiram mal: ele é um _____ .
a) touro b) burro c) porco



3. Mauro se exercita sempre e se alimenta muito bem. Por isso é forte como um _____ .
a) touro b) burro c) gatuno

4. Cláudio estudou, mas nem sabe fazer contas de adição direito. Ele é um _____ .
a) cachorro b) burro c) porco

5. Pedro me prejudicou para burro quando eu trabalhava para ele. É um tremendo_____.
a) cachorro b) burro c) porco

6. O _____ foi pego pela polícia quando tentava escapar com as joias da casa pela janela.
a) touro b) burro c) gatuno

7. Com essas roupas douradas e essas joias imensas acho que você está meio _____ .
a) perua b) gata c) cachorra

8. Respondeu mal porque não entendeu as perguntas. Acho que a Ruth é uma _____.
a) perua b) anta c) cachorra

9. É melhor acelerar o carro e ultrapassar logo essa _____ , senão não chegamos em casa hoje.
a) perua b) gata c) lesma

10. Cuidado com Laura! Ela parece gente boa, mas é uma tremenda _____ .
a) jararaca b) gata c) perua



12. Desde que recusaram o seu pedido de transferência, Felipa está uma _____.
a) jararaca b) onça c) cachorra

13. É a terceira briga que você arruma hoje. Você está com a _____!
a) jararaca b) macaca c) perua

14. Cuidado! Olhe como dirige seu carro, _____! Têm crianças aqui no parque!
a) animal b) bicho c) criatura

15. Ele só sabe falar dos filhos. É um tremendo pai _____!
a) galo b) coruja c) ganso

16. Ele quer ler meus e-mails privados. Julia é _____.
a) uma onça b) uma jararaca c) uma abelhuda

17. Ele bolo ficou uma _____ . É melhor jogá-lo fora.
a) porcaria b) cachorrada c) burrada

B. Escolha a melhor expressão para cada frase:

a vaca foi para o brejo – conversa para boi dormir– comprou gato por lebre – de grão em grão a galinha enche o papo – cavalo dado não se olha os dentes



1. Não há nada que possamos fazer agora: _____. Melhor desistir.

2. Não é melhor computador do mundo, mas foi presente e _____.

3. Essas roupas são falsificadas. Você _____.

4. Sei que não é muito dinheiro mas, _____ .

5. Não acredito nesse novo plano de reformas. Isso é _____ .

C. Escolha a melhor expressão para cada frase:



estou com a pulga atrás da orelha – matar um leão por dia – briga de cachorro grande – ir tirando o cavalo da chuva – nem que a vaca tussa

1. Pode _____ porque ele não vai aprovar esse seu orçamento de jeito nenhum.

2. Eu não vou dançar aqui no meio da biblioteca _____ .

3. Essa disputa entre Ford e GM é _____.

4. Não consigo entender esse programa. É diferente de tudo o que conheço:_____ .

5. Aqui nesse emprego nós não podemos relaxar nunca. Temos que _____.

D. Escolha a melhor expressão para cada frase:

por o carro na frente dos bois – está feliz feito um pinto no lixo – vá pentear macaco – sentia-se um peixe fora d´água – ovelha negra da família

1. Marta era a única na sua casa que tinha problemas com notas na escola e se sentia _____.

2. Durante meses Roberto _____ , mas agora ele tem muitos bons amigos aqui na universidade.

3. Desde que ela comprou seu carro novo, Marília _____ .

4. O quê?! Que proposta absurda! Ora, deixe de cachorrada e _____ !

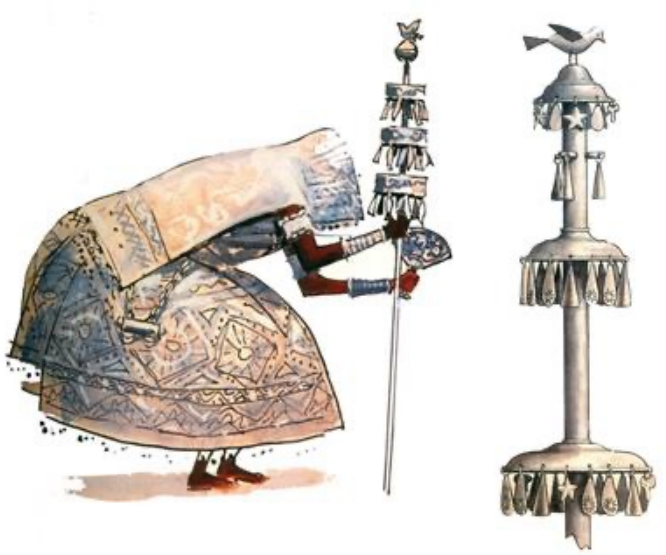
5. Na minha opinião, falar em casamento depois de apenas um mês de namoro é_____.



5. Leitura:
“Iku, um orixá” de Luiz Antônio Simas

PORT 2113 – Módulo 1

OS MAIS VELHOS contam que Olodumare, o Deus maior, um dia deu a Obatalá a tarefa da criação dos homens, para que eles povoassem o *Ayê* – esse nosso mundo visível. Não foi um ato de misericórdia ou amor que determinou que o ser humano fosse criado; Olodumare fez isso em um momento de vaidade, do qual em algumas ocasiões **arrependeu-se** amargamente.



Obatalá por Carybé

Obatalá moldou os homens a partir de um barro primordial; para isso, pediu a autorização de Nanã, a venerável senhora que tomava conta daquele barro. Os seres humanos, depois de moldados, recebiam o *emi* – sopro da vida – e vinham para a terra. Aqui viviam, amavam, geravam novos homens, plantavam, colhiam, **se divertiam** e cultuavam as divindades.



Nanã por Carybé

Aconteceu, **porém**, que o barro do qual Obatalá moldava os homens foi acabando. **Em breve** não haveria a matéria primordial para que novos seres humanos fossem feitos. Os casais não poderiam ter filhos e a terra mergulharia na tristeza trazida pela esterilidade. A questão foi levada a Olodumare.

Ciente do dilema da criação, Olodumare convocou os Orixás para que eles apresentassem uma alternativa para o caso. Como ninguém apresentou uma solução, e diante do risco da interrupção do processo de criação dos homens, Olodumare determinou que se estabelecesse um ciclo. **Depois de certo tempo** vivendo no Ayê, os homens deveriam ser desfeitos, retornando à matéria original, para que novos homens pudessem, com parte da matéria restituída, ser moldados.

Resolvido o dilema, restava saber de quem seria a função de tirar dos homens o sopro da vida e conduzí-los de volta ao todo primordial – tarefa necessária para que outros homens viessem ao mundo.

Obatalá **esquivou-se da** tarefa. Vários outros Orixás argumentaram que seria extremamente difícil reconduzir os homens ao barro original, **privando**-os do convívio com a família, os amigos e a comunidade. Foi então que Iku, até então calado, ofereceu-se para cumprir o desígnio do Deus maior. Olodumare abençoou Iku. **A partir daquele momento**, com a aquiescência de Olodumare, Iku tornava-se imprescindível para que se mantivesse o ciclo da criação.

Desde então, Iku vem todos os dias ao Ayê para escolher os homens em mulheres que devem ser reconduzidos ao Orum. Seus corpos devem ser desfeitos e o sopro vital retirado para que, com aquela matéria, outros homens possam ser feitos – condição imposta para a renovação da existência. Dizem que, ao ver a restituição dos homens ao barro, Nanã chora. Suas lágrimas amolecem a matéria-prima e facilitam a tarefa da moldagem de outros homens.



Iku é, desde então, o único Orixá que **tem a honra de** baixar na cabeça de todas as pessoas que um dia passaram pelo Ayê. É por isso que no Axêxê, o ritual fúnebre que celebra, prepara e comemora a volta dos homens ao todo primordial, prestam-se homenagens a Iku – com cantos de júbilo e louvação que, mais que a morte, reafirmam o mistério maior – a possibilidade de outras e outras vidas.

Assim diziam os mais velhos, que jamais vestiam luto, em sua infinita sapiência.

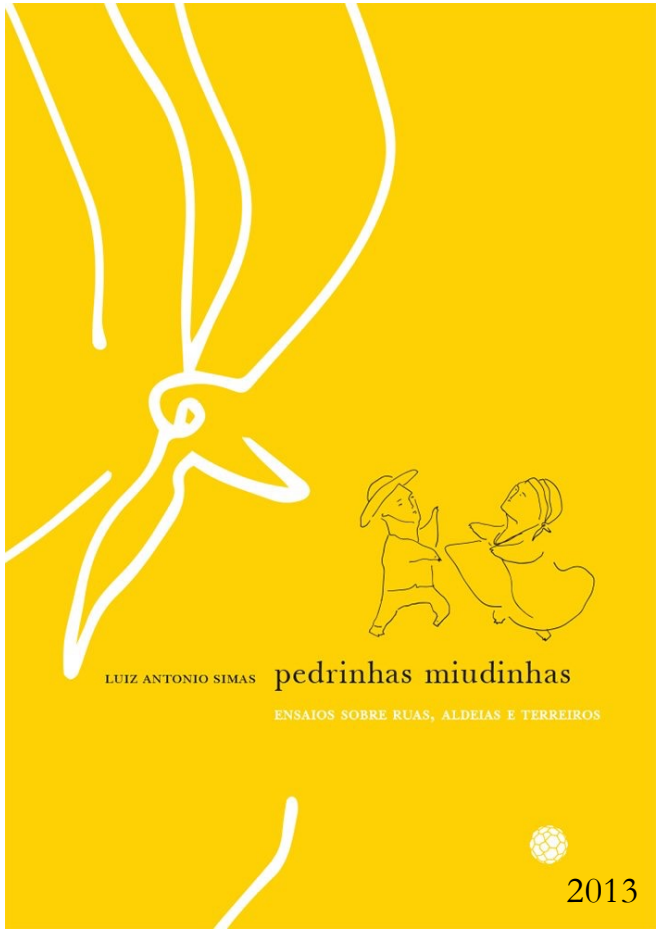


Axexê por Carybé

Tarefa:

1. Escreva frases com as dez palavras e expressões do texto que foram **grifadas** e <u>sublinhadas</u> .

2. Escolha um dois seis slides e faça uma tradução para o inglês.

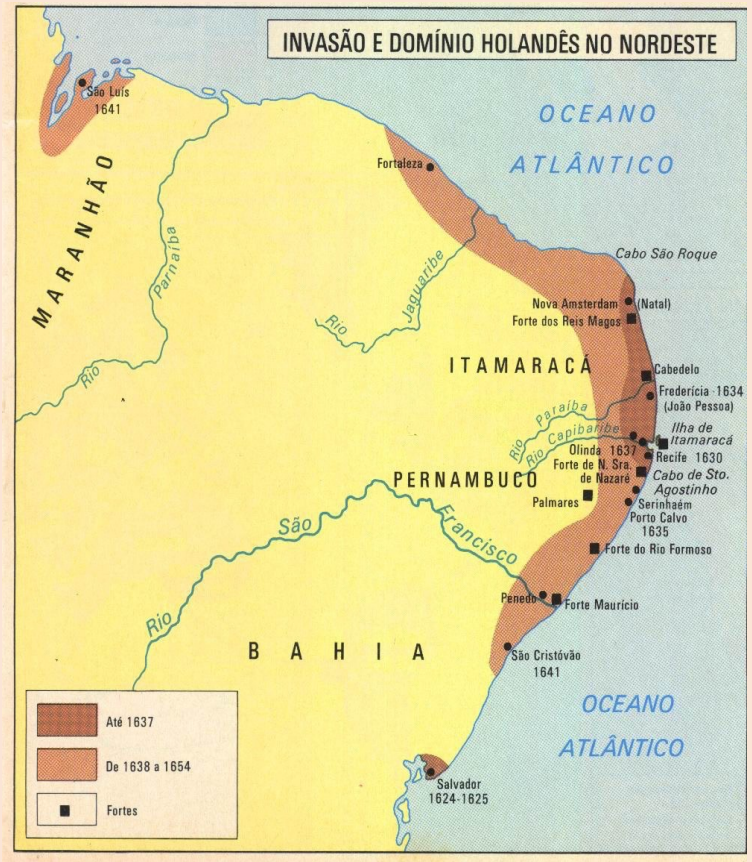


Arte:

Retratos de Albert Eckhout

Módulo 1 – PORT 2113

Holandeses no Brasil



- Guerra dos 80 Anos [1568-1648] pela independência das 17 províncias protestantes dos países baixos [Holanda, Bélgica e Luxemburgo] que estavam sob o domínio dos Habsburgo [Holy Roman Empire], que eram católicos e eram reis da Espanha.
- União Ibérica [1580-1640]: Com a morte do rei de Portugal sem herdeiros diretos, o Rei espanhol Filipe II torna-se rei de Portugal também. O período termina com o começo da dinastia de Bragança [D. João IV] em Portugal.
- Criação da Companhia das Índias Ocidentais, WIC [1621]
  - Pirataria contra a Espanha
  - Comércio de escravos e de açúcar
  - Colonização

- **Invasões Holandeses em territórios portugueses:**

  Angola [1624]: Holandeses tentam ocupar Luanda

  Salvador [1624-1625]: Holandeses invadem a Bahia

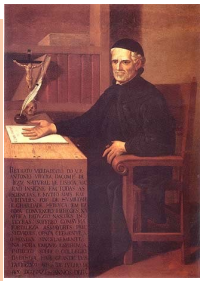
  Olinda e Recife [1630-1654]: Holanda ocupa Pernambuco

  São Luís [1641-1644]: Holanda controla a capital do Maranhão

  Angola [1641-1648]: Holanda ocupa Luanda e Guiné [Elmina]

"Sem negros não há Pernambuco e sem Angola não há negros […] o Brasil tem seu corpo na América e sua alma na África"

Atribuído a António Vieira





João Maurício de Nassau ou Johan Maurits van Nassau [1604-1679] Governador-geral do Brasil Holandês



Kahal Zur Israel
Recife, 1636

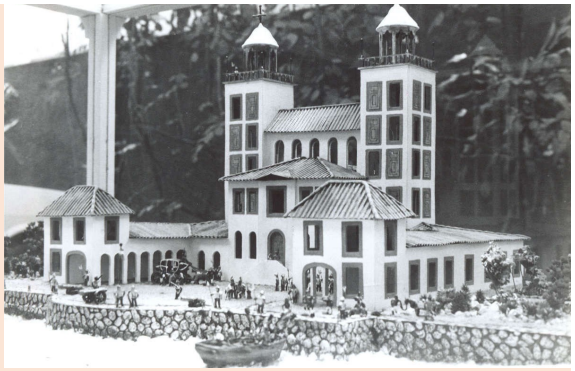
Kingdom of Portugal
Republic of the United Provinces
territories under dispute
territorial waters dispute

O Cortejo de Maurício de Nassau

"… um cortejo cuidadosamente escolhido de 46 estudiosos,
todos com funções e tarefas bem distribuídos."

Charles Ralph Boxer [1904-2000]





Modelo do Palácio de Vrijburg



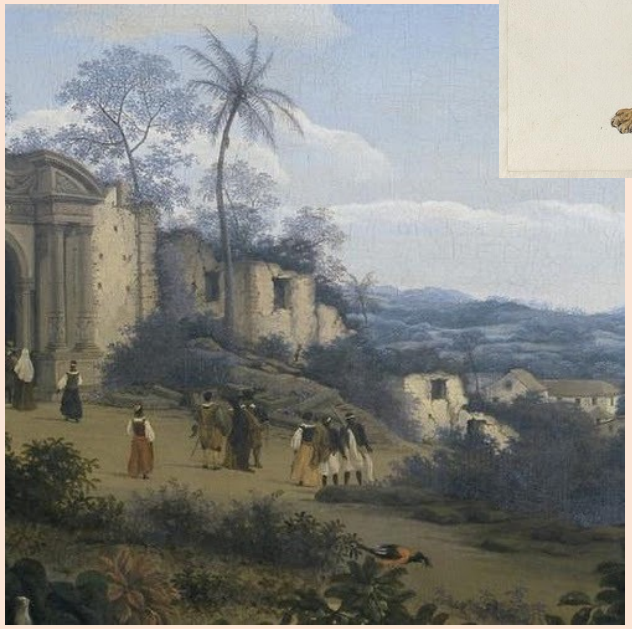
Retrato de Maurício de Nassau
por Jan de Baen

Dois pintores/ilustradores:





Albert Eckhout [1610-1665]
21 telas a óleo



Franz Post [1612-1680]
18 paisagens a óleo





Frans Post por Frans Hals









As paisagens de Post

As 12 naturezas mortas de Eckhout













No Brasil: 1636



















Pinacoteca, 2003



Nationalmuseet [Museu Nacional da Dinamarca] em Copenhague





Copenhague, Museu Nacional da Dinamarca: 4 mantos
Florença (Itália), Museu de História Natural de Florença: 2 mantos
Basileia (Suíça), Museu das Culturas: 1 manto
Bruxelas (Bélgica), Museu Real de Arte e História: 1 manto
Paris (França), Museu das Artes e Civilizações da África, Ásia, Oceania e Américas: 1 manto
Milão (Itália), Biblioteca Ambrosiana: 1 manto.

FIG. 209. Africa: *AFRICA.*

A Blackmoor Woman, almoſt naked; friz'd Hair; an Elephant's Head for her Creſt; a Necklace of Coral; and Pendents of the ſame, at her Ears; a Scorpion in her right Hand, and a *Cornucopia*, with Ears of Corn, in her left; a fierce Lion by her, on one Side, and a Viper and Serpent on the other.

Naked, becauſe it does not abound with *Riches*. The Elephant is only in *Africa*. The Animals ſhew that it abounds with them.

FIG. 210. Aſia: *ASIA.*

A Woman wearing a Garland of various Flowers and Fruits; in a rich Garment embroider'd; in her right Hand holds Branches with Fruit of *Caſſia*, Pepper and Cloves; a Cenſer in her left, ſmoaking; a Camel on its Knees.

The Garland ſignifies that *Aſia* produces *delightful Things* neceſſary for human Life; her Garment, the great Plenty of thoſe rich Materials; the Bundle of Spices, that ſhe diſtributes them to other Parts of the World. The Cenſor ſhews the odoriferous *Gums*, and *Spices* it produces. The Camel is proper to *Aſia*.

FIG. 211. Morte: *DEATH.*

This Figure is a Skeleton, cover'd with a rich Mantle, embroider'd with Gold; its Face cover'd with a fine Mask,

The Skeleton, *&c.* declares that whilſt ſhe ſtrips Grandees of all that they have, ſhe cures the Afflicted of all their Trouble. The fine Mask, that ſhe is *gentle* to ſome, *terrible* to others; *indifferent* to the courageous, and *odious* to Cowards.

FIG. 212. America: *AMERICA.*

A Woman almoſt naked; a tann'd Aſpect; has a Veil folded over her Shoulder; round her Body, an artificial Ornament of Feathers of divers Colours; in one Hand a Bow, and a Quiver by her Side; under one Foot a human Head pierc'd with an Arrow, and a Lizard on the Ground.

Naked, becauſe the Inhabitants are all ſo. The Arms are what both Men and Women uſe there. The Head ſhews that they are *Cannibals*. The Lizard, they are ſo big here, that they *devour* Men.





FIG. 27 – *Women of the Congo*, engraving. Reproduced in Filippo Pigafetta, *De beschryvinghe vant groot ende ermaert coninckrijk van Congo*, 1596. Courtesy of the Royal Library, The Hague.

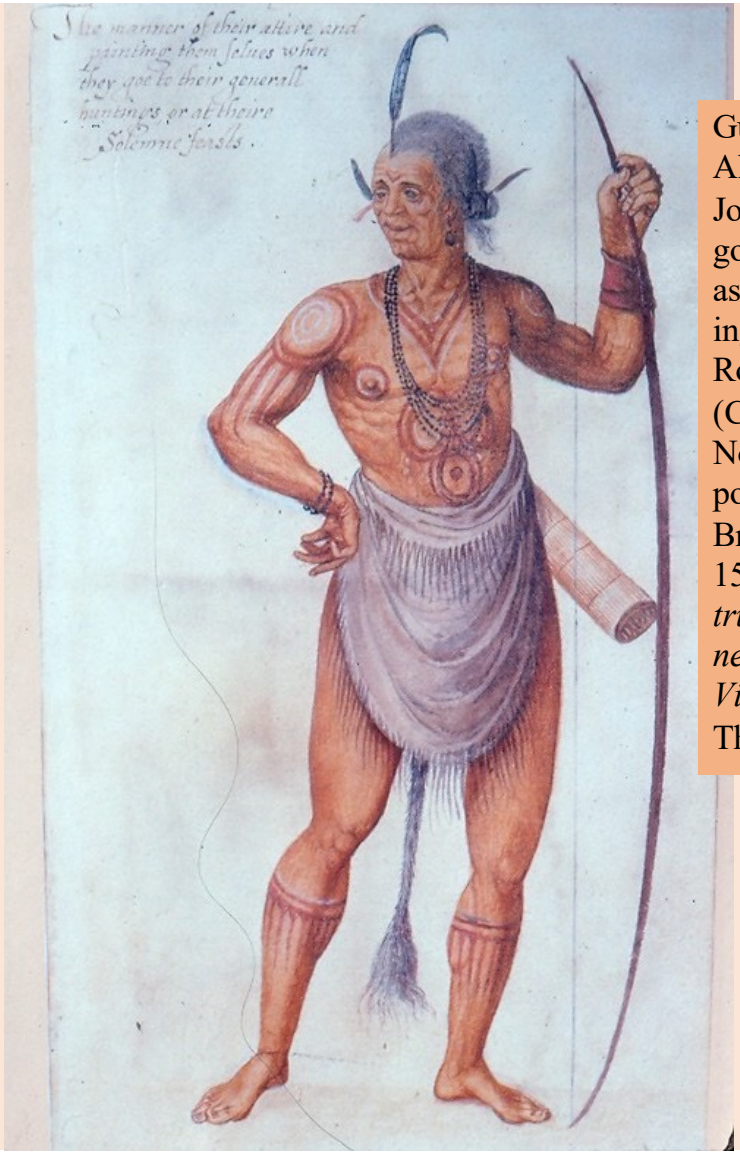
Emblemas (Cesare Ripa)



Pieter de Marees
Beschryvinge ende historiche verhael van Gout Koninckrjck van Guinea (1602)



Família de índios do Brasil, século XVI. LERY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, Autrement dite Amérique*, 1578.



Guerreiro Algonquin por John White, governador do assentamento inglês em Roanoke Island (Carolina do Norte). Usado por Theodor de Bry na edição de 1590 de *Briefe and true report of the new found land of Virginia* de Thomas Harriot.



The Lute Player
Frans Hals, 1623



Self-Portrait
Judith Leister, 1630



Anatomy Lesson of Dr. Nicolaes Tulp
Rembrandt, 1632



Girl with a Pearl Earring
Johannes Vermeer, 1665

Realismo Holândes



Arnolfini
Jan van Eyk, 1434
oil on oak pannel

Simbolismo Emblemático vs. Empirismo Realista



Crevole Madonna [têmpera]
Duccio di Buoninsegna, 1283-84



Madonna del Prato [óleo]
Raffaelo, 1506



- Oil on Canvas

- Smooth, buttery paste
- Easy fusion of tones or color
- Satisfactory linear treatment and crisp effects
- Opaque, transparent, and translucent paintings
- Textural variation with thicker or thinner paint

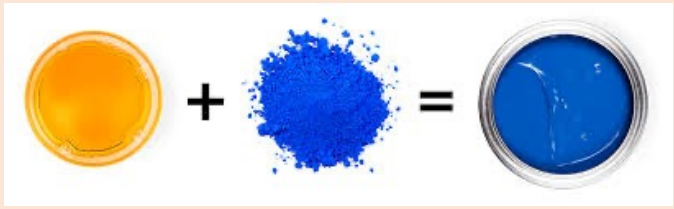




Ilustração Científica

As representações de animais de Franz Post foram descobertas por Alexander de Bruin, curador de imagens do arquivo holandês [Noord-Hollands Archief], no início da década [2010s], durante um trabalho de digitalização. Ele encontrou as imagens em uma pasta com desenhos de pássaros doados ao arquivo em 1888

Os 8 retratos de corpo inteiro de Eckhout





Características Gerais dos Retratos

- Quase nenhum tipo de expressão ou movimento que indique claramente sentimentos interiores;
- Composição estática em *contrapposto*;
- Roupas e instrumentos como atributos pessoais;
- Predomínio vertical em posição frontal ou ¾ mais ou menos "natural";
- Presença de espécies vegetais e, em vários casos, de um animal emoldurando a figura.
- Linha do horizonte bem baixa [fundo traz informações também];
- Jogo discreto de luz e sombra com céu nublado.

Altura, cabelo, olhos, expressão do rosto, formato do corpo, pele, roupas, objetos, plantas em volta, animais em volta, paisagem no fundo, céu, cores.



Mulher Tapuia/Tarairiu [272 x 165 cm, 1641]



Mulher Tupi/Brasilianen com Criança [183 x 294 cm, 1641]

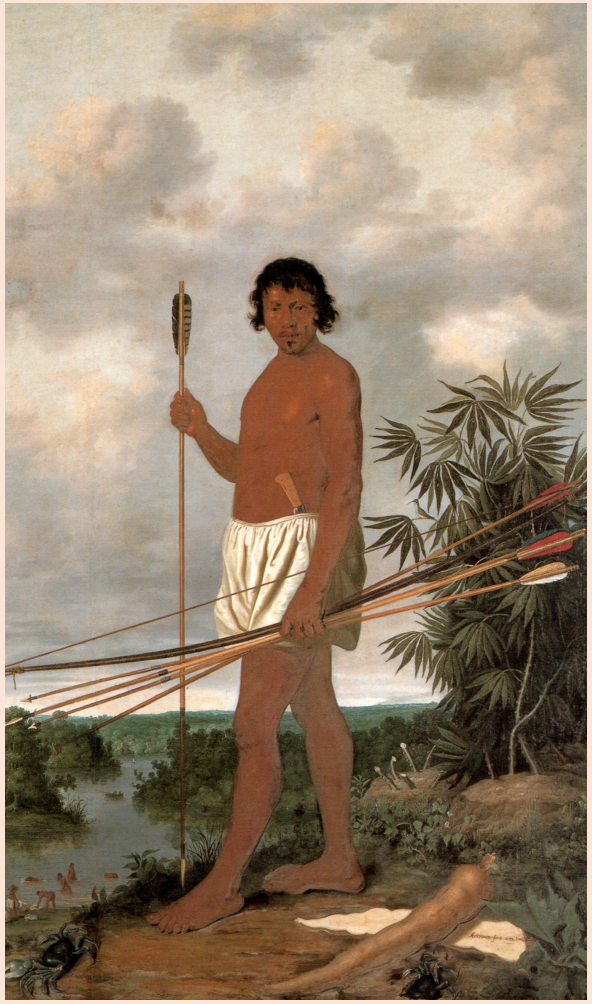


Mulher Mameluca [271 x 170 cm, 1641]



Guerreiro Tapuya/Tarairiu [1643]

272 x 161 cm



Homem Brasilianen/Tupi [1643]

272 x 163 cm



Homem Mulato [s.d.]

274 x 170 cm

Tarefa:

Escolha DOIS dos oito retratos feitos por Albert Eckhout e escreva descrições detalhadas dos quadros. (500 palavras)





Homem Tapuia
Tarairiu [1643]



Mulher Tapuia/
Tarairiu [1641]

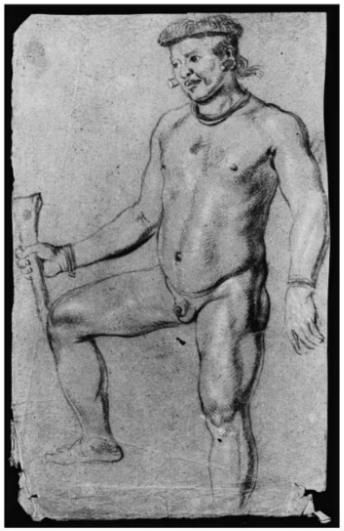


FIG. 37 – Albert Eckhout, *Indian man dancing*, chalk on paper, 33.2 by 21.6 cm.
Courtesy of the Kupferstichkabinett, Staatsbibliothek Pressischer Kulturbesitz, Berlin.



FIG. 38 – Albert Eckhout, *Indian woman sitting*, chalk on paper, 33.2 by 21.6 cm.
Courtesy of the Kupferstichkabinett, Staatsbibliothek Pressischer Kulturbesitz, Berlin.

Esboços feitos com carvão no papel

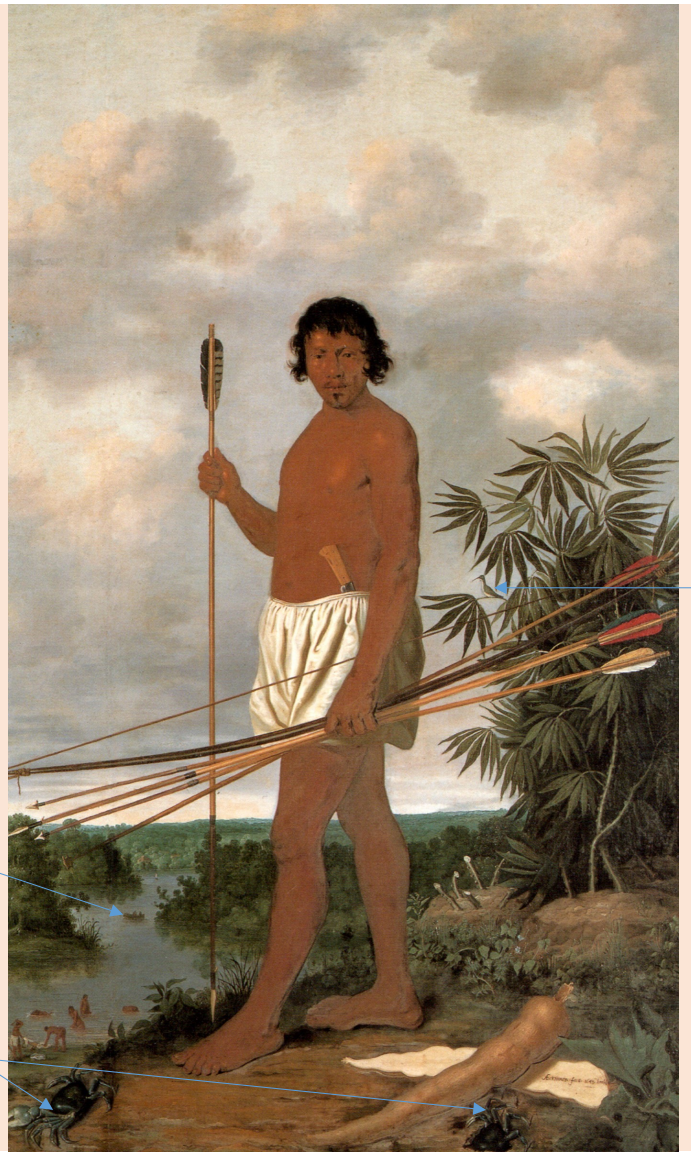









Casal holandês


Beija-Flor
Holandeses
Siri



Sobre a mulher Tupi

In Eckhout's painting (PLATE 4), a scantily clad *Brasilian* woman stands on a hill and stares blankly out at the viewer, with an orderly plantation of citrus trees pictured in the background behind her. On her head she carries a basket holding a rolled-up net, possibly a hammock, and several calabash containers.[83] Her small nude daughter, whom she supports on her hip, lightly touches her mother's right breast and turns her small, lively face towards the viewer. A reddish gourd on a string hangs from the main figure's right wrist, and she gently supports the overladen basket on her head with her left hand. Her smooth, light brown skin shows no evidence of body painting or jewellery. The wheat-coloured woven basket is her only distinctive possession; her long thin braids interwoven with white and red string are her only distinctive decoration. To her left is a banana tree, introduced by Europeans into Brazil just like the citrus trees planted in neat rows behind her.[84] A large greenish toad sits on the ground at her feet.

On the plantation grounds behind her, twenty-one tiny human figures, mostly *Brasilianen* like the main figure and her child, are busy tending animals and children, carrying baskets, or resting in hammocks stretched between the trees. Most of these figures are women, wearing the long white dresses described as the clothing typically worn by *Brasilian* women, not the short white skirt with exposed breasts of this painting's main figure. In between the rows of trees on the right, men clad in white shorts hold weapons, a rifle and possibly a spear. A watchful European presence is embodied by the lord and lady of this tropical manor, recognizable as such because of her clothing and his broad black hat. They stand on the balcony of the second floor of the house and look out over their servants, trees, and livestock below. As scholars have suggested, this is a calm and cultivated landscape, reflecting the status of the main figure within this colonized realm and its European overseers.[85]

Sobre o guerreiro Tupi

, this painting also includes a European presence in the deep background. Sitting in a small boat in the middle of the river, three men in dark clothing and broad hats survey the bathing and washing activities of the men and women along the shore.[89] The purpose of the European presence in these two paintings goes beyond the voyeurism suggested by their proximity to the four nude women bathers in the background here. They observe, control, and construct the activities of the *Brasilianen*, both within the paintings and in the colony itself, becoming a 'conceptual vanishing point'.[90] The European I/eye structures the work and dictates its limitations as well as its possibilities. Although white Europeans are not portrayed as one of the paired national types in this series of ethnic types, they form the ideal against which the others must be measured.[91] Their depiction in the backgrounds of these two works affirms that their presence in the portrait series is not simply indirect.




Male
Papaya
Gibão de couro de anta
Cinto de pele de onça



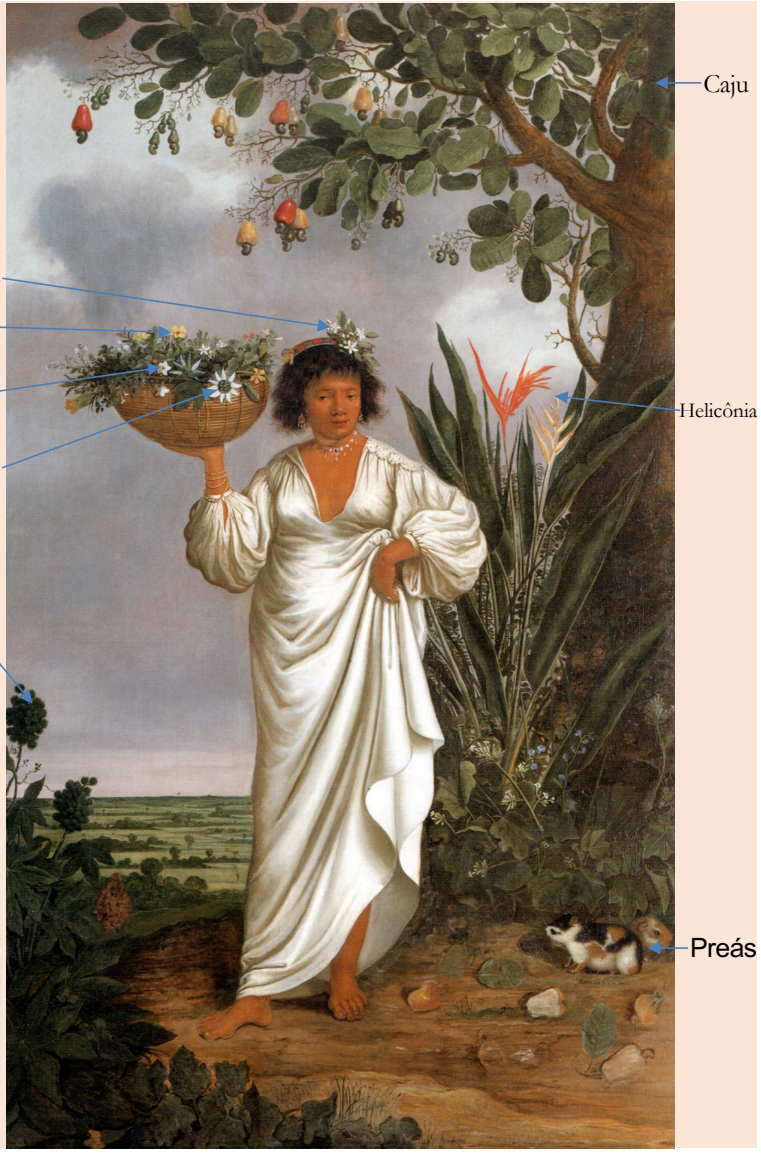

Caju
Laranjeira
Piriqueta
Manacá
Maracujá
Helicônia
Nhambu guaçu
Preás





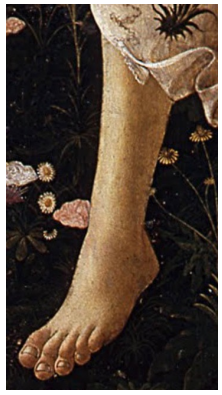
FIG. 53 – Jacques de Gheyn, *Soldier*, engraving. Reproduced in *Wapenhandlinghe van Roers Musquetten ende Spiessen* (Amsterdam, 1608). Courtesy of the Royal Library, The Hague.





Details from *Primavera* by Boticelli











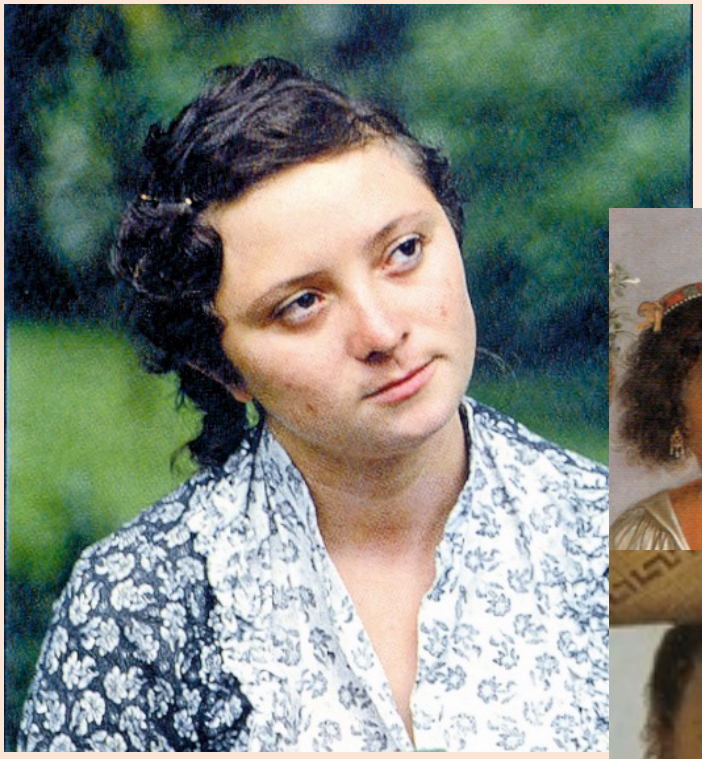
Chico Diaz







Dira Paes



Marcélia Cartaxo







Gero Camilo

O “nordestino”

Carnaúba

Peacock feathers

Bakongo basket

Coco

Cachimbo

Lovebird

Angola

Mamão

Mandacaru





272 x 165 cm

Tamareira

Ray Skin Scabbard for Akan sword

Salsa da praia

Presa de elefante

Mulher Negra e
Homem Negro [1641]

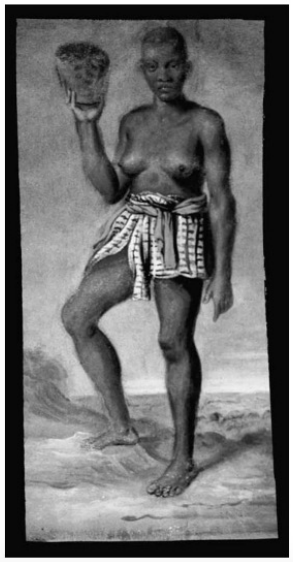


FIG. 50 – Albert Eckhout, *Woman on Beach*, ca. 1641, oil on paper, 35.5 x 24 cm. *Theatrum* vol. III, f. 21. Courtesy of the Jagiellon University Library, Kraków.



FIG. 51 – Albert Eckhout, *African Woman*, ca. 1641, oil on paper, 50 x 31.1 cm. *Theatrum* vol. III, f. 11. Courtesy of the Jagiellon University Library, Kraków.



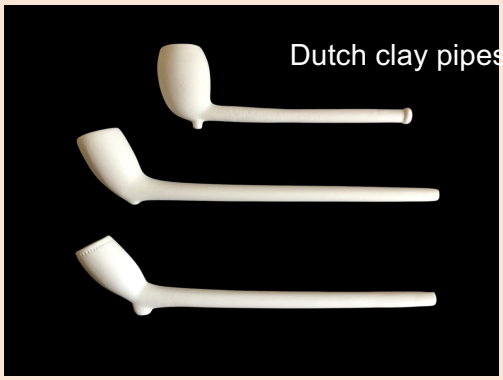
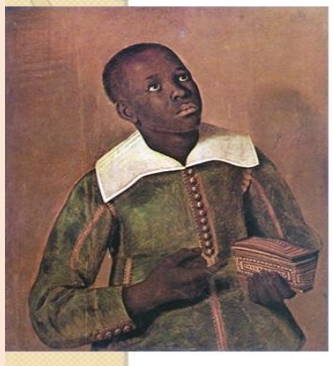




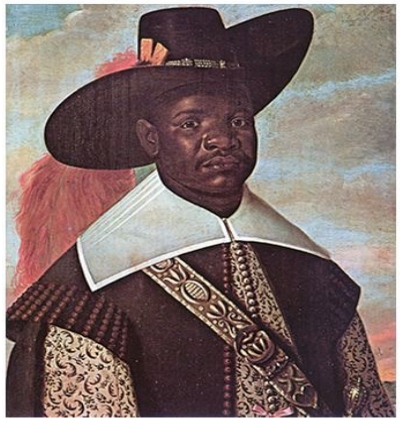


FIG. 48 – *Les habitans de Cabo lopo gonsalves* (Inhabitants of Capo Lopo Gonsalves), engraving. Reproduced in Pieter de Marees, *Beschrijvinge ... vant Gout Koninckrijk van Gunea* (1602). Courtesy of the Royal Library, The Hague.

Mais Eckhout:



Servo de Dom Miguel de Castro
Com cesto decorado - óleo sobre madeira – 72 X 62 cm (s.d.)



Dom Miguel de Castro – Enviado do Reino Congo
Óleo sobre madeira (1644)

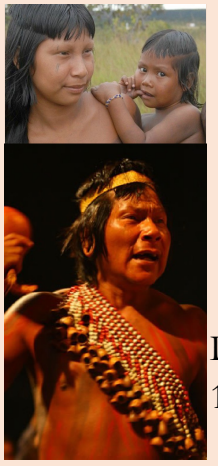


Servo de Dom Miguel de Castro com presa de elefante – óleo sobre madeira (s.d.)



Cena no Mercado

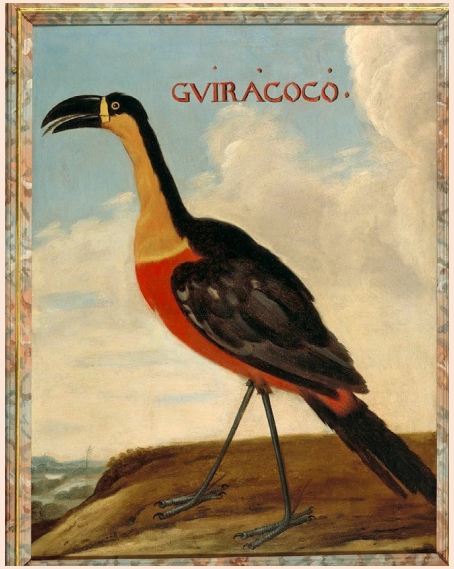


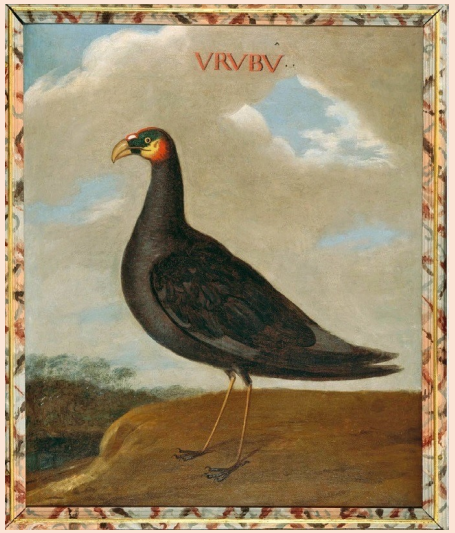


Dança Tapuia
172 x 295 cm



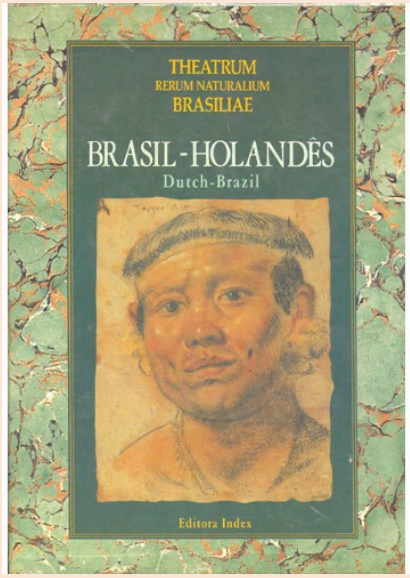




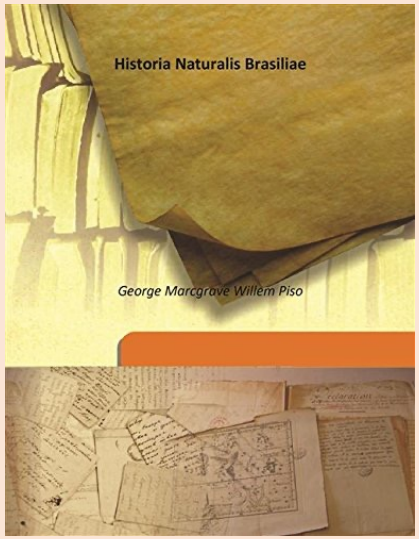


Depois do Brasil, pintor da corte em Dresden, o teto do Palácio Hoflößnitz

Livros Científicos



Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae
Christian Mentzel, 1660-1664



Historia Naturalis Brasiliae
Georg Marcgraf & Willem Piso,* 1648

Historia Naturalis Brasiliae

Georg Marcgraf & Willem Piso,* 1648



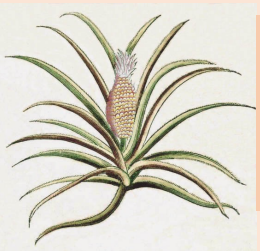

106 GVILIELMI PISONIS

CAP. LXXIII.

De Murucuja, variiſque illius ſpeciebus, & facultatibus.

POſt ſedulam inquiſitionem ad minimum novem ſpecies hujus plantæ repperi. Quarum ſeptem maxime ſilveſtres, inque ſaltibus remotioribus naſcuntur; ut ſunt *Murucuja ſatà, Eté, Mixira, Peroba, Piruna, Ternacuja, Vnà*: ſativis plantis *Murucuja*, non quidem fructu, ſed folio & eximii floris facie & fragrantia ſimiles: excepta unica, quæ ſola habet folia unita grandia, non crenata, aut in plura diviſa, ut *Murucuja-guacu*, hoc eſt, granadilla major hortenſis. Hanc

præter alias adhuc ejuſdem generis plantas, pomiſque longe minoribus vidimus, quarum quædam trifolium, quædam quinquefolium habebant. Flore ex cœruleo purpuraſcente, pomiſque quantum ad externam faciem ſimilibus, cæterum ſapore diſſimillimis, quod nonnulla dulcia, quædam acida erant. Eſculenta tamen omnia & palato non ingrata, licet minus ab Incolis expetita, ob frequentiam & nobilitatem duorum iſtorum in hortis creſcentium, quorum frondes jucundiſſimam umbram præbent, ſi hederæ aut vitium inſtar huc illuc flectantur, funiumque modo flexibiles & ſequaces in fornicis formam ducantur.



Publicado por Johannes de Laet (1581-1649), diretor da Companhia das Índias Ocidentais, e dedicado a Mauricio de Nassau.


CAP. IV.

Tamandua guacu. Tamandua-î.

TAMANDVA-GVACV Braſilienſibus, Congenſibus (ubi & frequens eſt) *Vrubutu*; Belgæ appellant **de Groote Miereneter**: Animal magnitudine canis Lanionum: Capite tereti, promuſcide longiſſima, & ore acuminato, edentulo; lingua tereti & longa inſtar ſubulæ: longitudo linguæ plerumque viginti quinque aut ſeptem digitorum; imo inveni interdum duos pedes & ſemis longam: hanc in ore gerit duplicatam & quando formicis vult veſci, exſerit illam, & formicarum tumulo tam diu imponit, donec plena ſit formicis, quas deglutit. Oculos habet parvos, nigros. Aures ſubrotundas: Caudam hirtam inſtar muſcarii, qua diducta ſe totum poteſt tegere. Capitis cum promuſcide longitudo unius pedis, vel etiam major: craſſitudo promuſcidis in medio (nam magis magiſque attenuatur) plus quatuor digitorum. Colli longitudo quinque digitorum, craſſities circiter novem. Corporis longitudo ad initium caudæ duorum pedum & trium digitorum: craſſities unius pedis & novem digitorum:

*Em 1658 o insatisfeito Piso publica outra versão do trabalho *De India utriusque re naturali et medica*.

Na primeira parte, Piso aborda a botânica tropical e o uso medicinal de plantas brasileiras.

Na segunda parte, Marcgraf faz descrições detalhadas de animais brasileiros.

O editor Johannes de Laet (director da WIC) adiciona um apêndice sobre os Tupinambás e os Tapuias, ilustratado com gravuras feitas a partir dos retratos de Eckhout.

O livro "includes a large number of illustrations drawn directly from Eckhout's work" (*Visions of Savage Paradise*, 31)



De Tangaraca, ejuſque facultatibus.

BRaſilienſes *Tangaraca*, Luſitani *Erva do Rato*, appellant eundem fruticem, idque non ſine ratione, quod facultate ſingulari deleteria polleat, & homines æque atque glires interimat. Ejus tres reperiuntur ſpecies.

Prior, quæ maxime noxia eſt, florem producit, primo albicantem, mox aureo colore niteſcentem: folia autem læte virentia, acuminata, ſeſquidigitum circiter longa, & multis nervis atque venulis diſtincta.

Poſterior folia fert priori quidem *Tangaraca* haud diſſimilia, ſed longiora & triſte viridia: Florem autem ſaturè purpureum & umbilicatum, cui ſuccedit fructus rubo ſilveſtri haud diſſimilis.

Licet autem foliis, floribus ac fructibus differant utræque hæ plantæ, ligno tamen, natali ſolo, & proceritate conveniunt. Cæterum ubivis fere in triviis obviæ, qualitate virulenta Arſenico vix cedunt. Tanta ſiquidem tum folio, tum imprimis flori & ſemini potentia ineſt, ut manducata, confeſtim hominem interimant, niſi quantocius præſentiſſimo Antidoto obviam eatur.

Nullum autem præſtantius alexipharmacum, quodque efficacius noxam hanc expugnet, hactenus extat, quam ipſæ hujus plantæ radix, quæ contuſa & ex vino aut alio aliquo conveniente liquore propinata, ægros ſæpe in integrum reſtituit. Uſque adeo benigna mater Natura, facultatem non minus ſalutarem, quam mortiferam eidem plantæ infudit. Sicut fuſius dictum in tractat. de Antidot.







Murucuya seu flos Passionis, variæ illius species.

MVRVCVIA GVACV & GVAINVMBI ACAIVBA: Hispanis *Granadilla*, vulgo flos Passionis; Belgis in Brasilia commorantibus Rhangappel: hedera est fructifera: plures autem illius reperiuntur species: hic quæ fructum ferunt edulem, ponant.

I. MVRVCVIA GVACV seu piriformis, planta est vimínea, lignosa, tenuissima: Caulis contortus, quadratus, varius, coloris cinereo-rubris seu grisei, pollicem crassus, seu etiam vitis & interdum brachii crassitie: longe serpit ac etiam arboribus & fruticibus se implicat. Folia habet læte viridia, lævia, splendida, quinque aut sex digitos longa, non serrata, inæqualis figuræ; quædam enim sunt simplicia, quædam in duas partes inæquales, quædam in tres partes sive lacinias fecta: adhærent autē cauli pediculis suis subruffis, & nervus tendit per longitudinem lacinium, transversim autem multæ venulæ intertexuntur. Florem fert insignem, quem Passionis vocant, magnitudine Rosæ majoris plenæ, exterius foliis quinque dilute purpureis supernè & infernè, & quinque viridibus inferius, superius rubris, alternatim positis. Supra hæc folia in orbem expanduntur filamenta insignia sesquidigitum longa, crispa, mediocriter interiore tota purpurea, exteriore, rubro seu purpureo & albo variegata in centro floris extat columna ex flavo albicans, teres & quasi tornata, lata unum digitum, cui superius apex ovalis figuræ, magnitudine seminis pyri impositus, & hinc item clavi-effigiem his cuspidibus infixi in uno puncto: infra ovalem autem figuram à fastigio columnæ quinque brachia extenduntur ad latera, quorum quodlibet continet spongiosorum corpusculum, flavo pulvere adspersum ut in Lilio. quando exterior floris pediculus totus abscinditur tunc integra columna è flore extrahi potest. Flos autem facillime perit decerptus & vermiculi



CAP. III.

Vrucu planta è qua fit tinctura illa quam vulgo vocamus orellanam.

VRVCV Brasiliensibus: Frutex est ligno albo instar Coryli, cortice fusco. Folia habet alternatim posita, in pediculis tres, quatuor aut quinque digitos longis, etiam brevioribus, oblonga, cordis ut pingitur figura, quinque, sex etiam decem aut duodecim digitos longa, nervo secundum longitudinem & venis obliquis, inferius prominentibus prædita, lætè viridia.

Ad extremitatem ramorum in brevibus pediculis, multi enascuntur flores, in uvarum modum dispositi, quilibet magnitudine rosæ: quinque foliis constans sibi incarnato dilutis: in medio ingens numerus staminulorum luteorum, apicibus purpureis; vix sensibilem aliquem habet odorem.

Florem sequitur fructus, nimirum siliqua myrobalani oblongi forma, seu pyramidali, rotunda, duos aut tres digitos longa, magnitudine pruni: quæ immatura virescit exterius, matura rubescit, cliquetota hispida ob filia quæ habet prominentia, sed non aculeata. In qualibet tali siliqua ultra triginta aut quadraginta grana suo pediculo inniti certa continentur, unum quodque figuræ conicæ acutæ aut exigui pili, at in duobus lateribus quasi digito compressum. Granorum color insigniter miniatus (instar optimi minii turcici) & splendescens atque tali succo madens, ita ut ad tactum inficiat manus egregio miniato colore. Grana recentia haud dura sunt, sed ut granum pomi: intra carnem albicantem habent, exterius quoque quodlibet granum punctulum argenteum. Siliqua matura sponte se aperit: grana siccata evadunt obscure rubra, nihilominus tamen ut ante tinctorum continent, & recentia sive siccata usurpari possunt. Trita simpliciter in aqua simplici seu stillatitia egregiam dant tincturam miniatam, quæ pota per se prodest contra varia venena & est boni saporis, subamara & quid aromatici sapiens.

CARTAMA Brasiliensibus, Avis Ardeæ majoris magnitudine, ex aquatica e in capite super exortu rostri cristam plumatam gerit nigram cinereo mixtam, erect stum breve, superius paulo aduncum, ex obscuro flavo fuscum. Oculos habet eleg ros, pupilla nigra, longis supercil Alæ desinunt paulo post exortum ca ra habet longa, superius medium par nis vestita, cætera nuda & obscure flu ros tres in pedibus, medium longiti teriorem brevioremque, interiorem adhu rem. Suntque digiti ad partem cute In postica parte pedis digitum parve altiori loco positum, & calcaneum r more Struthionis. Ungues digitorum culi, lunati, fusci. Totum corpus p stitur gryseis seu cinereis fusco unda falconibus, & obscure flavo mixtos tas alarum & caudæ fusca est, obscur gryseo undata: in pectore & inferio plus habet gryseï. Caudam demissam erectum gerit. Clamor ejus instar vi fœminæ & longe auditur. Carne est valde probata.

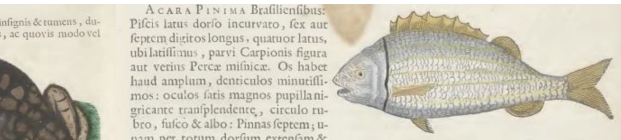


CVRVRV.

Inter venena quæ deleteria potissimum vi pollent est busonis *Cururu*, insignis & tumens, duploque Europæo major, cinereisi vel spadicei coloris, nimium notus, ac quovis modo vel mictu & saliva exterius, vel intus, longe quidem pejus, sanguine, imprimis felle assumpto, inficit. perditissimi Barbari aliique eorum æmuli torrefactos in pulverem redigunt, & lethalia inde pocula conficiunt, eaque vel minima quantitate clam propinant. Hinc faucium statim & gutturis inflammationes, siccitates, anhelitus, fætores, singultus, vomitus, dysenteriæ, animi deliquia, oculorum caligines, convulsiones, deliria, ac pallores. Si remedio locus, corpus statim per superiora & inferiora evacuant & liberant à reliquiis veneni, exercitio, balneo, ægro in furnum calentem vel animal dificilsum impositio. Generalia alexipharmaca, composita. per dies aliquot, juxta & *Tupicea*, tum radices nativas antidotales ex vino propinant. Præ cæteris vero herba *Nhambi*, quæ prærogativam à benigna natura videtur accepisse, tam magno malo adversam, exhibenda. Nam etiamsi busonis, hic tam pernicioso turgeat veneno, non tamen ita invincibile est ut suo contrario non cedat. Quippe solus succus Nhambi, expressus & capiti vel dorso busonis (præsertim prius in terram fricato) instillatus, illum dicto citius interimit. Ranæ quoque dantur variæ, terrestres & paludosæ, partim edules, partim, sicut in Europa, non edules. Idem Plinius lib. XXXII. cap. V. de quibusdam ranis testatur.



ACARA PINIMA Brasiliensibus: Piscis latus dorso incurvato, sex aut septem digitos longus, quatuor latus, ubi latissimus, parvi Carpionis figura aut verius Percæ missicæ. Os habet haud amplum, denticulos minutissimos: oculos satis magnos pupilla nigricante transplendente, circulo rubro, fusco & albo: Pinnas septem; unam per totum dorsum extensam & continuam versus anteriora minus uno digito latam, versus posteriora latiorem: hujus pinnæ medietas anterior spinis sustulta est & illam in rimam potest recondere, posterior non habet spinas neque illam potest recondere: post branchias in utroque latere unam duos digitos longam, haud latam: in medio ventre duas junctas semidigitum ferme longas firma spina sustentatas: inter anum & caudam inferius itidem unam firma spina munitam: Septima pro cauda est furcata, plusquam sesquidigitum longa, totidem lata. Totus vestitur squamulis argenteis ex auro splendentibus: in quolibet latere septem magnas habet strias secundum longitudinem ad caudam usque extensas, coloris fusci splendentis (in quibusdam aurei seu lutei) à summo item capite per utrumque oculum ad extremitates oris, in quolibet latere capitis lata stria nigra descendit, ad cujus oram aliquid cærulei admixtum est. Vltra harum striarum exortum in dorso, nimirum ubi pinna dorsi initium sumit, itidem per quodlibet latus defcendit nigra stria usque ad exortum pinnæ lateris seu oram branchiarum. Omnes pinnæ & cauda coloris sunt lutei seu aurei splendentis. Capitur in mari inter scopulos: & est edulis atque boni saporis.



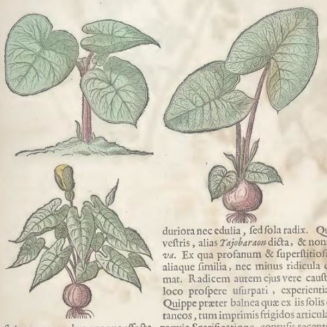
CARANA IBA & ANANACHI CARIRI Brasilienſibus. Arbor Palmæ dactyliferæ magnitudine & altitudine; ligno duro, ruffo seu brunno, crassis nervis intus constante, nullius usus: cortice exterius gryseo, & cartilagine à terra ad quoddam spatium squamato, squamis ordine cochlearum positis, quæ primo longiores, succeſſu, breviores fiunt, imo tandem deciduntur, superne initio facto; nam arbores adultiores caudicis medietatem superiorem habent glabram ut Cocoeiro, inferiorem solum squamatam; squamæ autem nihil aliud sunt quam reliquiæ ramulorum, qui decidunt arbore in altum assurgente, enascentibus aliis, tunc enim superiores rami manent, inferiores excidunt relinquentes has squamiformes reliquias. Ramos porro suos in summitate orbiculatim expandit directe sursum, deorsum, & ad latus ut palma dactylifera, sed longe elegantiori adspectu. Ramus quilibet duos vel tres pedes longus, compressus, in utroque latere acuto, duris spinis nigris armatus figura dentiscalpium referentibus: unum in cujusque rami extremitate folium rotundum figura & ita plicis donatum ut manuarium umbraculum fœminarum (*gallis paragasi*) viridis coloris, ab extremitate ad medietatem fere introrsum sectum in multa alia carinata folia foliis Palmæ dactyliferæ similia; quodlibet ex his sectis foliis circiter duos pedes est longum. Inter ramos folioferos alii prodeunt longiores, quatuor, quinque aut sex pedes longi, in multos alios ramos & ramulos, lanugine albescente obductos, expansi alternatim, & quasi è vaginula prodeuntes, in his existunt flosculi pallide flavi, sine pediculis, tribus foliis constantes. Post hos proveniunt fructus, figura & magnitudine olivæ, virides, amari, nec edules, nec ullius usus. Secta hæc arbor nunquam renascitur è caudice; tarde quin etiam crescit & longo tempore opus habet ut grandescat. Folia serviunt ad tegendas casas & corbes faciendos: è ligno autem circos faciunt, quibus pecora & jumenta includunt, vulgo *Curraes* Lusitanis.



ANNOTATIO. Ex nomine quis suspicari posset hanc esse arborem quæ fundit resinam illgum nullum, &c.

De Tajaoba, ejusque usu.

DIversas Brasiliæ species novus hic orbis producit, quarum folia *Tajaoba*, ab Indigenis vocantur.



HArum una alba exsilit, cujus folia edulia, uti & radices, laxant alvum: altera *Mangara peuna*, cujus folia sunt fatura te viridia, ut & radices itidem: cortices & caules sunt rosacei coloris; hujus non folia, sed radices duntaxat edules: tertia, quæ *Tajaoba* vel *Mangara-mirá* appellatur, cujus folia sunt minora & duriora nec edulia, sed sola radix. Quarta est *Tajaoba* silvestris, alias *Tajobarana* dicta, & nonnullis *Mangara brava*. Ex qua profanum & superstitiosum vulgus philtra, aliaque similia, nec minus ridicula confici posse existimat. Radicem autem ejus vere cauſticam esse, ejusque loco prosperè usurpari, experientiam testem habeo. Quippe præter balnea quæ ex iis solis contra morbos cutaneos, tum imprimis frigidos articulares, apprime conficiuntur, membra quoque affecta, prævia Scarificatione, contusis recenter radicibus fricantur cum optimo succesſu. Mox cataplasmata ex iisdem, parti dolenti undiquaque imponuntur: quæ si per vices aliquot reiterentur, inveterata quæque mala, citra recidivæ metum, exterminare solent.





Historia Naturalis Brasiliae

CAP. II.

Enena duæ species: Enena raræ conformationis. Alius Taurus volans.

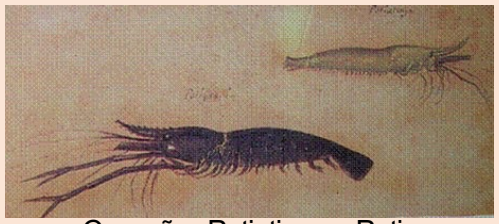
ENENA Brasiliensibus, *Escaravelha* Lusitanis: Taurus volans. Totius corporis longitudo plus duorum digitorum Rhynlandicorum, crassities autem fere quatuor. Totum corpus splendide nigrum, seu pius flavescentibus opertum, ita ut flavescens videatur. Sex habet pedes (*seu rostra*) duos anterius versus, duos ad latera fere directe extensos, & duos post se extensos, nitidosque & superius variis pilis præditos: in quolibet autem pede tres ungues, cum parvulo digito, qui quasi termus ungui sumque crura variis denticulis armata. Vnius fere digiti intervallo à capitis initio (quod minimum) sectio est corporis. Capitale cornu habet magnum, & in extremo sectum, nigrum & splendidum, unum pene digitum longum: oculos nigros eminentes & prope illos duos cirrhos exteriores, angulos tribus apicibus, qui in extremitatibus sunt fusci. Prima sectio corporis tricornis, in summitate anteriori habens cornu protensum & paululum deorsum flexum, longitudine dentis humani, & utrumque ad latera unum, ejusdem magnitudinis. Alæ ejusdem coloris cum toto corpore, pilosæ ac duræ. Posterior sectio corporis inferius muricibus horridior. Prior sectio superne magis rutilat pilis, posterior autem magis flavescit.





Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae

Christian Mentzel, 1660-1664



Camarões Potiatinga e Potiguaçu, Eckhout

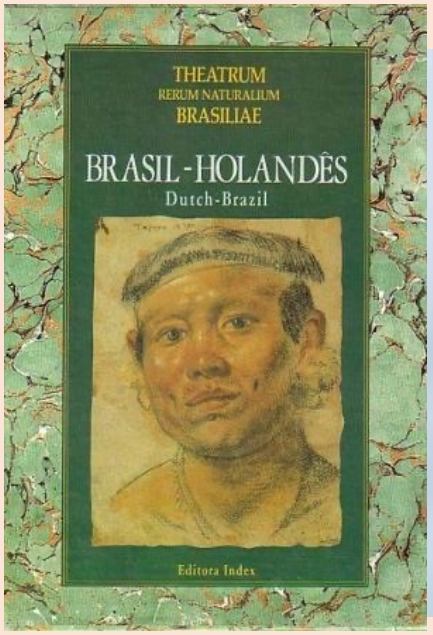


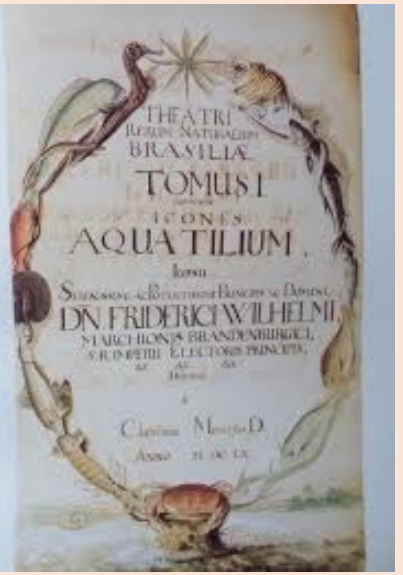
- Desenhos avulsos enviados a Frederico Guilherme de Brandemburgo em 1652. Os desenhos foram compilados por Mentzel, médico de Frederico Guilherme, em quatro volumes:
  - Icones Aquatilium
  - Icones Volatilium
  - Icones Animalium
  - Icones Vegetabilium

- Reencontrados na Polônia numa coleção de ilustrações de 144 volumes [*Libri Picutrati*]

- Publicado no Brasil em dois volumes

- Trabalhos importante de Eckhout de óleo e giz sobre papel foram encontrados aí.





Nassau distribui "tesouros" pela Europa


Frederico Guilherme I


Louis XIV


Frederico III

"Nassau doou os *Libri Principis* (conjunto de aquarelas e desenhos encadernados em dois tomos) numerosas pinturas sobre papel e crayons avulsos (que seriam pouco a pouco organizados por Christian Mentzel, médico particular do Eleitor de Brandemburgo, nos quatro volumes do *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae*) a Frederico Guilherme I, então Eleitor de Brandemburgo, em troca de terras para a construção de um palácio em Freudenberg, na Alemanha, além da aquisição de títulos nobiliárquicos.

"Em 1654, em retribuição ao título de Cavaleiro da Ordem do Elefante Branco, uma das mais altas condecorações da época, Nassau presentearia o rei Frederico III da Dinamarca com 26 obras, sendo 23 delas de autoria de Eckhout: nove grandes telas a óleo, com cenas étnicas brasileiras, doze naturezas-mortas feitas com frutas e vegetais brasileiros e dois retratos de Nassau.

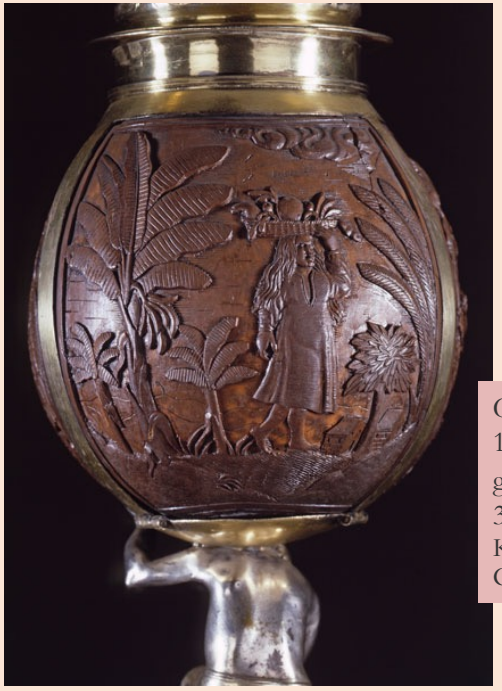
Em 1679, ano de sua morte, ele presenteou o rei francês Luis XIV com oito cartões de Eckhout que seriam usados na produção de tapeçarias, a famosa série *Teintures des Indes*, tecidas pela renomada Manufatura dos Gobelins, de Paris".







Humboldt Cup Dutch, 1648–53, carved coconut, chased silver mount, height: 29 cm. Private collection

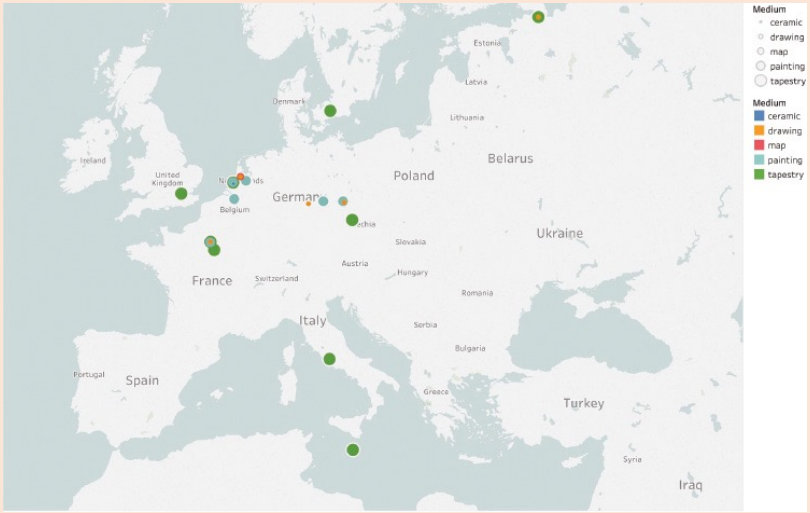


Coconut Cup, Dutch, ca. 1650, carved coconut, fire-gilt silver mount, height: 34.5 cm. Staatliche Kunstsammlungen Dresden, Grünes Gewölbe, Dresden

Cópias se espalham

"[Johan Maurits] gave choice items such [as] taxidermy specimens of rare fauna, paintings, weapons, and articles of indigenous apparel, were so highly prized that the recipients immediately added them to their collections. Once displayed, they would be discussed by an aristocratic and scholarly public while simultaneously promoting the image of Johan Maurits, "the Brazilian," as a liberal colonial overlord. The extent of his largesse is evidenced by the fact that his bequest to Frederick III in 1654 consisted of twenty-six Eckhout paintings as well as Brazilian *ethnographica*."

Virginie Spenlé



Copies made after Johan Maurits's gifts.
Map created by Carrie Anderson using Tableau, 2018.

A Proliferação das images de Eckhout



America, 1666
Jan van Kessel the Elder (1626-1679)



Part of the Triumphal Procession, with Gifts from the East and the West
[1649-51]
Palais Huis ten Bosch, Hague
Jacob van Campen [1596-1657]

Teintures des Indes [tapeçarias]



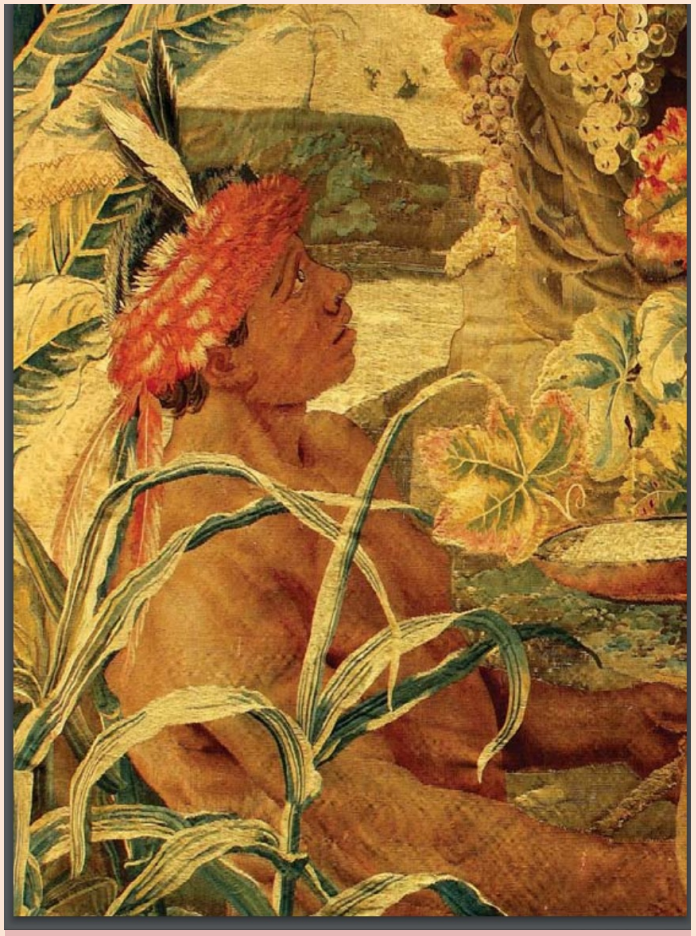
Ancient Indies, Charles Le Brun, 1687



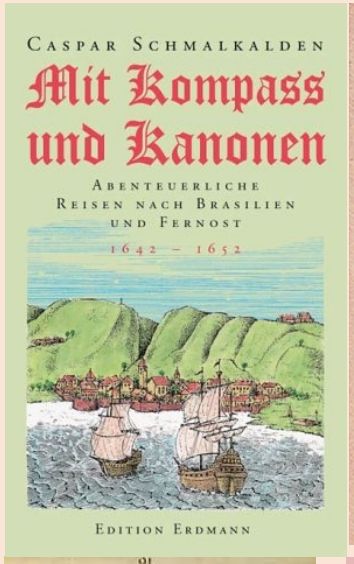
Amsterdam, Rijksmuseum



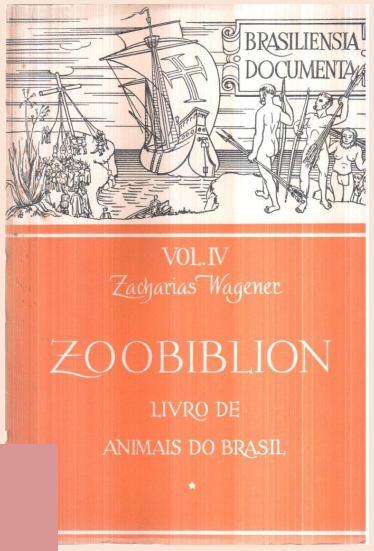
Tapestry Room
The Grandmaster's Palace
Valetta, Malta



Nouvelles Indies, 1737-1741, François Deportes







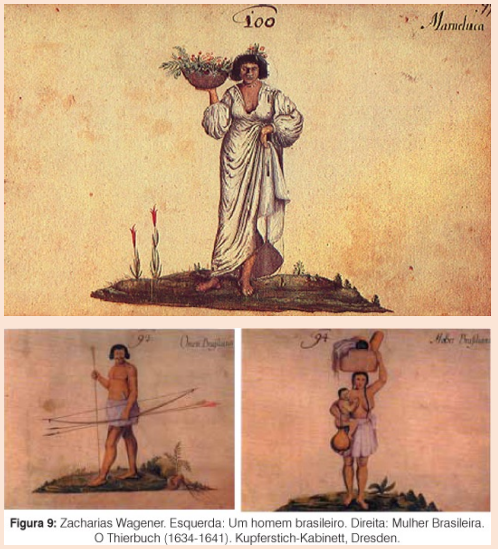


Figura 9: Zacharias Wagener. Esquerda: Um homem brasileiro. Direita: Mulher Brasileira. O Thierbuch (1634-1641). Kupferstich-Kabinett, Dresden.

Memoirs From Soldiers and Clerks



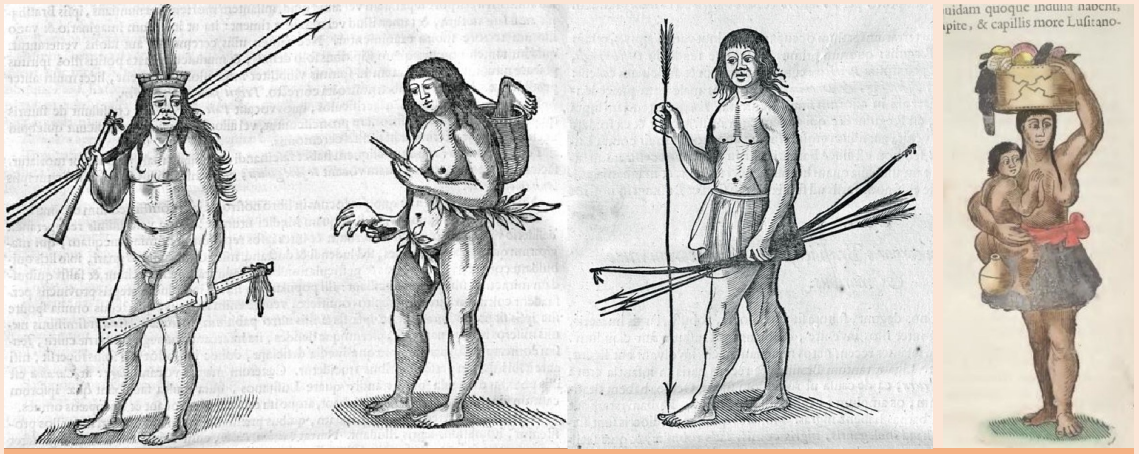


Caspar Schmalkalden
(1616-1673)
Soldier of the West Indies Co.
in Pernambuco in 1642-4
Erfurt University Library
Published in 1983



Slavery Market in Recife

Zacharias Wagenaer
(1614-1668)
Clerk of the West Indies Co.
in Pernambuco in 1634-1641
Erfurt University Library
Published in 1983



Inhabitants of Brazil after Eckhout, 1648, woodcut. Willem Piso and Georg Markgraf [médico e naturalista da corte de Maurício de Nassau]
Historia rerum naturalium Brasiliae (Leiden, 1648), p. 280 & 270

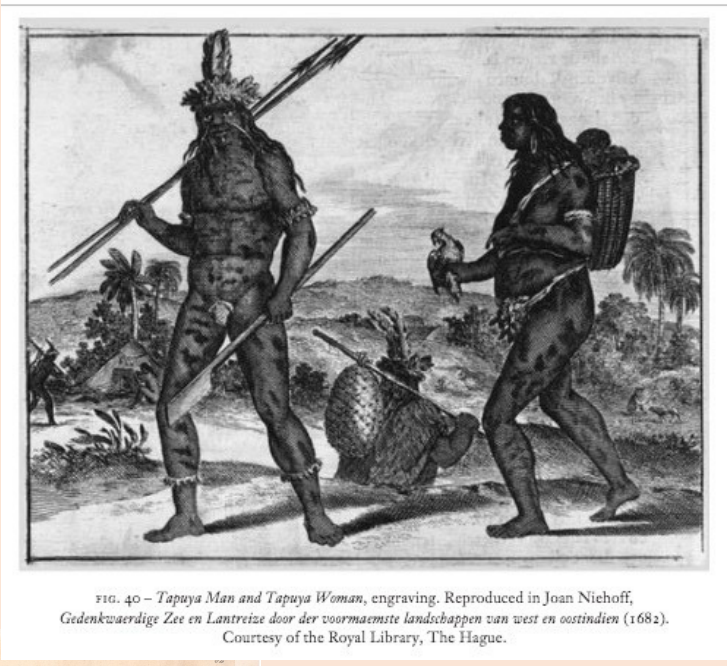


FIG. 40 – *Tapuya Man and Tapuya Woman*, engraving. Reproduced in Joan Niehoff, *Gedenkwaerdige Zee en Lantreize door der voormaemste landschappen van west en oostindien* (1682). Courtesy of the Royal Library, The Hague.



Sylvester Brounower, A Brasilian Cannibal, ca. 1683–1687, part of John Locke's Drawings Collection [1680-1750], British Library

E o grotesco vai se infiltrando…



"Nova" Gente

Woodcut
Johann Froschauer of Augsburg
between 1497 and 1504
British Museum

"… monstruos no he hallado, ni noticia, salvo de una isla *Quaris*, la segunda a la entrada de las Indias, que es poblada de una gente que tienen en todas las islas por muy feroces, los cuales comen carne humana. Estos tienen muchas canoas, con las cuales corren todas las islas India, y roban y toman cuanto pueden; ellos no son más deformes que los otros, salvo que tienen costumbre de traer los cabellos largos como mujeres, y usan arcos y flechas de las mismas armas de cañas, con un palillo al cabo, por defecto de hierro que no tienen."
Cristóbal Colón, 1493

“Velha” Imaginação



Artista desconhecido, *‘Cannibals on the Caribbean Island’*, em livro de Lorenz Fries, *Uslegung der Mercarthen oder Carta Marina*, Strasbourg: Johannes Grüninger 1525, leaf XVI, xilogravura colorida, 10.5 x 14.4 cm, Rhode Island, Archive of Early American Images, The John Carter Brown Library, Brown University. ©John Carter Brown Library, Box 1894, Brown University, Providence, R.I. 02912.

A fantasia sobre o povo Cinocefalus, mito grego sobre raça de antropófagos que viveria na Índia, foi repetido e expandido até a Idade Média na Europa e é a base para as fantasias européias sobre antropofagia nas Américas a partir de Cristovão Colombo, que cria o termo “canibal”.



Relatione del reame di Congo, Filippo Pigafetta (1591)



Cesare Ripa, 1593

FIG. 212. America; *AMERICA.*

A Woman almoſt naked; a tann'd Aſpect; has a Veil folded over her Shoulder; round her Body, an artificial Ornament of Feathers of divers Colours; in one Hand a Bow, and a Quiver by her Side; under one Foot a human Head pierc'd with an Arrow, and a Lizard on the Ground. Naked, becauſe the Inhabitants are all ſo. The Arms are what both Men and Women uſe there. The Head ſhews that they are *Cannibals*. The Lizard, they are ſo big here, that they *devour* Men.



"O povo vive nú, é gracioso, pardo, bem feito de corpo, cobrindo tanto os homens como as mulheres suas suas cabeças, pescoços, braços, partes pudentas e pés com penas. Os homens também usam pedras preciosas nos rostos e peitos. Ninguém possui nada, pois todas as coisas são de todos. E os homens têm mulheres que os agradem, sejam elas mães, irmãs, ou amigas, para o qual eles não fazem distinção. Eles também lutam uns contra os outros. Eles também comem uns aos outros e a carne daqueles mortos é pendurada na fumaça. Eles vivem cento e cinquenta anos. E não tem qualquer governo."

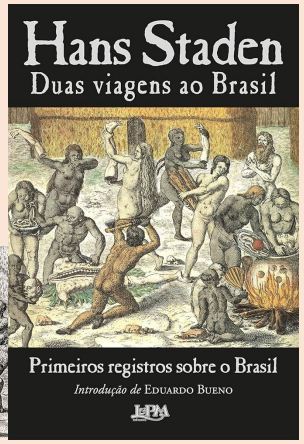
Amerigo Vespucci, *Mundus Novus, Paris, 1503*







A Tupinamba Indian from Brazil (cannibal), leaf from a volume (now consisting of 113 leaves of drawings), after "John" de Léry.
British Museum



"Many scholars believe this to be a highly exaggerated, possibly even fictionalized version of several genuine letters written by Vespucci, who participated in two voyages between 1499 and 1501. "

Encyclopedia Virginia

The Brute Savage

I find that there is nothing barbarous and savage in this nation, by anything that I can gather, excepting, that everyone gives the title of barbarism to everything that is not in use in his own country.

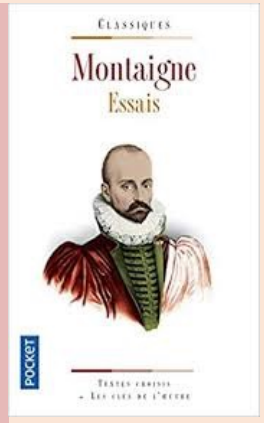
[…]

After having a long time treated their prisoners very well, and given them all the regales they can think of, he to whom the prisoner belongs, invites a great assembly of his friends. They being come, he ties a rope to one of the arms of the prisoner, of which, at a distance, out of his reach, he holds the one end himself, and gives to the friend he loves best the other arm to hold after the same manner; which being. done, they two, in the presence of all the assembly, dispatch him with their swords. After that, they roast him, eat him amongst them, and send some chops to their absent friends. They do not do this, as some think, for nourishment, as the Scythians anciently did, but as a representation of an extreme revenge…

[…]

. I am not sorry that we should here take notice of the barbarous horror of so cruel an action, but that, seeing so clearly into their faults, we should be so blind to our own. I conceive there is more barbarity in eating a man alive, than when he is dead; in tearing a body limb from limb by racks and torments, that is yet in perfect sense; in roasting it by degrees; in causing it to be bitten and worried by dogs and swine (as we have not only read, but lately seen, not amongst inveterate and mortal enemies, but among neighbors and fellow-citizens, and, which is worse, under color of piety and religion), than to roast and eat him after he is dead.

"Des Cannibales", Montaigne, 1580

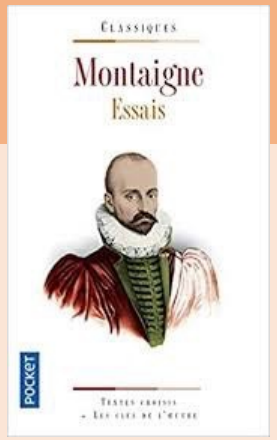


"I am as free as nature first made man,
Ere the base laws of servitude began,
When wild in woods the noble savage ran."
John Dryden
The Conquest of Granada by the Spaniards
1672

Nobre Selvagem

"… creio que não há nada de bárbaro ou de selvagem nessa nação, a julgar pelo que me foi referido; sucede, porém, que classificamos de barbárie o que é alheio aos nossos costumes; dir-se-ia que não temos da verdade e da razão outro ponto de referência que o exemplo e a ideia das opiniões e usos do país a que pertencemos".
[...]
Depois de terem dado por algum tempo bom trato aos prisioneiros, facilitando-lhes todas as comodidades ao alcance de sua imaginação, o chefe congrega seus amigos em uma grande assembleia; ata uma corda a um dos braços do prisioneiro, segurando na outra ponta, a alguns passos de distância, com medo de ser ferido, e dá o outro braço a segurar, da mesma forma, ao melhor de seus amigos; então ambos o abatem a golpes de espada, perante toda a assembleia. Feito isto, assam-no e comem-no entre todos e enviam alguns pedaços aos amigos ausentes. Isto não é, como se poderia imaginar, para alimento [...] mas sim para levar a vingança ao último extremo.

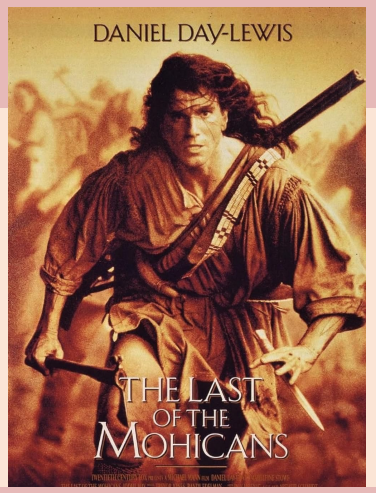
Não me pesa acentuar o horror bárbaro que tal ação significa, mas sim que tanto condenemos suas faltas e tão cegos sejamos para as nossas. Penso que há mais barbárie em comer um homem vivo que morto, dilacerar com tormentos e martírios um corpo ainda cheio de vitalidade, assá-lo lentamente e arrojá-lo aos cães e aos porcos, que o mordem e martirizam (como vimos recentemente, e não lemos, entre vizinhos e concidadãos, e não entre antigos inimigos, e, o que é pior, sob pretexto de piedade e de religião) que em o assar e comer depois de morto.



"Dos Canibais", Montaigne, 1580



Índio, Figura Alegórica do Império Brasileiro
Chaves Pinheiro
Terracota
1872



James Fenimore Cooper, 1826

Romantismo e o nobre selvagem

7. Música

Canções sobre Amor

PORT 2113 - Módulo 1

Tom Jobim: “Eu sei que vou te amar”

Chico Buarque: “O meu amor”

Caetano Veloso: “A tua presença morena”

Beto Guedes: “O medo de amar”

Legião Urbana: “Pais e filhos”

Criolo: “Não existe amor em SP”

Eu sei que vou te amar

Tom Jobim / Vinícius de Moraes, 1958



Eu sei que vou te amar.
Por toda a minha vida eu vou te amar.
Em cada despedida eu vou te amar.
Desesperadamente, eu sei que vou te amar.

E cada verso meu será
pra te dizer que eu sei que vou te amar
por toda minha vida.

Eu sei que vou chorar.
A cada ausência tua eu vou chorar,
mas cada volta tua há de apagar
o que essa ausência tua me causou.

Eu sei que vou sofrer
a eterna desventura de viver
a espera de viver ao lado teu
por toda a minha vida.

Soneto de Fidelidade

Vinícius de Moraes [declamado por Vinícius de Moraes]

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure

Primeira gravação com Maysa: https://www.youtube.com/watch?v=A0xx-cpFcuI
Com Maria Creuza e Toquinho [e Vinícius de Moraes]: https://www.youtube.com/watch?v=10bntxy4848
Com Roberto Carlos: https://www.youtube.com/watch?v=jpHGK2j3fB0

O meu amor

Chico Buarque, 1978

O meu amor tem um jeito manso que é só seu,
e que me deixa louca.
Quando me beija a boca
minha pele toda fica arrepiada.
E me beija com calma
e fundo até minh'alma se sentir beijada.

O meu amor tem um jeito manso que é só seu,
que rouba os meus sentidos,
viola os meus ouvidos
com tantos segredos lindos e indecentes,
depois brinca comigo,
ri do meu umbigo
e me crava os dentes.

Eu sou sua menina, viu?
Ele é o meu rapaz.
Meu corpo é testemunha
do bem que ele me faz.

Meu amor tem um jeito manso que é só seu
de me deixar maluca,
quando me roça a nuca
e quase me machuca
com a barba mal-feita
e de pousar as coxas
entre as minhas coxas
quando ele se deita.

O meu amor tem um jeito manso que é só seu
de me fazer rodeios,
de me beijar os seios,
me beijar o ventre,
me deixar em brasa.
Desfruta do meu corpo
como se o meu corpo
fosse a sua casa.

Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
do bem que ele me faz.



Capa do disco com a trilha sonora do musical de Chico Buarque, livremente baseado na Threepenny Opera de Bertold Brecht. "O meu amor" faz parte do musical. Cantado por duas mulheres que tem um relacionamento com o protagonista do musical.

Original do musical *Ópera do Malandro* com Marieta Severo e Elba Ramalho: https://www.youtube.com/watch?v=ivTQXt0_0Xw
Com Chico Buarque ao vivo: https://www.youtube.com/watch?time_continue=65&v=txLPlvkGiP4
Com Maria Bethânia e Alcione: https://www.youtube.com/watch?v=8LAoFCAS2sg

A tua presença morena

Caetano Veloso, 1971





A tua presença
entra pelos sete buracos da minha cabeça
A tua presença,
pelos olhos, boca, narinas e orelhas
A tua presença,
paralisa meu momento em que tudo começa
A tua presença,
desintegra e atualiza a minha presença
A tua presença,
envolve meu tronco, meus braços e minhas pernas
A tua presença
é branca verde, vermelha, azul e amarela
A tua presença
é negra, negra, negra,
negra, negra, negra,
negra, negra, negra.
A tua presença
transborda pelas portas e pelas janelas
A tua presença
silencia os automóveis e as motocicletas
A tua presença
se espalha no campo derrubando as cercas
A tua presença
é tudo que se come, tudo que se reza
A tua presença
coagula o jorro da noite sangrenta
A tua presença
é a coisa mais bonita em toda a natureza
A tua presença
mantém sempre teso o arco da promessa
A tua presença,
morena, morena, morena,
morena, morena, morena,
morena.

Original com Maria Bethânia: https://www.youtube.com/watch?v=ejgEssXDPwg
Com Caetano Veloso: https://www.youtube.com/watch?v=zXiiYfr01wQ
Caetano e filhos ao vivo: https://www.youtube.com/watch?v=h95GenPrdsI

O medo de amar é o medo de ser livre

Beto Guedes / Fernando Brant, 1978





O medo de amar é o medo de ser
livre para o que der e vier,
livre para sempre estar
onde o justo estiver.

O medo de amar é o medo de ter
de a todo momento escolher
com acerto e precisão
a melhor direção.

O sol levantou mais cedo e quis
em nossa casa fechada entrar
pra ficar!

O medo de amar é não arriscar,
esperando que façam por nós
o que é nosso dever:
recusar o poder.

O medo de amar é o medo de ter
de a todo momento escolher
com acerto e precisão
a melhor direção.

O sol levantou mais cedo e quis
em nossa casa fechada entrar
pra ficar!

[solo]

O medo de amar é não arriscar,
esperando que façam por nós
o que é nosso dever:
recusar o poder.

O sol levantou mais cedo e cegou
o medo nos olhos de quem foi ver
tanta luz!

Original com Beto Guedes: https://www.youtube.com/watch?v=POgMvToR4-s
Com Elis Regina: https://www.youtube.com/watch?v=vWtwcOitxhA
Com Milton Nascimento: https://www.youtube.com/watch?v=S68dmb4rH1M

Pais e Filhos

Renato Russo / Marcelo Bonfá / Dado Villa-Lobos, 1989



Estátuas e cofres e paredes pintadas,
Ninguém sabe o que aconteceu.
Ela se jogou da janela do quinto andar,
Nada é fácil de entender.

“Dorme agora,
é só o vento lá fora”.

“Quero colo”.
Vou fugir de casa”.
“Posso dormir aqui com vocês?”
“Estou com medo, tive um pesadelo”.
“Só vou voltar depois das três”.

“Meu filho vai ter nome de santo.
Quero o nome mais bonito”.

É preciso amar as pessoas
como se não houvesse amanhã
porque se você parar pra pensar
na verdade não há.

“Me diz por que que o céu é azul?”
“Me explica a grande fúria do mundo”.

“São meus filhos que tomam conta de mim”.
“Eu moro com a minha mãe, mas meu pai vem me visitar”.
“Eu moro na rua, não tenho ninguém”.
“Eu moro em qualquer lugar”.
“Já morei em tanta casa que nem me lembro mais”.
“Eu moro com os meus pais”.

É preciso amar as pessoas
como se não houvesse amanhã
porque se você parar pra pensar
na verdade não há.

Sou uma gota d'água!
Sou um grão de areia!
Você me diz que seus pais não o entendem,
Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo.
Isso é absurdo:
São crianças como você:
O que você vai ser
Quando você crescer.

Original: https://www.youtube.com/watch?v=sfixHYBWaiU
Ao vivo: https://www.youtube.com/watch?v=KjQ2k1hU5aQ
Versão pagode com Bom Gosto ao vivo: https://www.youtube.com/watch?v=P4y7HdvRTsI
Versão afoxé com Sambô: https://www.youtube.com/watch?v=WcixpHg6LeI

Não existe amor em SP

Criolo, 2011



Não existe amor em SP.
Um labirinto místico
onde os grafites gritam.
Não dá pra descrever.

Numa linda frase
de um postal tão doce.
Cuidado com o doce.
São Paulo é um buquê.

Buquês são flores mortas
num lindo arranjo,
arranjo lindo feito pra você.
Não existe amor em SP.

Os bares estão cheios
de almas tão vazias.
A ganância vibra,
a vaidade excita.

Devolva minha vida
e morra afogada em seu próprio mar de fel.
Aqui ninguém vai pro céu.

Não precisa morrer pra ver Deus.
Não precisa sofrer pra saber
o que é melhor pra você.
Encontro duas nuvens
em cada escombro, em cada esquina.
Me dê um gole de vida.

Não precisa morrer pra ver Deus.

Original com Criolo: https://www.youtube.com/watch?v=0PfevkndCPU
Criolo, Amaro Freitas e Milton Nascimento: https://www.youtube.com/watch?v=vwjVbpKlTUc
Renato Enoch [incluindo "Esquiva da Esgrima" de Criolo]: https://www.youtube.com/watch?v=r7fYQDZNmU8

Tarefa:

1. Ouça todas as versões de cada uma das canções e escolha a sua versão preferida para cada uma delas.

2. Entre todas as canções, escolha a sua favorita e explique porque ela é a que você mais gostou [250 palavras].

3. Traduza para o inglês a sua canção favorita.

8. Entrevista

Conversa com Ailton Krenak

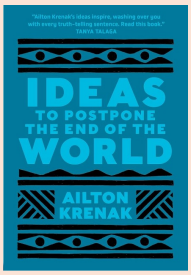
PORT 2113 – Módulo 1

Conversa com Ailton Krenak

No Dia dos Povos Indígenas (19 de abril), convidamos Ailton Krenak para uma conversa sobre sua trajetória como escritor, sobre os sonhos da juventude e os desafios enfrentados pelos povos indígenas.

O nascimento do escritor Ailton Krenak

Ailton diz que, a princípio, nunca tinha pensado em publicar um livro. Essa foi uma ideia que nasceu há mais de 25 anos, quando ele começou a organizar um festival anual de dança e cultura indígena com a participação de 4 fotógrafos que acompanharam o evento durante 6 anos. A beleza das fotos capturadas chamou a atenção de Ailton. As imagens eram de terreiros em que aconteciam rituais indígenas e ele decidiu por organizar o livro com as fotos e explicações do que estava registrado. O nome da obra é *O lugar onde a Terra descansa*. Sobre o livro, Ailton Krenak afirmou:



"Eu acabei abordando o tema da Ecologia em uma perspectiva que eu nunca tinha imaginado. Eu estava falando da importância destes rituais como uma forma de transmitir o conhecimento sobre a natureza. E isso é o que chama de ecologia nas matérias que vai para escola."

O escritor revela que nesta época, não imaginava a proporção que seu trabalho ganharia, inclusive com a publicação de outra obra sua pela Companhia das Letras, o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*. Sobre isso, o autor disse:

"A minha surpresa foi quando eu soube que esse livro estava sendo publicado na Grécia...na Coreia, na Turquia, no Japão. Aliás, no Japão eles mantiveram o mesmo título, só não sei como que pronuncia"

Como sonhar?

Ailton Krenak conta que há povos indígenas que transmitem conhecimentos relacionados a sonhos de forma ancestral. Krenak cita os povos Xavantes que tem uma espécie de escola em que os mais velhos ensinam crianças entre 9 e 11 a sonhar. Elas são recolhidas para os afastar das influências externas, recebem uma dieta específica, praticam exercícios e meditação. A partir daí eles recebem um treinamento para se ensinar a sonhar. Krenak afirmou:

"Do mesmo jeito que você treina um jogador de futebol, você treina alguém para sonhar. Estou fazendo uma comparação exagerada, mas da mesma maneira que você ensina alguém a meditar, você ensina a sonhar."

Krenak faz uma ressalva: esse exercício do sonho ritualístico acaba por ser impossível a jovens inseridos em meios urbanos e sem convívio familiar. Dentro deste aspecto, Ailton fala sobre o excesso de diagnósticos médicos que se aplicam a crianças e adolescentes e o stress ao qual elas são submetidas, aumentando a sensação de ansiedade diante da incerteza do futuro. Ailton Krenak declarou:

"Seria maravilhoso se a gente conseguisse aprender com essas culturas antigas, no caso os povos indígenas, algumas práticas que na educação da criança e do adolescente a gente ajudasse a diminuir a aflição desses meninos que tem que viver fora do convívio com o coletivo acolhedor, um coletivo que escuta ele. A maioria dos meninos ficam tímidos porque quando vão contar uma história, ninguém escuta eles. Até na mesa do café, os meninos começam a falar, os adultos despistam, saem e vão embora para o quintal"

Ailton Krenak conta que sonhar não só o ajudou a se tornar escritor e conquistar espaços, como o ajuda a se guiar na vida de uma forma geral. Ailton diz que é preciso aprender com as culturas a indígenas para se fornecer mais apoio às crianças e adolescentes, para que eles mesmos consigam sonhar. A tradição e a cultura como elementos de um grupo social são alicerces essenciais para que os jovens compreendam de onde vieram e se sintam seguros para enfrentar para onde vão. Se deparar com o futuro desconectado do passado é como ser jogado no mundo.

Desafios dos povos indígenas

O desafio dos povos indígenas, em muitos casos, é o desafio da sobrevivência. Ailton Krenak comenta de comunidades indígenas que enfrentam expulsões da sua terra:

"Imagina que no Mato Grosso do Sul os Kaiowá Guarani sofrem ataques frequentes nos assentamentos que, geralmente, são muitos precários. São cabanas cobertas com lona, ou construções simples que os Guaranis fazem com vara e cobertura de palha. Eles sofrem ataques por carros forte, daqueles que carregam dinheiro, patrocinados por prefeituras. Recentemente, perto de Dourados, houve um ataque contra a aldeia Guarani que deixou várias pessoas feridas com bala de borracha, gás lacrimogênio e tiro mesmo, no meio daquelas ações acaba indo gente com bala de verdade e atirando a pretexto de alegar que estão se defendendo. Na verdade; não, estão alvejando os Guarani-Kaiowá e matando. O número de pessoas indígenas sofrendo estes ataques é crescente, porque não demarcam as terras indígenas, o estado brasileiro vai protelando uma decisão sobre limites de terra".

Krenak ressalta que limites de terra mal definidos geram conflitos em qualquer contexto, não é uma exclusividade da situação dos povos indígenas. Para além da demarcação de terras, há o envenenamento da terra e de rios, responsável por contaminar bebês recém-nascidos com mercúrio dos garimpos e destruir o ambiente de forma generalizada.

"O ideal do povo indígena, que é viver na natureza, está cada vez mais ameaçado. Por isso, te digo que o maior desafio de muitos povos indígenas no nosso país é ficar vivo".

Ailton faz um alerta sobre uma estrada que está sendo construída no Pará que pode cortar um território indígena que até esta década proporcionava uma vida saudável para o povo dentro da floresta. Se a estrada passar lá, aumentará o risco de contágio e de invasão de território. Ailton Krenak afirmou:

"O Estado brasileiro precisa tomar uma decisão sobre o reconhecimento e a proteção dos territórios indígenas. Demarcar só, não é suficiente, tem que assegurar que seja respeitado".

Apresentar ideias indígenas ao mundo

O autor conta que está prestes a viajar para a França para lançar duas obras, *O futuro ancestral* e outro que é uma obra inédita que junta texto de vários períodos. Ele diz que é preciso aprender com as visões de mundo indígenas e considerá-las como uma alternativa a essa perspectiva extrativista, compreender a terra como um organismo vivo que tem seus direitos e não uma plataforma física que existe para ser explorada. Krenak faz uma comparação:

"A Terra é uma só. A gente não tem dois organismos, dois planetas, para ser exaurido e depois a gente consumir o segundo. Eu costumo dizer que o comportamento naturalizado é como se a Terra fosse um panetone. No final do ano, todo mundo se reúne e come o panetone, no ano que vem tem outro, quer dizer, não para de ter panetone. Acontece que a Terra é uma só."

Conselho para crianças e adolescentes

Krenak afirma que o fim da infância e o começo da adolescência é quando passamos os maiores apertos. Pois, somos pouco escutados, pouco percebidos e talvez por isso, o argumento das redes sociais ganhe tanta força e tenha se tornado uma crise. Ailton diz que por falta de cuidados dos adultos e de diálogo, os jovens têm buscado interação no mundo virtual. Ele afirmou:

"O que eu observo com carinho é que essa juventude, apesar de serem privados de tanta coisa, ele também tem hoje a possibilidade de fazer escolha que sua geração não teve, Tiago. Então assim, eles estão sendo cooptados por essas tecnologias todas e esse apelo do mundo da mercadoria do consumo, mas eles têm a oportunidade fazer escolhas"

Por fim, Ailton faz uma provocação ao mundo adulto e deixa o conselho para as próximas gerações:

"O que esta geração embalando para entregar para a geração futura? Nós estamos embalando um mundo que não é animador. Mas temos que acreditar que os próximos serão capazes de desembrulhar isso e buscar fazer com que a próxima geração não enfrente o mesmo que eles. Vamos torcer para essa meninada reinventar mundos, aprender a sonhar! O que eu diria para esses jovens, é: quando você tiver a possibilidade de dormir, dormir mesmo, não esqueça os seus sonhos."

Entrevista feita por Tiago Vechi para saite *Brasil Escola* em 19/04/2025 09h54, atualizado em 29/05/2025 13h52

SOURCE:https://brasilescola.uol.com.br/noticias/dia-dos-povos-indigenas-uma-conversa-com-ailton-krenak/3132259.html



Tarefa:

Traduza duas respostas dadas por Aílton Krenak na entrevista.

9. Gramática
Revisão de Tempos Verbais

PORT 2113

Módulo 1

Verbos irregulares frequentes:

1. Ir
2. Ser
3. Estar [passado: estive/esteve]
4. Ter
5. Poder
6. Dar
7. Querer
8. Fazer
9. Ler
10. Dizer
11. Saber
12. Por
13. Vir
14. Ver
15. Preferir [prefiro]
16. Divertir [divirto]
17. Vestir [visto]

Contraste 1 - Presente

Indicativo	Contínuo
Todo dia eu bebo café.	Eu não estou bebendo café agora.
Segunda-feira eu estudo química.	Não estamos estudando agora.
No verão trabalho com meu pai.	No momento não estou trabalhando.
Eu nunca como carne vermelha.	Não estou comendo carne atualmente.
Vou à academia duas vezes por semana.	Estou indo à academia de vez em quando.
Às vezes dormimos na casa do João.	Ele está dormindo agora.
Sempre compro comida no Sprout's.	Estou tomando o café da manhã.

Contraste 2 - Passado

Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu não bebi café antes de sair de casa.	Eu não bebia café no segundo grau.
Segunda-feira passada estudei química.	Não estudava muito quando era criança.
No verão trabalhei com meu pai.	Quando era adolescente não trabalhava.
Eu nunca comi num rodízio de sushi.	Minha irmã não comia carne vermelha.
Fui à academia ontem.	Ia à academia quando morava em Tulsa.
No ano novo dormi na casa do João.	Ele dormia no quarto com o irmão.
Comprei um carro novo mês passado.	Ela tinha cabelo comprido antes.

Contraste 3 - Futuro

Indicativo	Contínuo
Daqui a pouco vou tomar um cafezinho.	Beberei um cafezinho às oito.
Segunda-feira vou estudar química.	Estudaremos segunda-feira.
No verão vou trabalhar aqui.	Amanhã trabalharei muito.
Não vou mais comer carne vermelha.	Não comerei mais carne vermelha.
Vou à academia hoje à noite.	Irei à academia hoje à noite.
Amanhã vamos dormir na casa do João.	Dormiremos cedo amanhã.
Vou comprar meus livros online.	Comprarei meus livros online.

Contraste 4 - Imperativo

Formal [você]	Informal [tu]
Beba todo o seu café.	Bebe teu café pra gente sair.
Estude química com afinco.	Estuda um pouco mais antes da prova, tá?
Não trabalhe sem uniforme.	Trabalha aí nessa mesa vazia.
Nunca coma carne vermelha.	Não come isso, cara! Está podre!
Vá ao médico o mais rápido possível.	Vai lá no supermercado pra mim?
Não durma sem apagar a luz.	Não dorme agora que é a melhor parte!
Compre sempre comida orgânica.	Compra um café pra mim, por favor?

Contraste 5 - Subjuntivo

Presente	Pretérito
Quero que você beba mais água.	Queria que você bebesse mais água.
Preciso que vocês estudem mais.	Precisava que vocês estudassem mais.
Necessito que você trabalhe aqui.	Necessitava que você trabalhasse mais.
Prefiro que ela nunca cozinhe aqui.	Preferia que ela nunca cozinhasse aqui.
Me pedem que eu faça exercícios.	Me pediram que eu fizesse exercícios.
Recomendo que você durma em casa.	Ele recomendou que eu dormisse em casa.
Proíbo que vocês fumem na sala.	Proibí que vocês fumassem na sala.

Verbos que pedem subjuntivo:

1. Querer
2. Precisar
3. Necessitar
4. Preferir
5. Desejar
6. Mandar
7. Pedir [peço]
8. Exigir [exijo]
9. Proibir
10. Permitir
11. Sugerir [sugiro]
12. Recomendar
13. Gostaria
14. Fazer com que [fiz]

Contraste 6 – Português e Inglês

Português	Inglês
Nunca comprei uma casa na minha vida.	I've never bought a house before.
Ele ainda não começou a revisão.	He has not started the review yet.
Já terminei a entrevista.	I've already finished the interview.
Estou pensando nisso desde ontem.	I've been thinking about it since yesterday.
Ela está trabalhando no bar desde janeiro.	She's been working at the bar since January.
Estou muito cansado ultimamente.	I've been so tired lately.

Índice

Exercícios para revisão de tempos verbais

PARTE 1 [páginas 1 e 2]

A. Presente do Indicativo [estudo] X Presente Contínuo [estou estudando]
B. Pretérito Perfeito [estudei] X Pretérito Imperfeito [estudava]
C. Futuro Analítico [vou estudar] X Futuro Sintético [estudarei]

PARTE 2 [páginas 3 e 4]

A. Presente do Subjuntivo [que você estude] X Pretérito do Subjuntivo [que você estudasse]
B. Português X Inglês [Present Perfect and Present Perfect Continuous]

PARTE 3 [página 5]

Revisão de tudo com verbos regulares

Parte 1

A. Escolha o tempo verbal correto entre presente simples e presente contínuo:

1. Eu nunca _____ televisão de manhã. [assistir]
2. Não _____ televisão agora porque meu aparelho quebrou. [assistir]
3. Quem normalmente _____ no escritório em Tulsa? [trabalhar]
4. _____ agora no artigo que você me pediu. [trabalhar]
5. Você _____ banho agora? [tomar]
6. Você canta quando _____ banho? [tomar]
7. Neste exato momento eles _____ da escola. [sair]
8. Eu sempre _____ no domingo à tarde. [sair]
9. _____ novas aulas este semestre. [oferecer]
10. A loja _____ descontos especiais para alunos da universidade. [oferecer]
11. Esse bar nunca _____ nas segundas-feiras. [abrir]
12. Estão _____ o embarque para o nosso voo agorinha! [abrir]
13. Eles sempre _____ a conta com cartão de crédito. [pagar]
14. _____ a conta neste momento! [pagar]
15. _____ muito pouco em Oklahoma em julho. [chover]
16. Olhe para o céu! Ainda não _____ , mas logo vai começar. [chover]
17. Às vezes ela _____ no sofá. [dormir]
18. Acho que ela _____ , mas vou conferir. [dormir]
19. A ligação está péssima. Não _____ nada! [entender]
20. Não _____ meu irmão. Ele parece um louco! [entender]

B. Escolha o tempo verbal correto entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito:

1. Quando eu era criança eu _____ futebol o dia inteiro. [jogar]
2. Eu nunca _____ cricket em toda a minha vida. [jogar]
3. Ela sempre _____ bacon até que o médico a proibiu ano passado. [comer]
4. Ontem de manhã _____ dois ovos e bacon. [comer]
5. Nunca _____ de ônibus nos Estados Unidos. [viajar]
6. Sempre que ele _____ , comprava presentes para os seus filhos. [viajar]
7. Já _____ as passagens. Estamos prontos para viajar. [comprar]
8. Minha mãe _____ comprar carne na feira da rua na sexta-feira. [costumar]
9. Quando eu _____ em casa, o gato tinha destruído o meu sofá. [chegar]
10. Ela _____ os pais nos fins de semana quando morava em Tulsa. [visitar]
11. _____ todos os e-mails hoje de manhã. [escrever]
12. Quando eu era mais novo, sempre _____ poemas. [escrever]
13. Fui ao cinema e _____ do filme. [gostar]
14. _____ muito de rock há uns anos atrás, mas agora prefiro jazz. [gostar]
15. Ele _____ bem cedo hoje. Acho que está muito cansado. [deitar-se]
16. Quando morava com meus pais, eu _____ mais cedo. [deitar-se]
17. Nós _____ às sete ontem à noite. [jantar]
18. Sempre _____ na cozinha na casa dos meus pais. [jantar]
19. Eles _____ no campus quando eram calouros. [morar]
20. Eu já _____ em OKC, mas não gostei muito. [morar]

C. Siga o exemplo [cuidado com os verbos irregulares!]:

- Eu nunca *vou entender* as pessoas que fumam.
Nunca *entenderei* as pessoas que fumam.

1. Eles vão completar os exames antes do dia 6 de outubro.

2. Nós vamos cozinhar o jantar domingo que vem.

3. Não vou ser o primeiro que usa esse tipo de programa.

4. Você vai trazer os livros na mala de mão?

5. Não vou fazer o dever de casa hoje à noite porque estou cansado.

6. Ela vai começar o novo curso no inverno do ano que vem.

7. Vocês não vão aprender tudo de uma vez só.

8. Eu não vou dormir cedo hoje.

Parte 2

A. Escolha a melhor opção:

1. Eu precisava que eles _____ mais atenção.
a) prestasse b) prestem c) prestassem

2. Eu quero que meu filho _____ espanhol.
a) estuda b) estude c) estudasse

3. Desejo que todas as crianças _____ uma família que cuide delas.
a) tenham b) tivessem c) tinham

4. Meu chefe pediu que eu _____ mais cedo.
a) venha b) viesse c) vinhasse

5. O diretor exige que todos os atores _____ as falas de cor.
a) saibam b) soubessem c) sabam

6. A escola proíbe que os alunos _____ na entrada.
a) fumassem b) fumem c) fumam

7. Ela não permitiu que seu filho _____ da banda de música.
a) participe b) participa c) participasse

8. O professor sugeriu que ela _____ um tutor.
a) procure b) procurasse c) procurava

9. Ela fez com que ele _____ do projeto.
a) desista b) desistisse c) desiste

10. Não me importo que meus alunos _____ na sala de aula.
a) comem b) comam c) comessem

11. Espero que ela _____ um novo amor.
a) encontra b) encontrasse c) encontre

12. Não concordava que os políticos _____ culpados por todos os nossos problemas.
a) são b) fossem c) sejam

13. Mandaram que eu _____ os documentos outra vez.
a) trouxesse b) trago c) traga

14. Nós exigimos que o governo _____ prioridade à educação.
a) dá b) desse c) dê

15. O Alzheimer faz com que ele se _____ de tomar o remédio.
a) esqueça b) esquecesse c) esquece

B. Siga o exemplo:

- Eu quero que ele vá embora hoje.
Eu queria que ele fosse embora ontem.

1. Minha irmã precisa que eu a leve para a escola de carro.

2. O segurança pede que todos tenham o passaporte e a passagem em mãos.

3. A torcida espera que o time ganhe a próxima partida.

4. Sugiro que você pare de reclamar e mude a sua vida.

5. Proíbo que meus filhos joguem videogame o dia inteiro.

C. Siga o exemplo:

- Eu precisava que ele comprasse as entradas para o cinema.
Eu preciso que ele compre as entradas para o cinema.

1. Ele queria que eu estudasse direito.

2. O diretor permitia que os alunos falassem ao telefone durante o recreio.

3. Eu esperava que ela continuasse a trabalhar aqui mais tempo.

4. Não precisava que ela viesse trabalhar hoje.

5. A médica exigiu que eles parassem de fumar dentro da clínica.

D. Escolha a melhor tradução:

1. I've been working a lot lately.
   a) Eu tenho estado trabalhando muito ultimamente.
   b) Estou trabalhando muito ultimamente.
   c) Trabalho muito tardiamente.
2. I've never been to California.
   a) Nunca fui à Califórnia.
   b) Eu nunca tenho sido para a Califórnia.
   c) Nunca tenho estado na Califórnia.
3. Have you finished it yet?
   a) Você já tem terminado isso?
   b) Já terminou isso?
   c) Tem você terminado isso já?
4. I've already bought the tickets to Miami.
   a) Eu já hei de comprar as passagens para Miami.
   b) Já comprei as passagens para Miami.
   c) Já tenho comprado as passagens para Miami.
5. I haven't graduated yet.
   a) Ainda não me formei.
   b) Ainda não tenho formado.
   c) Ainda não formo.

PORT 2113 – Módulo 1 – Exercícios de Revisão de Tempos Verbais 3

Parte 3

EU	AR	ER	IR
Agora…			
Todos os dias…			
Ontem…			
Quando Clinton era presidente…			
Amanhã…			
Ultimamente…			
Desde 2020…			
Talvez…			
Se eu pudesse eu			
Você queria que eu…			
Ontem se eu…			
Até 2022 eu nunca…			

VOCÊ	AR	ER	IR
Agora…			
Todos os dias…			
Ontem…			
Quando Clinton era presidente…			
Amanhã…			
Ultimamente…			
Desde 2020…			
Talvez…			
Se você pudesse você…			
Eu queria que você…			
Ontem se você…			
Até 2022 você nunca…			

NÓS	AR	ER	IR
Agora…			
Todos os dias…			
Ontem…			
Quando Clinton era presidente…			
Amanhã…			
Ultimamente…			
Desde 2020…			
Talvez…			
Se nós pudéssemos nós			
Você queria que nós…			
Ontem se nós…			
Até 2022 nós nunca…			

ELAS	AR	ER	IR
Agora…			
Todos os dias…			
Ontem…			
Quando Clinton era presidente…			
Amanhã…			
Ultimamente…			
Desde 2020…			
Talvez…			
Se eles pudessem elas…			
Você queria que elas…			
Ontem se elas…			
Até 2022 elas nunca…			

10. Poesia

Poemas sobre Amor

PORT 2113 - Módulo 1

Luís Vaz de Camões: “O amor é um fogo que arde”

Murilo Mendes: “Cantiga de Malazarte”

Hilda Hilst: “Pequenas árias. Para bandolim”

Ana Martins Marques: “Televisão”

Maria Rezende: “Meu norte”

Adriana Lisboa: “obrigada por perguntar”

Amor é um fogo que arde sem se ver

Luís Vaz de Camões



Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se e contente;
É um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Source: https://www.culturagenial.com/poema-amor-e-chama-que-arde-sem-se-ver-de-luis-vaz-de-camoes/

Cantiga de Malazarte

Murilo Mendes, *Poemas*, 1925-1929



Eu sou o olhar que penetra nas camadas do mundo,
ando debaixo da pele e sacudo os sonhos.
Não desprezo nada que tenha visto,
todas as coisas se gravam pra sempre na minha cachola.
Toco nas flores, nas almas, nos sons, nos movimentos,
destelho as casas penduradas na terra,
tiro os cheiros dos corpos das meninas sonhando.
Desloco as consciências,
a rua estala com os meus passos,
e ando nos quatro cantos da vida.
Consolo o herói vagabundo, glorifico o soldado vencido,
não posso amar ninguém porque sou o amor,
tenho me surpreendido a cumprimentar os gatos
e a pedir desculpas ao mendigo.
Sou o espírito que assiste à Criação
e que bole em todas as almas que encontra.
Múltiplo, desarticulado, longe como o diabo.
Nada me fixa nos caminhos do mundo.

Source: http://www.revista.agulha.nom.br/mu.html

Árias pequenas. Para bandolim

Hilda Hilst



Antes que o mundo acabe, Túlio,
Deita-te e prova
Esse milagre do gosto
Que se fez na minha boca
Enquanto o mundo grita
Belicoso. E ao meu lado
Te fazes árabe, me faço israelita
E nos cobrimos de beijos
E de flores
Antes que o mundo se acabe
Antes que acabe em nós
Nosso desejo.

Televisão

Ana Martins Marques



Às vezes
à noite
me sento
sozinha
passo horas vendo
as pequenas luzes
que se acendem
no prédio em frente
encenando
as estrelas

Penso então
em como cada pessoa
se consome
em seu pequeno
incêndio

Meu norte

Maria Rezende



O amor me deu um susto o
amor me deu um tapa um soco
doce
um sopro na asa
o amor me encheu de porrada

Me empurrou da bicicleta me
deu um caldo no mar
o amor me arranhou a cara me
acendeu
me engasgou
o amor me deixou em brasa

O amor
como um posseiro me
encheu de medo me fez
mais bela
me arfou o peito me
derreteu

Me deixou em carne viva me
pôs de cama
mudou meu rumo
me deu um norte
roubou meu chão

O amor me botou no colo
deu plural pros verbos
curou minha tosse
me encheu de sede
me tirou das ruas
o amor me deu a mão

obrigada por perguntar

Adriana Lisboa, 2021



a saudade
não é da ordem do tempo
mas sim do espaço
não se trata de querer
rever revisitar reencontrar
(reiteração de verbos
num infinitivo infinito)
mas de algo da equipe do corpo
seu acervo de cheiro e ruído
seu buquê de seiva e voz

a saudade é da ordem do espaço
vago
da ordem da fome que come
e não passa
de um frio por dentro do osso
ainda que a cara e a vida
pendurem na parede o certificado
honoris causa:
comigo tudo bem
obrigada por perguntar

Source: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/06/18/interna_pensar,1277913/leia-poemas-do-novo-livro-de-adriana-lisboa.shtml

11. Reportagem:

PAQUERA TERCEIRIZADA

Um sedutor virtual profissional

\

PIAUÍ - **EDIÇÃO 105** | JUNHO_2015

AMANDA LOURENÇO



Greg e Sandrine se conheceram pela internet, num site de relacionamentos. Greg, um sujeito sedutor, habilidoso com as palavras, mantinha Sandrine interessada. A troca de mensagens ficou cada vez mais frequente até que decidiram se encontrar. Um ano e meio depois, os dois planejam morar juntos. Uma história de amor típica do mundo contemporâneo. O que Sandrine nunca soube, porém, é que a pessoa com quem ela conversava pela internet não era Greg, mas Adrien Tumsonet, um *dating assistent* contratado pelo namorado.

Tumsonet, de 29 anos, morador de um bairro de classe média na periferia de Paris, está por trás de dezenas de encontros amorosos. Desde 2013 ele vende seus talentos de sedução na Net Dating Assistant, empresa que ajuda solteiros – homens, principalmente – no universo da paquera online. O princípio é simples: a pessoa não tem tempo, paciência ou confiança suficientes para investir em interações virtuais que podem não dar em nada? Tumsonet e os outros catorze assistentes disponíveis "otimizam" o tempo e a lábia do freguês. Com a terceirização da cantada online, o pretendente só precisa dar as caras quando o encontro for marcado.

"Não recomendamos em hipótese alguma que nossos clientes revelem aos novos parceiros que recorreram a nossos serviços", disse Tumsonet num café perto de sua casa. O *dating assistent* não é exatamente bonito – embora também não seja feio. Moreno, de olhos castanhos e estatura mediana, ele não chama atenção pelo físico, mas é bom de conversa e muito simpático. Não se sente culpado por fingir ser outra pessoa. "Somos aceleradores de oportunidades. Quando o cara aparece lá no encontro, é ele sozinho. Não tem nenhum ponto soprando frases no seu ouvido."

A maior parte dos clientes da Net Dating é composta por homens rejeitados nos sites de relacionamento. Sujeitos que passam meses inscritos sem conseguir nenhum encontro. Tumsonet garante contar com a solução para todos esses casos. "Eu faço algumas mudanças no perfil, aprimoro a forma de abordagem e tenho sucesso rapidinho", gabou-se. "Uma vez copidesquei um perfil ao meio-dia. Às três da tarde meu cliente estava conhecendo uma garota pessoalmente."

A mudança começa, obviamente, pela imagem: fotos de homens sem camisa ou ao lado de carros, nem pensar. “Selfie, então, deveria ser proibido por lei”, ensinou. Se o sujeito estiver com um ar muito nerd, o assistente manda deixar a barba crescer por cinco dias e providenciar uma jaqueta de couro: “É tiro e queda.” O perfil em si não deve entrar em detalhes, tampouco cair em autodefinições: “Em vez de dizer ‘Sou engraçado’, vai lá e conta uma história divertida.”

Uma outra dica, muito importante, segundo Tumsonet: “Flerte não é entrevista de emprego.” Se o perfil agradou e a garota veio conversar, nada de bombardeá-la com perguntas. Para manter teso o arco da promessa, o segredo é sugerir assuntos e deixá-la falar. Um dos erros mais comuns da paquera virtual, disse o profissional, é que os homens costumam botar as mulheres em pedestais. Nada disso: elas precisam se sentir um pouco inseguras. Deve ficar claro que a seleção vale para os dois lados – de vez em quando cai bem alfinetar a moça com comentários levemente críticos.

A teoria do charme de Tumsonet é baseada no clichê segundo o qual as mulheres procuram homens protetores e autoconfiantes, enquanto os homens procuram mulheres… bonitas. É por isso que as técnicas se aplicam apenas a eles, já que elas não precisam fazer nada além de aparecer bem na foto. E as mulheres feias? “Estão ferradas”, ele disse, rindo. “Estou exagerando, mas é quase isso mesmo. O mundo é injusto.”

A sedução online é um aspecto, apenas, de um interesse mais amplo de Adrien Tumsonet: a sedução em geral. O rapaz passou a estudar as estratégias de conquista desde que sofreu uma forte desilusão amorosa, há alguns anos. Ele tinha planos de casar e ter filhos com a amada, e tudo caminhava para esse fim. Até que um dia ela anunciou que estava apaixonada por um colega de trabalho e foi embora, sem mais.

“Eu achava que ela era a mulher da minha vida… Foi um período sombrio”, contou. Pouco depois de ser abandonado, ele começou a pesquisar sobre comportamento social na internet e descobriu as artimanhas da conquista: “Aos poucos fui percebendo que eu também havia contribuído para a partida dela.”

Hoje, Tumsonet garante ter dado a volta por cima. Além dos benefícios pessoais, sua dedicação à paquera passou a servir como ganha-pão. Agora está pronto para consolidar sua reviravolta profissional. Quer deixar de lado sua formação – bem pouco sedutora – como engenheiro e empregar no comércio seus talentos de bom comunicador, paralelamente à atividade de *coach* de paquera.

O rapaz se diz feliz em poder ajudar seus clientes – mesmo que por métodos que variam dos relativamente controversos aos francamente machistas. Quando nos encontramos no café, na periferia de Paris, ele me disse: “Sabe aquela frase ‘As mulheres se apaixonam por aquilo que ouvem, os homens por aquilo que veem’? Por isso as mulheres usam maquiagem e os homens mentem? Acho que isso resume tudo.” Argumentei que, se é assim, talvez fosse útil as mulheres também aprenderem essas técnicas, para se defender. Olhando nos meus olhos, Tumsonet lançou mão de uma de suas estratégias de sedução: “Se defender de quê? Isso não é uma guerra.”

SOURCE: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/paquera-terceirizada/

Exercícios

1. Perguntas:

- Onde os jovens podem se conhecer?
- Você usaria um site de relacionamentos? Por quê?
- Você prefere interações virtuais ou cara a cara?
- Você acha que a sua geração tem formas diferentes de flerte e abordagem?
- Na sua opinião quem é uma pessoa com muito charme?
- Na sua opinião quem é uma pessoa boa de conversa?
- Você é apaixonada/o por alguma coisa ou pessoa?
- Você tem medo de rejeição?
- Você já sofreu uma desilusão amorosa?
- Estar casado é diferente de morar junto? Por quê?

2. Preencha as lacunas com uma das opções abaixo:

boa – marcou – deu as caras – vai dar em nada – trocamos mensagens – nos conhecemos – charmoso

Nós _____na festa na casa do Roberto semana passada. Achei a conversa dele _____ e ele é bem _____. _____ pelo Instagram e ele ____ um encontro comigo, mas não _____. Francamente, acho que esse relacionamento _____.

3. Escolha a melhor opção:

- Vendedores têm _____ para nos convencer a comprar coisas de que não precisamos.
  a) artimanhas b) paqueras
- Sei tocar violão, mas preciso _____.
  a) me aprimorar b) me gabar
- Ele estava desempregado e cheio de dívidas, mas conseguiu _____. Está bem agora.
  a) dar a volta por cima b) cair bem
- Quero estudar arte. Preciso _____ num curso noturno de desenho.
  a) me inscrever b) me aplicar
- Sou fã dele, mas essa nova dele música não _____.
  a) cai bem b) vale

4. Conecte as duas colunas:

a. "É tiro e queda." ___. How I make money.
b. "Estou ferrado" ___. A sure thing to work.
c. "Meu ganha-pão" ___. Be passive-agressive.
d. "Botar num pedestal" ___. I'm screwed.
e. "Alfinetar" ___. Idealize someone.

5. Do vocabulário de "Paquera Terceirizada" adicione 5 verbetes novos ao seu glossário sobre relacionamentos:

6. Traduza um parágrafo de "Paquera Terceirizada":

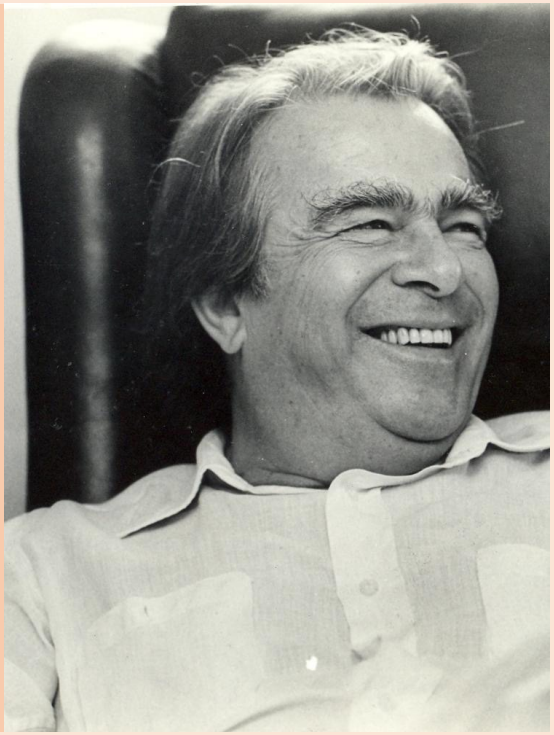
12. Ensaio:

O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro

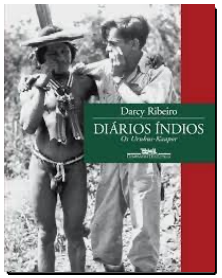
PORT 2113 – Módulo 1

Darcy Ribeiro (1922-1997)

- Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros, no norte de Minas Gerais, em 1922.
- Com 17 anos foi para Belo Horizonte para estudar medicina.
- Em 1946 transferiu-se para a Universidade de São Paulo e formou-se em Antropologia em 1946.
- Tornou-se funcionário do *Serviço de Proteção ao Índio* (SPI) em 1947.
- Entre 1949 e 1951, viveu com os índios Urubu-Kaapor na Amazônia;
- Em 1953 fundou o *Museu do Índio* e foi seu primeiro diretor.
- Entre 1957 e 1961, foi diretor de estudos sociais do *Ministério de Educação* e participou da criação da *Universidade de Brasília* (UnB).
- Em 1961 redigiu o projeto que criou o *Parque do Xingu*, com 2,7 milhões de hectares no sul da região amazônica. Lá vivem 16 etnias indígenas.
- Foi ministro e chefe da casa civil do governo João Goulart entre 1963 e 1964. Com o golpe militar de 1964 teve seus direitos políticos cassados e foi exilado.
- Durante o exílio, viveu no Uruguai, Chile, Venezuela e Peru e publicou vários livros de antropologia e quatro romances.
- Com a anistia, retornou ao Brasil em 1976 e fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT).
- Entre 1983 e 1987, foi vice-governador e secretário de educação do Rio de Janeiro, onde construiu 500 escolas públicas de tempo integral e um novo programa de ensino médio.
- Em 1990 foi eleito senador. Serviu o mandato até 1997, quando morreu aos 74 anos de câncer.



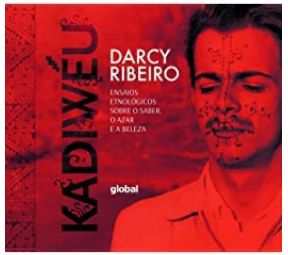
O Antropólogo

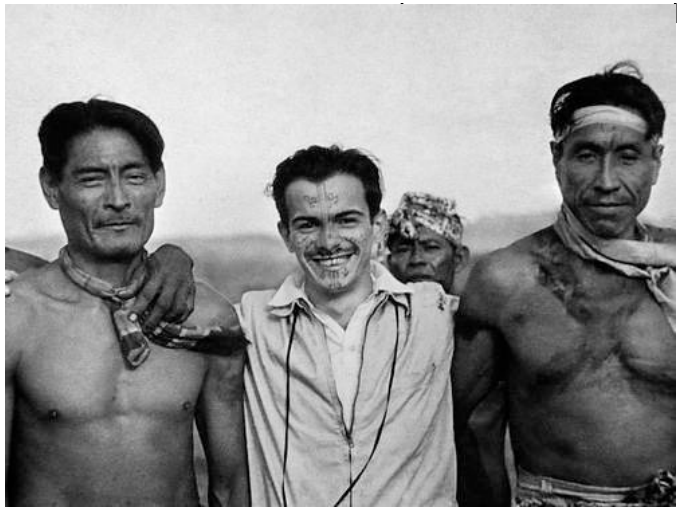




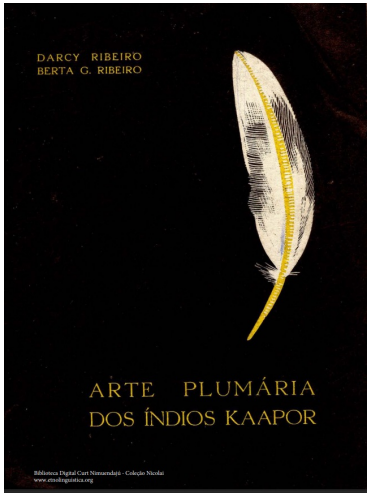
Amazônia, com um Urubu-Kaapor, 1949







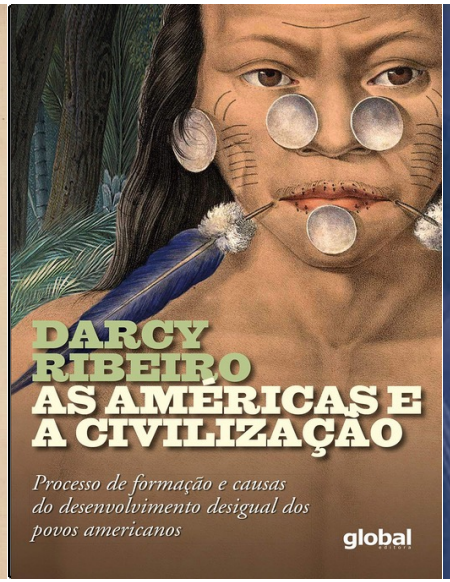
Mato Grosso do Sul, Índios Kadiweu, 1947



O Escritor

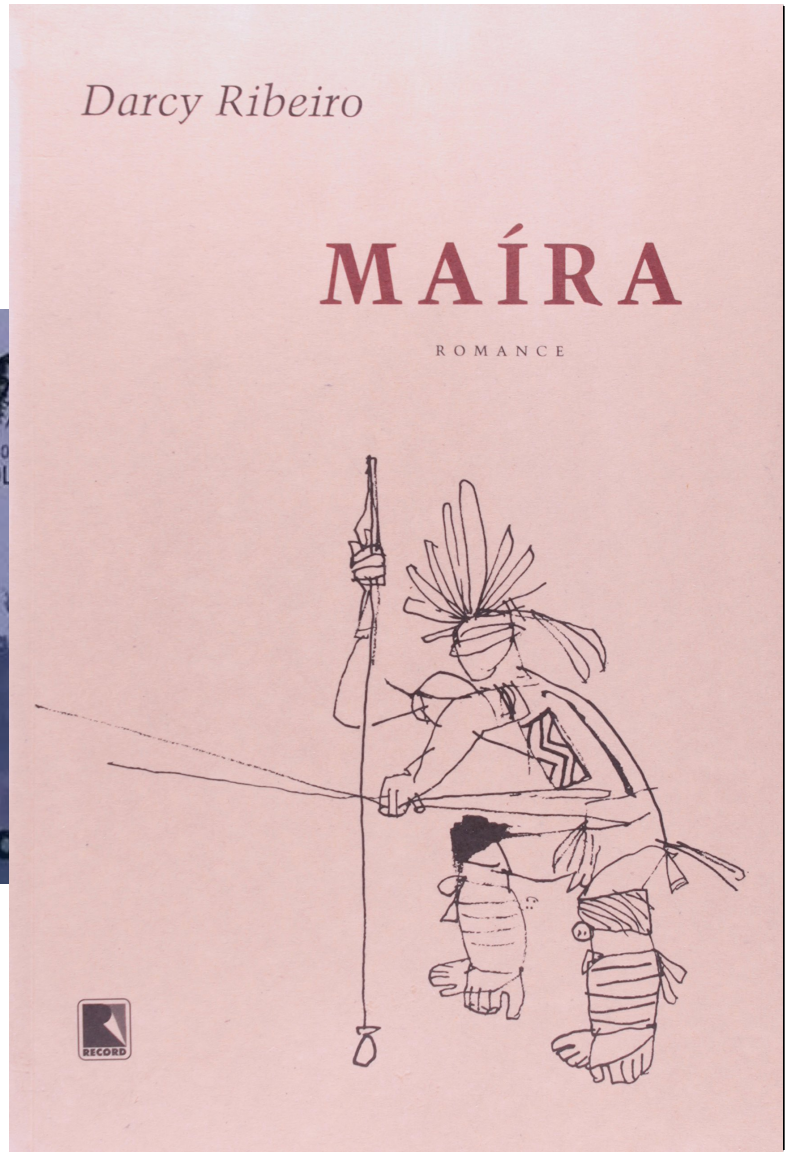


1972





1970



O Educador e o Político

Sobre 1964: "Aquela era minha hora de chumbo. Hora em que eu preferia estar morto a sofrê-la: a hora do derrotado."

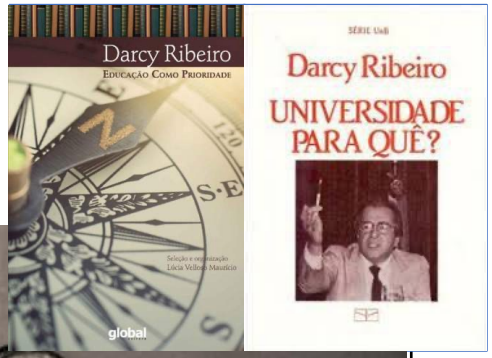
Zuenir Ventura, 60



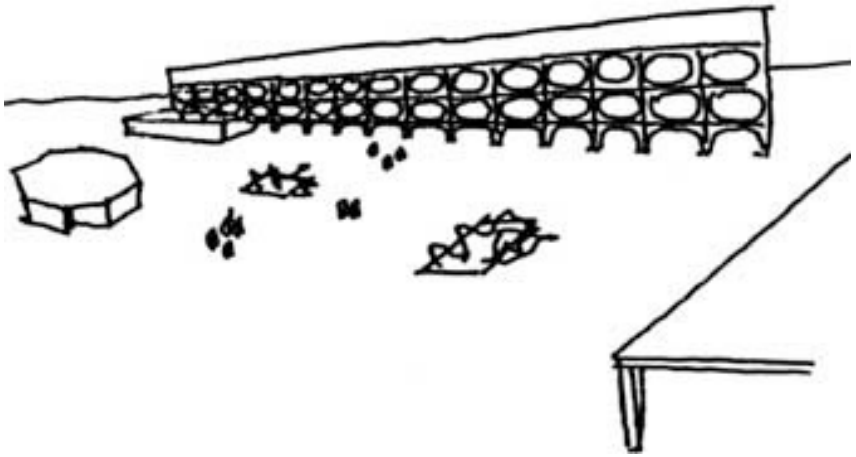
Darcy na fundação da UnB, 1961



Chefe da Casa Civil de João Goulart, 1964



Político e Educador



Nos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) o horário das aulas ia das 8 às 17 horas, oferecendo aulas regulares, atividades culturais, estudos dirigidos e educação física. Os CIEPs forneciam três refeições completas a seus alunos, além de atendimento médico e odontológico. Cada unidade tinha mil alunos. Nas férias havia atividades recreativas para que as crianças pudessem continuar a frequentar o CIEP e ter acesso às salas de leitura e às refeições.



Centro Integrados de Educação Pública, 1983



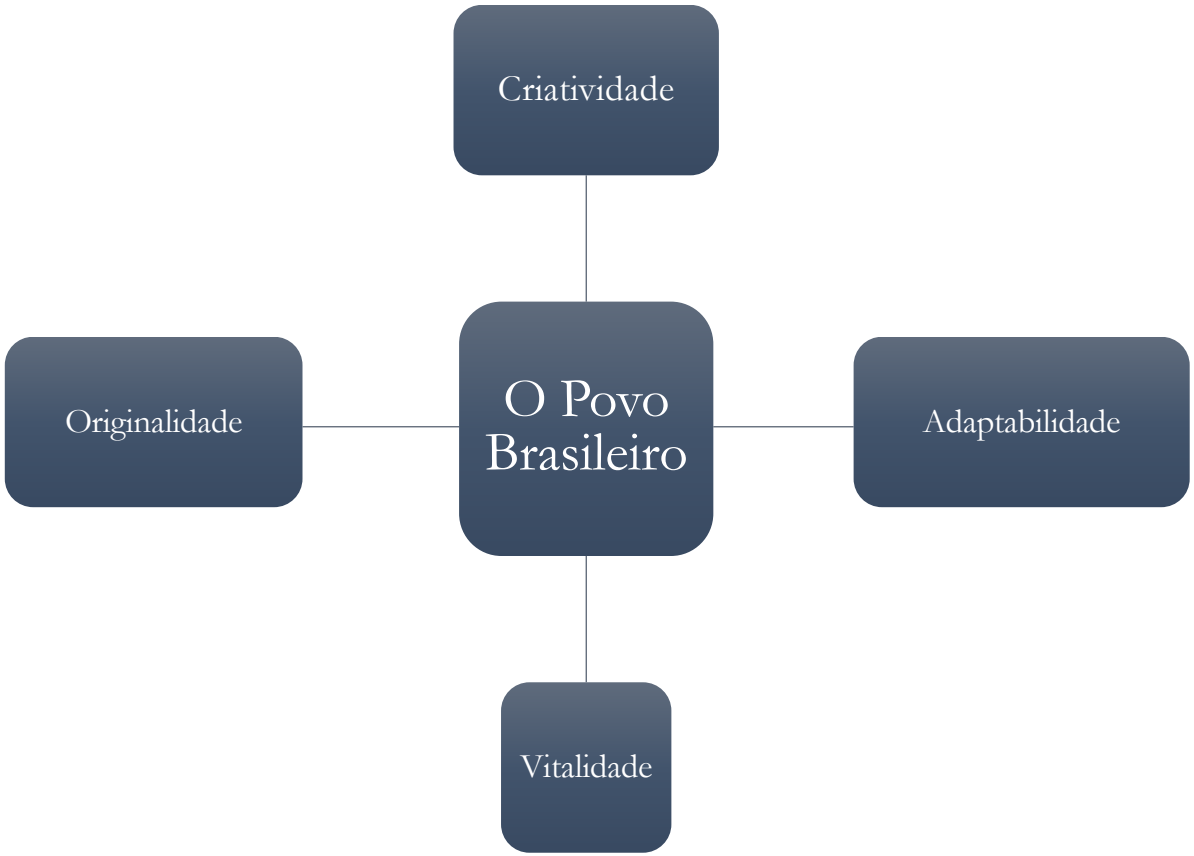
Com Brizola e Niemeyer

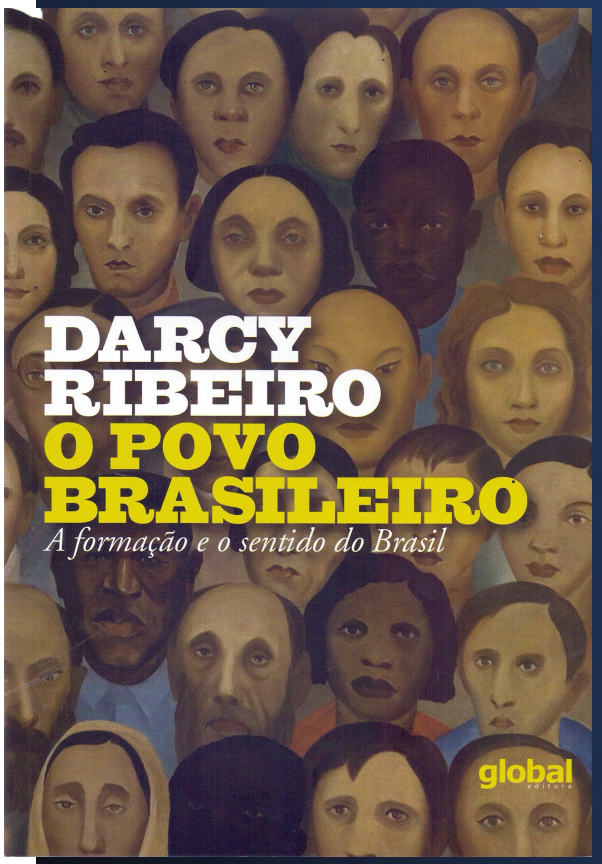
Darcy Ribeiro por ele mesmo:

"Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando, lutando, como um cruzado, pelas causas que comovem. Elas são muitas demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária. Na verdade somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isso não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas."



O Povo Brasileiro, 1995





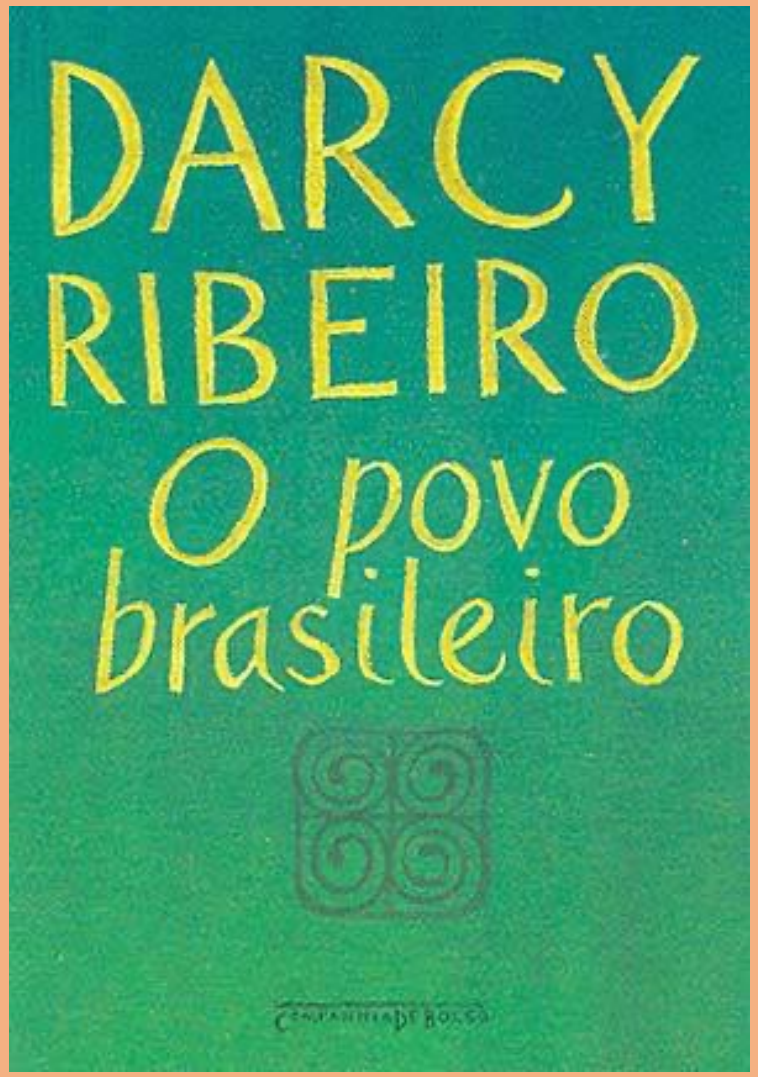
Povos nas Américas



Povos Novos
[Brasil, Cuba, Venezuela]

Povos Testemunhos
[Bolívia, México, Peru,]

Povos Transplantados
[Argentina, Canadá, Estados Unidos]



Alguns Conceitos do livro

- Brasil, Engenho de Gentes:
  - Ausência de um conceito de povo
  - Primazia do lucro sobre a necessidade
  - Prosperidade de poucos e penúria de muitos
    - Resultado: Uma sociedade ordenada contra o seu povo

- Brasileiro, transfiguração étnica:
  - Mestiçagem
  - Genocídio
  - Etnocídio
    - Resultado:
      - "ningunidade"
      - "mestiços em carne e espírito"
      - "abertos para o futuro"



Episódio 1



Episódio 2

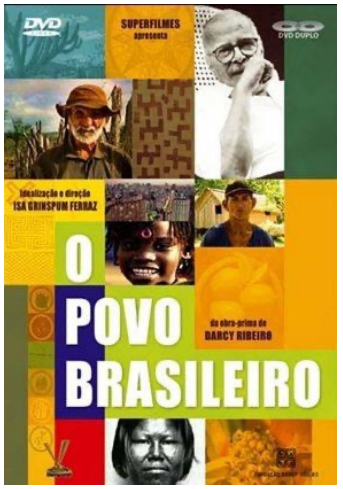


Episódio 3

Episódio 1: https://youtu.be/tmeeZD_4Fy4?si=93342lPU832U3CpW

Episódio 2: https://youtu.be/JDm9czE1ZiI?si=GFiTGU8M2ICe7fY8

Episódio 3: https://youtu.be/OBXDEXzGPes?si=_M0PNKyi8wvbNK9G



Tarefa:

Leia atentamente o Prefácio/Introdução do livro *O Povo Brasileiro* de Darcy Ribeiro e responda **DUAS** das seguintes perguntas com um texto de, no mínimo, 500 palavras.

1. Qual é a sua identidade? Você sente que tem mais de uma identidade? Quais são os aspectos predominantes (mais fortes) da sua identidade: idade, classe social, gênero, sexualidade, raça, região, país, religião, afinidades? O que você identificaria como elemento definidor dessa identidade?

2. Você concorda com as ideias de Darcy Ribeiro sobre as diferenças entre povo e etnia nos Estados Unidos e no Brasil?

3. É possível viver num país sem conflitos entre grupos raciais, culturais ou regionais? Como? É possível viver num país sem conflitos de classe? Como?

4. Os estadounidenses são um povo que "se sabe, se sente e se comporta como uma só gente"? Por quê?

5. É possível haver unidade sem uniformidade dentro de uma cultura? Qual é a relação ideal entre unidade e diversidade?

6. Qual a diferença entre genocídio e etnocídio? Podemos afirmar que aconteceram genocídios e etnocídios no Brasil? E nos Estados Unidos?

7. É possível aplicar o conceito de trauma a uma coletividade social [grupo étnico ou país]? Podemos dizer que existem grupos sociais traumatizados no Brasil e nos Estados Unidos?

8. Darcy Ribeiro aponta como principais problemas atuais do Brasil [e da América Latina como um todo] "um tipo renovado de escravismo" e "uma servidão continuada ao mercado mundial"? Explique os dois problemas com suas próprias palavras e com exemplos.

O POVO BRASILEIRO

A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL

Darcy Ribeiro



PREFÁCIO

Escrever este livro foi o desafio maior que me propus. Ainda é. Há mais de trinta anos eu o escrevo e reescrevo, incansável.

O pior é que me frustro quando não o faço, ocupando-me de outras empresas. Nunca pus tanto de mim, jamais me esforcei tanto como nesse empenho, sempre postergado, de concluí-lo. Hoje o retomo pela terceira vez, isto se só conto aquela primeira vez em que o escrevi e completei, e a segunda em que o reescrevi todo, inteiro, esquecendo as inumeráveis retomadas episódicas e inconseqüentes.

Ultimamente essa angústia se aguçou porque me vi na iminência de morrer sem concluí-lo. Fugi do hospital, aqui para Maricá, para viver e também para escrevê-lo. Se você, hoje, o tem em mãos para ler, em letras de fôrma, é porque afinal venci, fazendo-o existir. Tomara.

Acabo de ler, meio por cima, a última versão. Aquela que escrevi no Peru e que até foi traduzida em castelhano, mas que eu vetei. Era um bom livro, acho agora. Bem podia ter sido publicado tal qual era. Ou ainda é, uma vez que aí está tal e qual: desafiante. Mas eu não quis largá-lo. Pedia mais de mim, me prometia revê-lo, refazê-lo, até que alcançasse aquela forma que devia ter. Qual?

Creio que nenhum livro se completa. O autor sempre pode continuar, por um tempo indefinido, como eu continuei com esse, ao alcance da mão, sem retomá-lo. O que ocorre é que a gente se cansa do livro, apenas isto, e nesse momento o dá por concluído. Não tenho muita certeza, mas suspeito que comigo é assim.

Por que só agora o retomo, depois de tantos, tantíssimos anos, em que me ocupei das tarefas mais variadas, fugindo dele?

Não sei! Não foi para descansar, certamente. Foi para me dar a outras tarefas. Entre elas, a de me fazer literato e publicar quatro romances, retomando uma linha de interesses que só me havia tentado aos vinte anos. Nessa longa travessia, também politiquei muito, com êxito e sem êxito, aqui e no exílio, e me dei a fazimentos trabalhosos, diversos. Inclusive vivi, quase morri.

Nesses anos todos, o livro, este, ficou por aí, engavetado, amarelando, esperando até hoje. Agora, estou aqui na praia de Maricá, para onde trouxe as pastas com o papelório de suas várias versões.

A primeira tentativa de escrevê-lo, que nem chegou a compaginar-se, se deu em meados da década de 50, quando eu dirigia um amplo programa de pesquisas socio-antropológicas no órgão de pesquisas do Ministério da Educação, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Eu o concebia, então, como síntese daqueles estudos, com todas as ambições de ser um retrato de corpo inteiro do Brasil, em sua feição rural e urbana, e nas versões arcaica e moderna, naquela instância que, a meu ver, era de vésperas de uma revolução social transformadora.

Eu o abandonei, então - lá se vão trinta anos -, para ocupar-me de planejar e implantar a Universidade de Brasília.

Esta tarefa me levou a outras, tais como as de ministro da Educação, de chefe do Gabinete Civil do presidente João Goulart, com a missão de concatenar o Movimento Nacional pelas Reformas de Base.

Tudo isso resultou, sabe-se, no meu primeiro exílio, no Uruguai. Lá, a primeira versão deste livro, umas quatrocentas páginas densas, tomou forma, depois de dois anos de trabalho intenso. Não era já a síntese que me propusera. Era, isto sim, a versão resultante de minhas vivências nos trágicos acontecimentos do Brasil de que havia participado como protagonista. Esse era o nervo que pulsava debaixo do texto, a busca de uma resposta histórica, científica, na organização que nos fazíamos nós, os derrotados pelo golpe militar. Por que, mais uma vez, a classe dominante nos vencia?

Na verdade, para escrevê-lo, mal compulsei os livros resultantes daquelas pesquisas, que chegaram a ser publicados. Ele foi feito da leitura de quanto texto me caiu nas mãos sobre o Brasil e a América Latina. Muitíssimos, lembro-me bem, graças à magnífica Biblioteca Municipal de Montevidéu.

Uma vez completado o livro, a primeira leitura crítica que consegui fazer dele todo me assustou: não dizia nada, ou pouco dizia que não tivesse sido dito antes. O pior é que não respondia às questões que propunha, resumíveis na frase que, desde então, passei a repetir: por que o Brasil ainda não deu certo?

Meu sentimento era de que nos faltava uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundada em nossa experiência histórica. As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêntricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum.

Atrás de respostas a essas questões, mergulhei, nos anos seguintes, em estudo e assombros. O que devia ser uma introdução teórica, no meu plano de revisão do texto, foi virando livros. A necessidade de uma teoria do Brasil, que nos situasse na história humana, me levou à ousadia de propor toda uma teoria da história. As alternativas que se ofereciam eram impotentes.

Serviriam, talvez, como uma versão teórica do desempenho europeu, mas não explicavam a história dos povos orientais, nem o mundo árabe e muito menos a nós, latino-americanos. A melhor delas, representada pela nova versão compilada por Engels, nas Origens, e por Marx, nas Formações, opondo-se uma à outra, deixavam o tema em aberto.

O processo civilizatório é minha voz nesse debate. Ouvida, quero crer, porque foi traduzida para as línguas de nosso circuito ocidental, editada e reeditada muitas vezes e é objeto de debates internacionais nos Estados Unidos e na Alemanha. A ousadia de escrever um livro tão ambicioso me custou algum despeito dos enfermos de sentimentos de inferioridade, que não admitem a um intelectual brasileiro o direito de entrar nesses debates, tratando de matérias tão complexas. Sofreu restrições, também, dos comunistas, porque não era um livro marxista, e dos acadêmicos da direita, porque era um livro marxista. Isso não fez dano porque ele acabou sendo mais editado e mais lido do que qualquer outro livro recente sobre o mesmo tema.

Mas o Processo não bastava. A explicação que oferece para 10 mil anos de história é ampla demais. Suas respostas, necessariamente genéricas, apenas dão tênues delineamentos do nosso desempenho histórico. Era o que podia dar como alternativa aos textos clássicos, com que geralmente se trabalhava esse tema. Um esquema conceitual mais verossímil e mais explicativo do que os disponíveis, através da proposição de novas revoluções tecnológicas como motores da história, de novos processos civilizatórios e de novas formações socioculturais. Vista sob essa luz, a nossa realidade se retrata em seus traços mais gerais, resultando num discurso explicativo útil para fins teóricos e comparativos, mas insuficiente para dar conta da causalidade da nossa história.

Saí, então, em busca de explicações mais terra-a-terra, em mais anos de trabalho. O tema que me propunha agora era

reconstituir o processo de formação dos povos americanos, num esforço para explicar as causas do seu desenvolvimento desigual. Salto, assim, da escala de 10 mil anos de história geral para os quinhentos anos da história americana com um novo livro: As Américas e a civilização, em que proponho uma tipologia dos povos americanos, na forma de uma ampla explanação explicativa.

Esse meu livro anda aí, desde então, sendo traduzido, reeditado e discutido, mais por historiadores e filósofos do que por antropólogos. Esses meus colegas têm um irresistível pendor barbarológico e um apego a toda conduta desviante e bizarra. Dedicam seu parco talento a quanto tema bizarro lhes caia em mãos, negando-se sempre, aparvalhados, a usar suas forças para entender a nós mesmos, fazendo antropologias da civilização.

Ocorre, porém, uma vez mais, que, completada a tarefa, vejo os limites daquilo que alcancei em relação ao que buscava.

Meu livro ajuda, é certo, a nos fazer inteligíveis, mas é claramente insuficiente para nossas ambições. Mergulho outra vez buscando, numa escala nova, sincrônica, as teorias de que necessitávamos para nos compreender. Eram três as mais urgentemente requeridas para tomar o lugar dos esquemas menos eurocêntricos do que toscos com que se contava.

Uma teoria de base empírica das classes sociais, tais como elas se apresentam no nosso mundo brasileiro e latino-americano. Visivelmente, o esquema marxista aceito, sem demasiados reparos, no mundo europeu e no anglo-saxão de ultramar, feito de povos transplantados, empalidece frente à nossa realidade ibero-latina. Aqui, não havendo burguesias progressistas disputando com aristocracias feudais, nem proletariados ungidos por irresistíveis propensões revolucionárias, mas havendo lutas de classe, existiriam blocos antagonistas embuçados a identificar e caracterizar.

Nos faltava, por igual, uma tipologia das formas de exercício do poder e de militância política, seja conservadora, seja reordenadora ou insurgente. Toda politicologia copiosíssima de que se dispõe é feita de análises irrelevantes ou de especulações filosofantes que nos deixam mais perplexos do que explicados. Efetivamente, falar de liberais, conservadores, radicais, ou de democracia e liberalismo e até revolução social e política pode ter sentido de definição concreta em outros contextos; no nosso não significa nada, tal a ambigüidade com que essas expressões se aplicam aos agentes mais diferentes e às orientações mais desconexas.

Faltava ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio e o não-saber popular alcança, contrastantemente, atitudes críticas, mobilizando consciências para movimentos profundos de reordenação social. Como estabelecer a forma e o papel da nossa cultura erudita, feita de transplante, regida pelo modismo europeu, frente à criatividade popular, que mescla as tradições mais díspares para compreender essa nossa nova versão do mundo e de nós mesmos? Para dar conta dessa necessidade é que escrevi O Dilema da América Latina. Ali, proponho novos esquemas das classes sociais, dos desempenhos políticos, situando-os debaixo da pressão hegemônica norte-americana em que existimos, sem nos ser, para sermos o que lhes convém a eles.

Num exercício puramente didático, resumi os corpos teóricos desenvolvidos nesses três livros, para compor Os brasileiros: Teoria do Brasil. Ele só traz de novo a teoria da cultura a que aludi. Não a situei no Dilema, para não ter que tratar tema tão copioso dentro da dimensão latino-americana.

Os índios e a civilização compõe, com os quatro livros citados, meus Estudos de Antropologia da Civilização, ainda que resultasse de uma pesquisa realizada anteriormente. O certo, porém, é que seu corpo teórico é o mesmo, fundado no conceito de

transfiguração étnica. Vale dizer, o processo através do qual os povos surgem, se transformam ou morrem.

Ocupado nessas escrituras "preliminares", que resultaram em cinco volumes de quase 2 mil páginas, descuidei desse livro que agora retomo. Efetivamente, todos eles são fruto da busca de fundamentos teóricos que, tornando o Brasil explicável, me permitissem escrever o livro que tenho em mãos.

Foi o que tentei várias vezes no Peru, conforme dizia, chegando a redigi-lo inteiro, já com base nos meus estudos teóricos. Não me satisfazendo a forma que alcancei anos atrás, o pus de lado, cuidando que, com uns meses a mais, o retomaria.

Não foi assim. Desencadeou-se sobre mim o vendaval da vida. Um câncer me comia um pulmão inteiro e tive de retirá-lo. Para tanto, retornei ao Brasil, reativando as candentes luzes políticas que dormiam em mim nos anos de exílio. Tudo isso e, mais que tudo, uma compulsiva pulsão romanesca que me deu, irresistível, assim que me soube mortal e que, desde então, me escraviza, afastando-me da tarefa que me propunha.

Agora, uma nova pulsão, mortal, reaviva a necessidade de publicar este livro que, além de um texto antropológico explicativo, é, e quer ser, um gesto meu na nova luta por um Brasil decente.

Portanto, não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira a influir sobre as pessoas, que aspira a ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo.

INTRODUÇÃO

O Brasil e os brasileiros, sua gestação como povo, é o que trataremos de reconstituir e compreender nos capítulos seguintes. Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos.

Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo (Ribeiro 1970), num novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam. Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização sócio-econômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros.

Velho, porém, porque se viabiliza como um proletariado externo. Quer dizer, como um implante ultramarino da expansão européia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população que recruta no país ou importa.

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente.

A confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis. Ocorreu justamente o contrário, uma vez que, apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciaram em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais, vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação.

As únicas exceções são algumas microetnias tribais que sobreviveram como ilhas, cercadas pela população brasileira. Ou que, vivendo' para além das fronteiras da civilização, conservam sua identidade étnica. São tão pequenas, porém, que qualquer que seja seu destino, já não podem afetar à macroetnia em que estão contidas.

O que tenham os brasileiros de singular em relação aos portugueses decorre das qualidades diferenciadoras oriundas de suas matrizes indígenas e africanas; da proporção particular em que elas se congregaram no Brasil; das condições ambientais que enfrentaram aqui e, ainda, da natureza dos objetivos de produção que as engajou e reuniu.

Essa unidade étnica básica não significa, porém, nenhuma uniformidade, mesmo porque atuaram sobre ela três forças diversificadoras. A ecológica, fazendo surgir paisagens humanas distintas onde as condições de meio ambiente obrigaram a adaptações regionais. A econômica, criando formas diferenciadas de produção, que conduziram a especializações funcionais e aos seus correspondentes gêneros de vida. E, por último, a imigração, que introduziu, nesse magma, novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses. Mas já o encontrando formado e capaz de absorvê-los e abrasileirá-los, apenas estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentraram.

Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população.

A urbanização, apesar de criar muitos modos citadinos de ser, contribuiu para ainda mais uniformizar os brasileiros no plano cultural, sem, contudo, borrar suas diferenças. A industrialização, enquanto gênero de vida que cria suas próprias paisagens humanas, plasmou ilhas fabris em suas regiões. As novas formas de comunicação de massa estão funcionando ativamente como difusoras e uniformizadoras de novas formas e estilos culturais.

Conquanto diferenciados em suas matrizes raciais e culturais e em suas funções ecológico-regionais, bem como nos perfis de descendentes de velhos povoadores ou de imigrantes recentes, os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como

uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Vale dizer, uma entidade nacional distinta de quantas haja, que fala uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais, menos remarcados que os dialetos de Portugal. Participando de um corpo de tradições comuns mais significativo para todos que cada uma das variantes subculturais que diferenciaram os habitantes de uma região, os membros de uma classe ou descendentes de uma das matrizes formativas.

Mais que uma simples etnia, porém, o Brasil é uma etnia nacional, um povo-nação, assentado num território próprio e enquadrado dentro de um mesmo Estado para nele viver seu destino. Ao contrário da Espanha, na Europa, ou da Guatemala, na América, por exemplo, que são sociedades multiétnicas regidas por Estados unitários e, por isso mesmo, dilaceradas por conflitos interétnicos, os brasileiros se integram em uma única etnia nacional, constituindo assim um só povo incorporado em uma nação unificada, num Estado uni-étnico. A única exceção são as múltiplas microetnias tribais, tão imponderáveis que sua existência não afeta o destino nacional.

Aquela uniformidade cultural e esta unidade nacional - que são, sem dúvida, a grande resultante do processo de formação do povo brasileiro - não devem cegar-nos, entretanto, para disparidades, contradições e antagonismos que subsistem debaixo delas como fatores dinâmicos da maior importância. A unidade nacional, viabilizada pela integração econômica sucessiva dos diversos implantes coloniais, foi consolidada, de fato, depois da independência, como um objetivo expresso, alcançado através de lutas cruentas e da sabedoria política de muitas gerações. Esse é, sem dúvida, o único mérito indiscutível das velhas classes dirigentes brasileiras. Comparando o bloco unitário resultante da América portuguesa com o mosaico de quadros nacionais diversos a que deu lugar a América hispânica, pode se avaliar a extraordinária importância desse feito.

Essa unidade resultou de um processo continuado e violento de unificação política, logrado mediante um esforço deliberado de supressão de toda identidade étnica discrepante e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista. Inclusive de movimentos sociais que aspiravam fundamentalmente edificar uma sociedade mais aberta e solidária. A luta pela unificação potencializa e reforça, nessas condições, a repressão social e classista, castigando como separatistas movimentos que eram meramente republicanos ou antioligárquicos.

Subjacente à uniformidade cultural brasileira, esconde-se uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o próprio processo de formação nacional produziu. O antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui se exacerba, para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais.

O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável.

Nessas condições, exacerba-se o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas, e entre estas e as oprimidas, agravando as oposições para acumular, debaixo da uniformidade étnico-cultural e da unidade nacional, tensões dissociativas de caráter traumático. Em conseqüência, as elites dirigentes, primeiro lusitanas, depois luso-brasileiras e, afinal, brasileiras, viveram sempre e vivem ainda sob o pavor pânico do alçamento das classes oprimidas. Boa expressão desse pavor pânico é a brutalidade repressiva contra qualquer insurgência e a

predisposição autoritária do poder central, que não admite qualquer alteração da ordem vigente. A estratificação social separa e opõe, assim, os brasileiros ricos e remediados dos pobres, e todos eles dos miseráveis, mais do que corresponde habitualmente a esses antagonismos. Nesse plano, as relações de classes chegam a ser tão infranqueáveis que obliteram toda comunicação propriamente humana entre a massa do povo e a minoria privilegiada, que a vê e a ignora, a trata e a maltrata, a explora e a deplora, como se esta fosse uma conduta natural. A façanha que representou o processo de fusão racial e cultural é negada, desse modo, no nível aparentemente mais fluido das relações sociais, opondo à unidade de um denominador cultural comum, com que se identifica um povo de 160 milhões de habitantes, a dilaceração desse mesmo povo por uma estratificação classista de nítido colorido racial e do tipo mais cruamente desigualitário que se possa conceber.

O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, "democracia racial", raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais.

O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num modus vivendi que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos. Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social, que perpetua a alternidade. O povo-massa, sofrido e perplexo, vê a ordem social como um sistema sagrado que privilegia uma minoria contemplada por Deus, à qual tudo é consentido e concedido. Inclusive o dom de serem, às vezes, dadivosos, mas sempre frios e perversos e, invariavelmente, imprevisíveis.

Essa alternidade só se potencializou dinamicamente nas lutas seculares dos índios e dos negros contra a escravidão.

Depois, somente nas raras instâncias em que o povo-massa de uma região se organiza na luta por um projeto próprio e alternativo de estruturação social, como ocorreu com os Cabanos, em Canudos, no Contestado e entre os Mucker.

Nessas condições de distanciamento social, a amargura provocada pela exacerbação do preconceito classista e pela consciência emergente da injustiça bem pode eclodir, amanhã, em convulsões anárquicas que conflagrem toda a sociedade. Esse risco sempre presente é que explica a preocupação obsessiva que tiveram as classes dominantes pela manutenção da ordem. Sintoma peremptório de que elas sabem muito bem que isso pode suceder, caso se abram as válvulas de contenção. Daí suas "revoluções preventivas", conducentes a ditaduras vistas como um mal menor que qualquer remendo na ordem vigente.

É de assinalar que essa preocupação se assentava, primeiro, no medo da rebeldia dos escravos. Dada a coloração escura das camadas mais pobres, esse medo racial persiste, quando são os antagonismos sociais que ameaçam eclodir com violência assustadora. Efetivamente, poderá assumir a forma de convulsão social terrível, porque, com uma explosão emocional, acabaria provavelmente vencida e esmagada por forças repressoras, que restaurariam, sobre os escombros, a velha ordem desigualitária.

O grande desafio que o Brasil enfrenta é alcançar a necessária lucidez para concatenar essas energias e orientá-las politicamente, com clara consciência dos riscos de retrocessos e das possibilidades de liberação que elas ensejam. O povo brasileiro pagou, historicamente, um preço terrivelmente alto em lutas das mais cruentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair, através delas, da situação de dependência e opressão em que vive e peleja. Nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sempre vencidos e integrados nos plantéis de escravos. O povo inteiro, de vastas regiões, às centenas de milhares, foi também sangrado em contra-revoluções sem

conseguir jamais, senão episodicamente, conquistar o comando de seu destino para reorientar o curso da história. Ao contrário do que alega a historiografia oficial, nunca faltou aqui, até excedeu, o apelo à violência pela classe dominante como arma fundamental da construção da história. O que faltou, sempre, foi espaço para movimentos sociais capazes de promover sua reversão. Faltou sempre, e falta ainda, clamorosamente, uma clara compreensão da história vivida, como necessária nas circunstâncias em que ocorreu, e um claro projeto alternativo de ordenação social, lucidamente formulado, que seja apoiado e adotado como seu pelas grandes maiorias. Não é impensável que a reordenação social se faça sem convulsão social, por via de um reformismo democrático. Mas ela é muitíssimo improvável neste país em que uns poucos milhares de grandes proprietários podem açambarcar a maior parte de seu território, compelindo milhões de trabalhadores a se urbanizarem para viver a vida famélica das favelas, por força da manutenção de umas velhas leis. Cada vez que um político nacionalista ou populista se encaminha para a revisão da institucionalidade, as classes dominantes apelam para a repressão e a força.

Este livro é um esforço para contribuir ao atendimento desse reclamo de lucidez. Isso é o que tentei fazer a seguir. Primeiro, pela análise do processo de gestação étnica que deu nascimento aos núcleos originais que, multiplicados, vieram a formar o povo brasileiro. Depois, pelo estudo das linhas de diversificação que plasmaram os nossos modos regionais de ser. E, finalmente, por via da crítica do sistema institucional, notadamente a propriedade fundiária e o regime de trabalho - no âmbito do qual o povo brasileiro surgiu e cresceu, constrangido e deformado.

The Brazilian People

The Formation and Meaning of Brazil

by Darcy Ribeiro

Translated from the Portuguese by Gregory Rabassa

University Press of Florida
GAINESVILLE · TALLAHASSEE · TAMPA · BOCA RATON
PENSACOLA · ORLANDO · MIAMI · JACKSONVILLE · FT. MYERS

UNIVERSITY OF OKLAHOMA
LIBRARIES

English translation Copyright 2000 by the Board of Regents
of the State of Florida
Original Portuguese publication in 1995 as *O Povo Brasileiro*
Printed in the United States of America on acid-free paper
All rights reserved

05 04 03 02 01 00 6 5 4 3 2 1

Library of Congress Cataloging-in-Publication Data
Ribeiro, Darcy.
[Povo brasileiro. English]
The Brazilian people: the formation and meaning of Brazil / by Darcy Ribeiro; translated from the Portuguese by Gregory Rabassa.
p. cm.
Includes bibliographical references.
ISBN 0-8130-1777-7
1. Brazil—Civilization. 2. Ethnology—Brazil. 3. Brazil—Race relations. 4. Brazil—Social conditions. I. Rabassa, Gregory. II. Title.
F2510.R47713 2000
981—dc21 99-086541

The University Press of Florida is the scholarly publishing agency for the State University System of Florida, comprising Florida A&M University, Florida Atlantic University, Florida Gulf Coast University, Florida International University, Florida State University, University of Central Florida, University of Florida, University of North Florida, University of South Florida, and University of West Florida.

University Press of Florida
15 Northwest 15th Street
Gainesville, FL 32611
http://www.upf.com

Preface

Writing this book has been the greatest challenge I have ever proposed for myself. I have been writing and rewriting it for more than thirty years. The worst of it is that I feel frustrated when, occupied with other undertakings, I am not working on it. I have never put so much of myself into anything, never driven myself as I have to finish this always postponed task. Today I pick it up again for the third time; that is, if I count only that first time when I wrote and finished it and the second time when I rewrote it all completely, leaving out innumerable inconsequential revisions.

Of late the anguish has been sharpened because I have seen myself close to dying without having finished it. I fled the hospital to Maricá here in order to live and also to write it. If you are holding it in your hands to read today it is because I have finally won out and brought it into being. I hope so.

I have just read, half cursorily, the final version. The one I wrote in Peru, which was translated into Spanish but which I vetoed, was a good book, I now think. It could well have been published just the way it was. Or perhaps the way it was still represented a challenge. But I didn't want to release it. I was asking more of myself and promised myself that I would revise it, redo it, until it attained the form it should have. What form is that?

I don't think any book is ever finished. The author can always continue indefinitely the way I continued with this one without picking it up again. What happens is that a person gets tired of the book, that's all, and at that moment he considers it finished. I'm not sure, but I suspect that's how it's been with me.

Why have I picked it up again only now, after so many years in which I busied myself with the most varied tasks, avoiding it? I don't know! It certainly wasn't in order to rest. It was to undertake other tasks, among them that of becoming a literary man and publishing four novels, picking up once more a line of interest that I had attempted at the age of twenty.

During that long journey I also did a lot of politicking, successfully and unsuccessfully, here and in exile, and I became involved in arduous and diverse undertakings; I also almost died.

During all those years the book at hand was stuck away in a drawer, turning yellow, waiting for today. Here I am now on the beach at Maricá, where I've brought the folders containing all the reams of paper that make up its various versions.

The first attempt to write it, when it wasn't even beginning to take shape, was in the middle of the fifties, when I was directing a broad program of socio-anthropological studies in the research section of the Ministry of Education, the Brazilian Center for Educational Research (CBPE). I conceived of it then as a synthesis of those studies, with all the ambition of its being a picture of the whole body of Brazil, in its rural and urban makeup, and in its archaic and modern forms, at that moment which, to my mind, was the eve of a transforming social revolution.

And then I abandoned it—thirty odd years ago or more—to become involved in the planning and establishment of the University of Brasília. That task led me to others, such as Minister of Education and Chief of Staff of the Presidency for João Goulart, with the mission of linking up the elements of the National Movement for Basic Reform.

All of that resulted, as is well known, in my first exile in Uruguay. There the first version of this book, some four hundred dense pages, took shape after ten years of intense work. It was no longer the synthesis I had first proposed. It was in effect a version resulting from my experiences in the tragic events in Brazil in which I had played a role. The nerve throbbing beneath the text was the search for historical and scientific answers to the questions that those of us deposed by the military coup were asking ourselves. Why, once again, was the dominating class defeating us?

In truth, in order to write it I scarcely consulted the published works that came out of those investigations. Instead I read any and all texts on Brazil and Latin America that fell into my hands—ever so many, thanks to the magnificent Municipal Library of Montevideo.

Once the book was finished, my first critical reading of it startled me: it wasn't saying anything, or it was saying little that hadn't already been said. The worst of it was that it was not answering the questions I was posing, summed up in the sentence that from then on I kept repeating: why hadn't Brazil turned out right yet?

My feeling was that we lacked a general theory, the terms of which would render us explicable, based on our historical experience. The theo-

rizing originating in other contexts was all too Eurocentric and for that reason impotent in rendering us intelligible. Since our past had not belonged to someone else, our past was not necessarily their present nor our future a future in common.

In search of answers to those questions in the years that followed, I plunged into study and came upon surprises. What was to have been a theoretical introduction in my plans for revision of the text was becoming entire books. The need for a theory of Brazil that would locate us in human history led me to the audacity of proposing a whole theory of history. The alternatives offering themselves were imposing. They would serve perhaps as a theoretical version of the European performance, but they didn't explain the history of oriental peoples or the Arab world, much less of Latin Americans. The best of them, represented in the new version put together by Engels in his *Origins* and by Marx in his *Formations,* in opposition to each other, left the theme open.

The Civilizing Process is my voice in this debate. It was heard, I like to believe, because it has been translated into the languages of our western circuit, has been published and republished many times, and has been the subject of international debates in the United States and Germany. The audacity of writing such an ambitious book provoked a certain disdain from those who suffer a sense of inferiority and will not give a Brazilian intellectual the right to enter debates dealing with such complex matters. It has suffered restrictions too, from Communists because it wasn't a Marxist text and from academics on the right because it was. That did it no harm; it has ended up being published and read more than any other recent book on the same theme.

But the *Process* wasn't enough. The explanation it offers for ten thousand years of history is too broad. Its answers, necessarily generic, give only vague outlines of our historical development. It was what could be done as an alternative to the classic texts generally dealing with that theme—a conceptual scheme closer to reality and more explanatory than those available, with the proposition that new technological revolutions, new civilizing processes, and new sociocultural formations are the driving forces of history. Seen in that light, our reality is portrayed in its most general features, resulting in an explanatory discourse useful for theoretical and comparative ends but insufficient to address the causality of our history.

I went off, then, in search of more down-to-earth explanations with more years of work. The theme I was now proposing was to reconstitute

the process of formation of the American peoples in an effort to explain the causes of their unequal development. Thus I leaped from the scale of ten thousand years of general history to that of the five hundred years of history of the Americas, with a new book, *The Americas and Civilization,* in which I propose a typology of the American peoples in the form of a broad, discursive explanation.

This book has been making the rounds since then, translated, republished, and discussed, more by historians and philosophers than by anthropologists. These last colleagues of mine have an irresistible barbarian bent and a fondness for all deviant and bizarre behavior. They dedicate their meager talents to all wild themes that fall into their hands, making of civilization a series of anthropologies and refusing idiotically to use their efforts for an understanding of ourselves.

What has occurred yet again, however, is that with the task finished, I see the limits of what I have obtained in relation to what I was seeking. My book is a help, certainly, in making us intelligible, but it is clearly insufficient. Hence I delve once more, searching on a new, synchronic scale for the theories that we need if we are to understand ourselves. Three were urgently required to replace the schemes—less Eurocentric than crude—that had been relied upon.

First, we need a theory of the empirical base of social classes as they appear in our Brazilian and Latin American world. For the European world and the Anglo-Saxon overseas one made up of transplanted peoples, the accepted Marxist scheme, without too many repairs, pales visibly in the face of our Ibero-Latin reality. Here, with no progressive bourgeoisies fighting feudal aristocracies, no proletariats annointed with irresistible revolutionary propensities, but with class struggles, there must exist disguised antagonistic blocs that are difficult to identify or characterize.

Second, we lack a typology of the forms for the exercise of power and political militancy, whether conservative, reformist, or insurgent. All the copious political thought available has been made up of irrelevant analyses or philosophizing speculations that leave us more perplexed than enlightened. Discussion about liberals, conservatives, and radicals, or democracy and liberalism, and even about social and political revolution may convey in other contexts some sense of concrete definitions, but in ours it means nothing, such is the ambiguity with which these expressions are applied to the most differing agents and the most disparate orientations.

Third, lacking too is a theory of culture capable of meeting the requirements of our reality, where erudite knowledge is so often spurious and popular lack of knowledge, by contrast, reaches critical proportions, mobilizing minds into strong movements for social restructuring. How can we establish the forms and the role of our erudite culture, a transplanted product governed by European fashions, in the face of popular creativity mingling the most scattered traditions, so that we can understand that new version we have of the world and of ourselves? In order to meet that necessity I wrote *The Dilemma of Latin America.* There I propose a new schema of social classes and political obligations, locating them under the pressure of the North American hegemony with which we live, not being ourselves but being what it suits them for us to be.

In a purely didactic exercise I summed up the theoretical corpus developed in those three books in order to put together *The Brazilian People: The Formation and Meaning of Brazil.* The only new thing it brings out is the theory of culture I have mentioned. I didn't put it in the *Dilemma* so as not to have to deal with such a broad theme within a Latin American dimension.

Indians and Civilization and the other four books mentioned make up my *Studies of the Anthropology of Civilization,* even though they are the result of earlier research. What is certain, however, is that its theoretical corpus is the same, based on the concept of ethnic transfiguration. It might be called the process through which peoples rise up, become transformed, or die.

Occupied with those "preliminary" writings that have resulted in five volumes of almost ten thousand pages, I neglected the book I now take up again. In effect, they are all the fruit of the search for theoretical bases that, rendering Brazil explicable, would permit me to write the book at hand.

This was what I attempted several times in Peru, as I have said—a complete revision based on my theoretical studies. Not satisfied with the form I had reached years before, I put it aside, thinking that within a few months I would pick it up again.

That's not the way it was. The tempest of my life broke over me. A cancer was eating away a whole lung that had to be removed. In the meantime I returned to Brazil, rekindling white-hot political flames that had been dormant in me during the years of exile. All that and more brought on an irresistible passion, revealing that I was mortal and enslaving me ever since, drawing me away from the task I had set for myself.

Now a new political phase is reviving the necessity to publish this book, which, in addition to being an explanatory anthropological text, is my contribution in the new struggle for a decent Brazil.

But don't be deceived: in addition to being an anthropologist, I am a man of faith and of party. My involvement in politics and science is motivated by ethical impulses and by a deep patriotism. Don't look for any neutral analyses here. This is a book that aims to be participatory, that aspires to influence people, and that aspires to help Brazil find itself.

Introduction

Brazil and the gestation of the Brazilians as a people are what we shall here attempt to reconstitute and comprehend. We have arisen out of a melding, a collision, and a melting pot of the Portuguese invader with plains- and forest-dwelling Indians and with African blacks, both groups coerced into slavery.

Out of this blend, which took place under the rule of the Portuguese, people of disparate racial origins, distinct cultural traditions, and various social formations confronted one another and merged to give birth to a new people (Ribeiro 1970) in a new model of societal structuring. New because they have arisen as a national ethnicity, culturally differentiated from their formative matrices, with a heavy racial mix, powered by a syncretizing culture and distinguished by the resulting redefinition of cultural traits. New also because they see themselves and are seen as a new people, a new human species unlike all others in existence; a new people furthermore because they make up a new model of societal structuring, inaugurating a singular form of socioeconomic organization based on a revived type of slavery and on continued bondage to the world market. New, even, because of the unlikely joy and the astonishing will for happiness in a people who have seen so much sacrifice, which encourages and stimulates all Brazilians.

Old, however, because they function as an external proletariat—that is to say, as an overseas implant of European expansion—which exists not for itself but in order to generate exportable profits through its function as a colonial provider of goods for the world market, with resulting wear and tear on populations recruited within the country or imported.

Brazilian society and culture have been shaped as variants of the Portuguese version of traditional western European civilization, differentiated by tones inherited from American Indians and African blacks. Brazil thus emerges as a renewed mutant, expressing its own characteristics but genetically tied to its Portuguese origins, which involved unsuspected potential for existence and growth that would only be fully realized here.

This coming together of so many and such varied matrices might have resulted in a multiethnic society torn by clashes among differentiated and unmixable components. Quite the opposite has taken place: in spite of the survival of marks of their multiple ancestry in physical appearance and spirit, Brazilians have not split up into antagonistic racial, cultural, or regional minorities tied to their different ethnic loyalties and demanding autonomy from the nation.

The only exceptions are a few microethnic tribal groups who have survived as islands surrounded by the Brazilian population or who, living beyond the frontiers of civilization, preserve their ethnic identity. They are so tiny, however, that no matter what their fate, they can no longer affect the macroethnicity in which they are contained.

What Brazilians possess that differentiates them from the Portuguese comes from qualities that have their origins in indigenous and African matrices, according to the particular proportions in which they have been brought together in Brazil; from the environmental conditions encountered here; and in addition from the aims that have engaged them and brought them together.

That basic ethnic unity does not signify uniformity, however, precisely because three diversifying forces act upon it: ecology, causing the emergence of distinct human environments where the natural conditions surrounding people have brought on regional adaptations; the economy, creating differentiated forms of production that have led to functional specialization and corresponding lifestyles; and lastly immigration, which has introduced into this magma new human contingents, mainly Europeans, Arabs, and Japanese. But with the nation already formed and capable of absorbing and Brazilianizing foreigners, only a few Brazilians have been "foreignized" as differences are generated in areas or social strata where immigrants have been heavily concentrated.

Along these lines, diverse rural ways of being have taken shape historically for Brazilians, which permit them to be distinguished today as *sertanejos* (people of the *sertão*) in the Northeast, *caboclos* in Amazônia, *crioulos* along the coast, *caipiras* in the Southeast and center of the country, *qaúchos* on the southern plains, as well as Italo-Brazilians, Gringo-Brazilians, or Nippo-Brazilians, all of them marked much more by what they have in common as Brazilians than by differences brought on by regional or functional adaptations or by the miscegenation and acculturation that have given various portions of the population physiognomies of their own.

Urbanization, in spite of having created so many citified ways of being, has contributed even more to the uniformity of Brazilians on a cultural level—without, however, erasing their differences. Industrialization, as a way of life that creates its own human type, has formed industrial islands where it has taken hold. New methods of mass communication are actively at work spreading and making uniform new cultural forms and styles.

No matter how differentiated they may be in their racial and cultural matrices and in their ecological-regional functions, or in respect of being descendants of old settlers or recent immigrants, Brazilians have come to know themselves, to feel themselves, and to act as a single people, belonging to one and the same ethnicity. They are, it must be said, a national entity distinct from all others, speaking the same language, differing only in regional accents less noticeable than the dialects within Portugal. They take part in a body of common traditions that is more meaningful for all than is any one of the subcultural variants that distinguish the inhabitants of a region, the members of a class, or the descendants of one of the formative matrices.

More than a simple ethnicity, however, Brazil is a national ethnicity, a nation-people settled in a territory of its own and framed into a single state where they will live out their destiny. Unlike Spain in Europe or Guatemala in America, for example, which are multiethnic societies governed by unitary states and for that very reason torn by interethnic conflicts, Brazilians are integrated into a single national ethnicity, constituting in that way a single people incorporated into a unified nation, in a uni-ethnic state. The only exceptions are the several tribal microethnicities, so small that their existence does not affect national destiny.

But this cultural uniformity and this national unity—the great result of the process of formation of the Brazilian people—must not blind us to the disparities, contradictions, and antagonisms that subsist beneath them as dynamic factors of major importance. Indeed national unity, made visible by the successive economic integration of diverse colonial implants, was consolidated after independence as an express objective reached through the bloody struggles and political wisdom of many generations. This is undoubtedly the only indisputable merit of the old Brazilian governing classes. Comparing the unitary bloc that resulted in Portuguese America with the mosaic of diverse national tableaus that came about in Spanish America, one can appreciate the extraordinary importance of this accomplishment.

Unity resulted from a continuous and violent process of political unification; it was obtained by means of a deliberate effort at suppression of all contradictory ethnic identity and the repression and oppression of all workable separatist tendencies, even social movements that basically strove to create a more open and harmonious society. Under these conditions, the struggle for unification entrenched and reinforced social and class repressions, punishing as separatist in nature even movements that were simply republican or antioligarchic.

Lying hidden beneath Brazilian cultural uniformity is a profound social distance generated by the type of stratifications produced in the very process of national formation. The class antagonism that corresponds to all social stratification is exacerbated here and sets up in opposition to the great mass of population a very restricted privileged stratum, making social distances more unbridgeable than are racial differences.

This nation-people did not arise in Brazil from the evolution of previous forms of sociability, where human groups were structured in opposing classes that join to attend to survival needs and progress. It came from the concentration of a slave labor force alien to it, recruited to serve mercantile aims. It arose through processes so repressive and violent in governance that they constituted a continuous genocide and an implacable ethnocide.

Under these conditions the social distance between the ruling classes and the subordinate ones is exacerbated, as is that between the latter and the oppressed, causing accumulation of oppositions as traumatic dissociative tensions beneath the surface of ethnocultural uniformity and national unity. As a consequence, the governing elites, first Portuguese, then Luso-Brazilian, and finally Brazilian, have always lived and still live in panicked terror of the uprising of suppressed classes. The repressive brutality used against any insurgency and the authoritarian predisposition of the central power, which admits no alteration in the established order, clearly express this terror.

Social stratification thus separates rich and well-off Brazilians from the poor, and all of them from the wretched, and places the groups in even greater opposition than is usually the case with such antagonisms. In this respect class relations become so unbridgeable that they obliterate all proper human communication between the masses of the people and the privileged minority, which sees them but ignores them, treats and mistreats them, exploits and deplores them, as if that were natural behavior. In this way the achievement represented by the process of racial and cultural fusion is denied on what is apparently the most fluid level of social

relations. Countering the unity of a cultural common denominator taken to heart by a nation of 160 million inhabitants is the tearing apart of this same people by class stratification with clear racial overtones and of the most cruelly unequal kind conceivable.

The frightful part is that Brazilians, proud of their so vaunted and so false "racial democracy," rarely perceive the deep abysses separating the social strata here. The gravest part is that this abyss does not lead to struggles aiming to bridge it, because things crystallize into a modus vivendi that separates rich from poor, as if there were castes and ghettos. The privileged simply isolate themselves behind a barrier of indifference to the lot of the poor, whose repugnant misery they try to ignore or hide through a kind of social myopia that perpetuates the separation. The mass of people, long-suffering and perplexed, see the social order as a sacred system affording privileges to a minority favored by God, a minority to whom they consent and concede everything—even the gift of existence, sometimes generous, often cold and perverse, and invariably unpredictable.

That contradiction took dynamic shape in the age-old struggles of Indians and blacks against slavery and later in the rare instances when the masses of a region organized in a struggle for an aim of their own and an alternative to the social structure, as happened with the Cabanos and in Canudos, in the Contestado, and among the Muckers.

Under such conditions of social distancing and bitterness brought on by the exacerbation of class prejudice and by the emerging awareness of injustice, anarchical convulsions could well be brought about tomorrow that will set the whole society on fire. That ever-present risk is what explains the obsessive preoccupation of the ruling classes with maintenance of order—a conclusive symptom of their knowing quite well that this might happen should the containment valves be opened. Out of that come their "preventive revolutions," leading to dictatorships, which are seen as a lesser evil than any correction of the established order.

It must be pointed out that this worry first appeared in the fear of slave revolts. Given the dark color of the poorest groups, racial fear persists when it is social antagonisms that threaten to break out with frightening violence. Its effects could take the form of a terrible social upheaval: an emotional explosion would end up in defeat, crushed by repressive forces that would restore the old unequal order on top of the rubble.

The great challenge confronting Brazil is how to achieve the necessary lucidity to chain these energies and orient them politically, with a clear awareness of both the risk of regression and the opportunities for libera-

tion. The Brazilian people have historically paid an extremely high price in struggles of the bloodiest kind recorded in history without succeeding thereby in emerging from the situation of dependence and oppression in which they live and struggle. In these fights, Indians have been decimated and blacks have been slaughtered by the millions, always defeated and dumped into slavery. In vast regions whole populations, in the hundreds of thousands, have been bloodied in counterrevolutions without attaining, except episodically, the command of their destiny to reorient the course of history.

Contrary to what official historiography alleges, there has never been a lack here—rather, an excess—of the appeal to violence by the ruling class as a fundamental arm in the construction of history. What has always been lacking has been space for social movements capable of bringing about its reversal. What has always been lacking and is still so obviously lacking is a clear comprehension of the history that has been lived as necessary to the circumstances in which it occurred, or a clear alternative project for the social order, lucidly formulated, which could be supported and adopted by the great majorities as their own. It is not unthinkable that this social restructuring be conducted without social upheaval, through a democratic policy of reform. But it is most improbable in this country where a few thousand large landowners monopolize the greater part of the territory, compelling millions of workers to go to cities and live the life of *favela* slums on the strength of upholding a few old laws. Every time a nationalist or populist politician heads in the direction of a revision of institutional forms, the ruling classes resort to repression and force.

This book is an effort to contribute to the consideration of this call for lucidity. This is what I have aimed to do in what follows. I address matters first through analysis of the process of ethnic gestation that gave birth to original nuclei, which multiplied and came to form the Brazilian people; then through the study of the lines of diversification that have shaped our regional ways of being; and finally by means of a critique of the institutional system, notably agrarian property and working methods, in the sphere of which the Brazilian people have arisen and grown, constrained and deformed.

13. Vídeo:

Porta dos Fundos

PORT 2113 – Módulo 1

Porta dos Fundos

Porta dos Fundos é uma produtora de vídeos de comédia veiculados pela internet. O canal foi lançado em 2012. O *Porta dos Fundos* se tornou o maior canal brasileiro no YouTube em abril de 2013. Em 2015 o Porta dos Fundos comemorou o recorde de 2 bilhões de visualizações em todos os vídeos publicados no Youtube. Muitos vídeos do *Porta dos Fundos* geraram polêmica no Brasil por satirizar temas religiosos. Na madrugada do dia 24 de dezembro de 2019, a sede da produtora do programa de humor Porta dos Fundos foi atacada com dois coquetéis molotov. O atentado foi relacionado com o especial de natal exibido pela plataforma Netflix.





Sobre a colonização européia:

Perguntas

Quais as diferenças da visão que os brasileiros têm da chegada dos Europeus à América em comparação com os Estados Unidos?

Os dois personagens principais falam como jovens cariocas hoje em dia. Esse sotaque é fácil ou difícil de acompanhar?

Os brasileiros se identificam mais com o indígena ou com o português? Quem é o colonizado? Por quê?



Legendas em português



Subtitles in English

Pronúncia de nomes estrangeiros:



Perguntas

Qual personagem pronuncia nomes de forma "correta" em português?

Qual dos nomes ingleses tem a pronúncia mais divertida?

Você pode dar exemplos de nomes estrangeiros que são pronunciados de forma muito diferente nos Estados Unidos?

14. Jogos

Jogo da Forca [Hangman]

PORT 2113 – Módulo 1

Tarefa:

1. Acesse o jogo no saite:
https://rachacuca.com.br/palavras/jogo-da-forca/

2. Jogue pelo menos três vezes e tire fotos do jogo no final.

